



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE**  
**PORTALEGRE**



MESTRADO EM EDUCAÇÃO E PROTEÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS EM RISCO

**Educação para a igualdade de género: um estudo de caso  
numa instituição de educação de infância**

MÓNICA ISABEL PRATES

Orientadora: Professora Doutora Amélia de Jesus Marchão

2014



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PORTALEGRE**



## **Educação para a igualdade de género: um estudo de caso numa instituição de educação de infância**

**Dissertação apresentada para conclusão do mestrado em Educação e Proteção de  
Crianças e Jovens em Risco, sob a orientação científica da Professora Doutora  
Amélia de Jesus Marchão, docente da Escola Superior de Educação do Instituto  
Politécnico de Portalegre**

**MÓNICA ISABEL PRATES**

**2014**

## RESUMO

Nesta dissertação apresenta-se um estudo de caso em que se discutem e refletem as concepções de género e o modo como as mesmas são encaradas, numa perspetiva de igualdade, num contexto de educação de infância.

Assume-se que em idade pré-escolar as crianças já desempenham papéis de género e que constroem a sua identidade de género a partir das interações que estabelecem com o meio que as rodeia, destacando a família e os/as profissionais de educação de infância como fontes de influência da criança.

Porém, os estereótipos sociais sobre o género, que de uma forma por vezes inconsciente, marcam as atitudes e comportamentos dos pais e das mães e dos/as educadores/as de infância traduzem-se e refletem-se nas respostas e papéis de género que as crianças desenvolvem.

O estudo desenvolvido demonstra concepções estereotipadas sobre o género que podem condicionar a criança e o modo como, em adulto, a mesma assumirá os seus papéis pessoais, sociais e profissionais. Assim, as famílias e os contextos de educação pré-escolar têm uma responsabilidade acrescida na educação das crianças como cidadãs ativas, solidárias e com visões igualitárias face à igualdade entre géneros.

Palavras-chave: *Educação Pré-escolar; crianças; educadoras; famílias; igualdade de género.*

## **ABSTRACT**

This thesis presents a case study in which we discuss and reflect conceptions of gender and the way they are viewed in a perspective of equality in the context of early childhood education.

It is assumed that the children at the preschool already play gender roles and construct their gender identity from the interactions established with those around them, especially family and professional's childhood education as sources of influence child .

However social stereotypes about gender, in a way that sometimes unconscious, mark the attitudes and behaviors of fathers and mothers, educators and teachers of young children. These stereotypes are reflected in the responses and gender roles that children develop.

The study demonstrates developed stereotyped conceptions about gender which might influence the child and how, as an adult, she will assume in their personal, social and professional roles. Thus, families and preschool contexts have greater responsibility under children's education as active citizens, with solidarity and egalitarian visions face gender equality.

Keywords: Preschool education, children, educators/teachers, families, gender equality.

## AGRADECIMENTOS

A presente página é escrita com muito carinho, uma vez que é aqui que ficam registadas palavras de profunda gratidão por pessoas que estão e estarão para sempre guardadas no meu coração. Nesta página proferirei palavras de agradecimento com muito orgulho e carinho pelas pessoas que, de alguma forma, me ajudaram ou acompanharam nesta etapa da minha vida.

Para começar quero agradecer à Professora **Doutora Amélia de Jesus Marchão**, por ter sido a minha Orientadora, pela disponibilidade, pelas palavras de apoio, e por ter sido a minha psicóloga nos momentos mais difíceis. A Professora Doutora Amélia Marchão representa uma referência para mim desde a Licenciatura, altura em que a conheci e em que foi minha Professora de Prática Pedagógica.

À minha colega de jornada **Esmeralda Pires**, pelo apoio, pelo carinho, pelo trabalho, pelos momentos em que tantas vezes desabafamos partilhando angústias, alegrias, algumas derrotas mas também vitórias. As vitórias são o mais importante, mas sem dúvida nos momentos que mais precisei, ela esteve lá.

À **Diretora Dora Cabeça** representante da instituição onde trabalho, por me ter autorizado a desenvolver a investigação na respetiva instituição.

Às **crianças** do grupo que entrevistei, que me receberam com muito carinho, muito entusiasmo e responderam sem receios a todas as minhas perguntas.

À **Educadora Olga** e à sua equipa pedagógica, a **Auxiliar de Ação Educativa Mónica** e à **Empregada Auxiliar Dina**, pelo apoio, disponibilidade e, principalmente, por terem servido de intermediárias entre mim e os pais das crianças; sem elas não seria possível.

Aos **pais das crianças**, pelo facto de me terem autorizado a entrevistar os filhos e também por todos, sem exceção, me terem respondido aos questionários que lhes foram entregues pelas responsáveis das salas. Agradeço pela confiança e por se interessarem pelo trabalho que se estava a realizar, sem esse apoio isto não seria possível. Muito obrigada.

Quero agradecer também às colegas **Educadoras** que se disponibilizaram para responder ao questionário, nomeadamente, Educadora Dora, Educadora Sílvia, Educadora Ana de Fátima, Educadora Teresa e à Educadora Hortênsia.

Os agradecimentos à minha família ficaram para último, não por serem os menos importantes, muito pelo contrário, mas por serem realmente os mais importantes. Obrigada **filho** pelo carinho que me deste, mesmo quando a mãe não esteve presente. Os pensamentos estiveram e estão sempre em ti, é tudo a pensar em ti. Obrigada pelos beijinhos, pelos carinhos, pelas palavras que me davam força para ultrapassar todos os momentos menos bons. O teu sorriso é sem dúvida inspirador e a maior recompensa que a mãe pode ter.

Obrigado **Zé**, meu “*super marido*” pelo apoio, por seres a minha consciência, pelo carinho, pela companhia nas viagens; obrigada por seres o marido que és e o que representas na minha vida. Que assim seja sempre.

Obrigado **pai** pelas palavras de incentivo.

Por fim, quero agradecer à minha querida **mãe** por tudo, pelo apoio, carinho, amparo, pela ajuda, não só a mim mas também ao meu menino. Obrigada por teres cuidado tantas vezes do **Silvestre** e por me teres mantido sempre presente na vida dele. Ultrapassar esta etapa da minha vida é uma vitória para mim, mas sem dúvida que também o é para a minha mãe. Sei que se existe alguém que se orgulha do que sou é a minha mãe. Por isso este agradecimento é muito especial.

MUITO OBRIGADA MÃE

## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

### **Siglas:**

▶ **OCEPE**- Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar

▶ **ME**- Ministério da Educação

▶ **CIG**- Comissão para a Igualdade de Género

### **Abreviaturas:**

▶ **SD**- Sem data

▶ **Op. cit**- Anteriormente citado

## ÍNDICE GERAL

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
INTRODUÇÃO .....	10
<b>PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	13
1. Contextualização das questões de género .....	14
1.1 Concepções de género.....	14
1.2 Igualdade de género.....	18
2. Construção da identidade de género: um trabalho coletivo.....	23
2.1 Família: filho diferente de filha?.....	23
2.2 Jardim de infância-família: uma parceria essencial.....	28
2.3- Práticas educativas em contexto pré-escolar relacionadas com questões de género.....	33
<b>PARTE II – ESTUDO DE CAMPO</b> .....	36
1. Opções metodológicas .....	37
1.1 Os pontos de partida e o “mapeamento metodológico do estudo de campo” .....	37
1.2 Tipo do estudo quanto aos procedimentos técnicos – estudo de caso.....	40
1.3 Instrumentos de recolha de dados usados no “estudo de caso” e procedimentos de tratamento e análise de dados .....	42
2.Análise dos dados recolhidos.....	45
2.1 Breve identificação do contexto do estudo de caso .....	45
2.2 Análise e interpretação das concepções dos pais.....	45
2.2 Análise e interpretação dos dados recolhidos através dos questionários às educadoras de infância.....	60
2.3 Análise das entrevistas feitas às crianças .....	76
<b>PARTE III – CONCLUSÕES FINAIS</b> .....	85
Conclusões e recomendações .....	86
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	90
BIBLIOGRAFIA .....	91

## ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO N.º 1: Exemplos de atividades e ou estratégias enunciadas pelas educadoras promover a igualdade de género .....	69
QUADRO N.º 2: Tarefas que a menina e o menino podem fazer .....	80

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Género dos encarregados de educação .....	46
GRÁFICO 2: Idade das encarregadas de educação e do encarregado de educação .....	47
GRÁFICO 3: Escolaridade do encarregados de educação .....	47
GRÁFICO 4: Profissões.....	48
GRÁFICO 5: Significado de conceito de género .....	48
GRÁFICO 6: Educaria um filho diferente de uma filha? .....	49
GRÁFICO 7: Principais modelos sociais indicados pelas/o inquiridas/o .....	50
GRÁFICO 8: Concordância ou discordância sobre afirmações que na sociedade se podem colocar face à igualdade de género .....	51
GRÁFICO 9: Exercício das tarefas no seio familiar pelo género feminino .....	52
GRÁFICO 10: Preferência por um género ou outro, aquando do nascimento do/a descendente .....	55
GRÁFICO 11: Hipóteses referentes às filhas .....	55
GRÁFICO 12: Hipóteses referentes aos filhos .....	56
GRÁFICO 13: Brinquedos para as filhas.....	58
GRÁFICO 14: Brinquedos para filhos.....	59
GRÁFICO 15: Idades das educadoras .....	61

GRÁFICO 16: Tempo de serviço das docentes .....	61
GRÁFICO 17: Educação das educadoras baseada ou não em igualdade de géneros .....	62
GRÁFICO 18: Igualdade de género na sociedade .....	63
GRÁFICO 19: Direitos iguais entre homens e mulheres .....	64
GRÁFICO 20: Profissão de educador/a típica de um determinado género.....	65
GRÁFICO 21: As profissões deverão ser associadas a um género de pertença?.....	66
GRÁFICO 22: Atitudes discriminatórias das crianças face ao género oposto .....	68
GRÁFICO 23: Observa estereótipos de género nas crianças.....	70
GRÁFICO 24: Conhece o guião de educação género e cidadania pré-escolar .....	72
GRÁFICO 25: Influência das famílias nas questões de igualdade de género.....	72
GRÁFICO 26: Incidência de encarregados de educação por género por sala .....	75

## **INTRODUÇÃO**

## INTRODUÇÃO

Na atualidade, o termo gênero distingue-se do termo sexo e entende-se que o primeiro é usado quando descrevemos “*componentes não fisiológicos do sexo que são culturalmente esperados como apropriados aos homens e às mulheres, referindo-se a um rótulo social pelo qual se distinguem dois grupos de pessoas*” (Rodrigues, 2003: 17). É no desenvolvimento e âmbito social que se constrói a identidade de gênero, quase sempre envolta em estereótipos e marcas culturais e sociais, que se vão sucedendo, muitas vezes não no sentido da igualdade mas da diferença discriminatória entre os indivíduos do gênero masculino e do gênero feminino.

Desde muito cedo, ainda quando se encontram no ventre materno, as crianças vivem sobre o espectro de estereótipos sociais que influem na construção da sua identidade de gênero e que vão determinando o modo como, mais tarde, se situarão quanto à igualdade entre os gêneros masculino e feminino. Esses estereótipos vão sendo veiculados pelas individualidades, instituições e ou contextos que rodeiam as crianças – pai, mãe e outros familiares, amigos, creche, jardim de infância, escola, entre outros.

Estudos que têm vindo a ser desenvolvidos, e o crescente contributo da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, têm trazido para o campo educativo preocupações sobre o conceito de gênero e, mais particularmente, sobre a necessidade de se pensarem dinâmicas formativas que contribuam para que, desde cedo, as crianças se envolvam em situações e atividades que as ajudem a construir um sentido de vida apoiado em dimensões de uma cidadania igualitária e solidária. A “*educação para a cidadania é um processo que decorre ao longo da vida. Começa em casa e/ou no meio próximo das crianças com as questões que vão surgindo na vida quotidiana a propósito das relações interpessoais, da identidade, das escolhas, da justiça, do bem e do mal e vai-se desenvolvendo à medida que se expandem os horizontes da vida*” (Cardona, Nogueira, Vieira, Uva & Tavares, 2010: 59).

É nesta dinâmica que a família e o jardim de infância têm um amplo desafio e exercem sobre as crianças uma influência determinante na construção da sua identidade de gênero e na relação que irão construir com o gênero oposto, tendo a consciência que “*a aquisição pela criança de comportamentos normais de papéis de gênero é um aspecto fundamental do desenvolvimento e ajuste de toda a personalidade*” (Rodrigues, op. cit.:18) e que ela se vai

apropriando desses papéis e ações do masculino e do feminino, através da observação e das interações que estabelece com o que a rodeia e com quem a rodeia.

Como dizem Marchão e Bento (2013) a criança, desde cedo, lida e aprende a viver em função da realidade de gênero e, no seu quotidiano, responde socialmente de acordo com os modelos que impregnam o seu meio próximo, de feminilidade ou de masculinidade, reproduzindo-os.

Na idade pré-escolar, a criança vai adquirindo e desenvolvendo comportamentos que são típicos de meninos ou de meninas e que se enquadram no meio que a circunda e, em simultâneo, aprende o significado de gênero por via dos comportamento e das ações estereotipadas que existem no seu meio, associando-se a um dos gêneros e começando a comportar-se de acordo com o que socialmente se espera de cada um dos gêneros.

Se o meio e a família são responsáveis por este processo, os contextos de educação pré-escolar (quando se trata de crianças mais novas) não se podem dele dissociar e a sua ação educativa, em complementaridade com a da família, deve promover ações e situações que, ao serem observadas e assimiladas pelas crianças, se constituam como aprendizagens positivas e igualitárias face aos direitos e deveres de cada um dos gêneros, contribuindo para que mais tarde essas crianças, em idade adulta, sejam promotoras de comportamentos e atitudes não discriminatórias.

É neste contexto que se desenvolveu o trabalho de investigação que agora se apresenta, entendendo-o como um modesto contributo para a necessidade de as famílias e as educadoras/educadores de infância ganharem consciência de que, muitas vezes, sem intenção, estão a contribuir para que as crianças construam uma identidade de gênero estereotipada socialmente por matrizes não igualitárias e discriminatórias que se vêm perpetuando ao longo de gerações. Também, no âmbito do mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco se considera o tema desta dissertação pertinente e propiciador de uma reflexão mais alargada no âmbito das políticas que nesta área vêm sendo tomadas, pois como diz Vieira (2006: 15) *“o gênero tem sido considerado como um dos principais elementos organizadores das relações sociais. Ele influencia a forma como homens e mulheres se percebem - em aspectos tão diversos como as competências próprias, as tarefas mais adequadas a uns e a outros ou mesmo os interesses supostamente condizentes com a sua pertença biológica - e o modo como avaliam as outras pessoas.”*

Se aos 3 ou 4 anos de idade as crianças já começam a compreender o comportamento e os objetos apresentados como típicos do masculino ou do feminino, e se a partir dos 5 ou 6 anos as mesmas já se vão conseguindo abstrair de algumas ideias mais estereotipadas sobre o género, como diz Baptista (2013), então vale a pena nos consciencializarmos da necessidade de desenvolver práticas educativas consentâneas com a igualdade entre o feminino e o masculino.

O estudo que se apresenta foi desenvolvido através de uma atitude investigativa de índole qualitativa e, sobretudo, descritiva e interpretativa conduzida por uma atitude reflexiva e expressão do suporte teórico que sustentou o próprio estudo, considerando os principais atores de um contexto educativo – famílias, educadoras de infância e crianças. Optou-se, metodologicamente por conduzir a investigação através de um estudo de caso, embora conscientes dos limites que uma investigação assim desenvolvida pode apresentar, desde logo pela impossibilidade de generalização dos seus resultados.

Assim, esta dissertação estrutura-se em três partes principais:

- Enquadramento teórico – em que se tentou expressar, a partir de uma análise seletiva da literatura, o conceito de género e o modo como ao longo do tempo o mesmo tem vindo a evoluir; e, fundamentalmente como a família e os contextos de educação pré-escolar podem contribuir para que a criança assuma a sua identidade de género longe de estereótipos sociais que não promovem a igualdade entre os géneros masculino e feminino.
- Estudo de campo – em que se justificam as opções metodológicas para o desenvolvimento deste estudo; em que se apresenta a questão de partida bem como as questões orientadoras e os objetivos do estudo; e em que se procede depois à apresentação, análise e interpretação dos dados.
- Conclusão final – em que se apresentam, em forma de síntese, as principais conclusões e as sugestões que, no presente/futuro e em termos de práticas educativas e ou investigativas, se consideraram pertinentes.

## **PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## 1. Contextualização das questões de género

### 1.1 Concepções de género

Para melhor compreendermos o conteúdo deste estudo considera-se pertinente partir da discussão sobre o que significa o termo género distinguindo-o do termo sexo, dado que as questões de género sempre foram controversas e é necessário contextualizar as conquistas feitas ao longo dos tempos para tornar a igualdade entre géneros uma realidade.

O termo género, muito utilizado no desenvolvimento das análises feministas que ocorreram na década de 1970, é muitas vezes confundido com o termo sexo. Género é definido, segundo as palavras de Rabelo (2010: 161-162), como *“uma construção social de atributos diferentes a homens e mulheres efectivada durante toda a vida, o que acaba por determinar as relações entre os sexos em vários aspectos. O uso deste termo visa, assim, sublinhar o carácter social das distinções fundadas sobre o sexo e a rejeição do uso da palavra **sexo** que, etimologicamente, se refere à condição orgânica que distingue o macho da fêmea, enquanto que a palavra género se refere ao código de conduta que rege a organização social das relações entre homens e mulheres.”* No que diz respeito ao sexo, Martelo (2004: 15) cita Oliveira, quando este afirma *“sexo – [como] cada uma das diversas formas aptas à reprodução que o homem, os outros animais e plantas podem apresentar. Nos animais superiores existem dois sexos capazes de contribuir para a reprodução: machos e fêmeas.”*

Serpa (2011: 3), citando Pereira & Freitas, afirma que o género se constitui com *“um conjunto de características e comportamentos que é atribuído ao sexo masculino e ao feminino pela(s) sociedade(s) e que se relaciona com crenças que definem o que é masculinidade e a feminilidade, bem como, as expectativas concebidas pelo(a)s próprio(a)s pais/mães sobre o que será e fará o seu/sua filho(a) se for rapaz ou rapariga.”*

Se o sexo se insere no quadro da biologia, de acordo com Rabelo (op. cit.), o género é uma questão social, ou seja, o género é uma mera construção social. O termo género é, então, uma questão de pertença ao feminino ou ao masculino.

Segundo Amâncio (2010), os estudos feitos sobre as questões relacionadas com as diferenças de género levantaram, durante bastante tempo, alguns mitos que não estão

provados cientificamente. Antes de se falar em género, evidenciava-se a supremacia masculina face à submissão feminina. Mill (2006) teoriza esta questão recuando alguns séculos, altura que se considera que as mulheres deram os primeiros passos para a sua emancipação. Mill (op. cit.: 11) refere que *“a subjugação de um sexo ao outro era errada em si mesma e que constituía um dos principais obstáculos ao progresso humano. O sistema social, no que aos direitos das mulheres dizia respeito, era a continuidade da escravatura primitiva na medida em que as mulheres eram privadas de quaisquer direitos.”*

A crença de que o sexo feminino era inferior ao sexo masculino, determinava tratamentos diferentes entre sexos, nomeadamente em contexto laboral, havendo trabalhos destinados às mulheres e outros aos homens, resultado de um preconceito alimentado por falsas justificações para inferiorizarem as mulheres.

No entanto, Freitas (2011: 27) refere que as mulheres, embora submetidas aos maridos, detinham nas suas mãos o poder de gerir a vida familiar em que a *“dona de casa é a pessoa que dirige a actividade diária, que superintende à generalidade dos acontecimentos para o bem-estar da família. A administração do orçamento familiar faz parte do seu papel instrumental enquanto tesoureira da família, papel de prestígio para a mulher, embora estivesse subordinada ao marido.”*

Afirmavam-se diferenças biológicas que podiam provar a inferioridade feminina tanto a nível psicológico como social. As diferenças biológicas a que se referem alguns autores poderão, então, estar a confundir identidade sexual com género, mas, como inicialmente afirmámos, sexo refere-se a uma vertente biológica relacionada com as características físicas às quais estará implícita a capacidade de reprodução e, por outro, lado o género está relacionado com influências sociais (Serpa, op. cit.).

Assegurava-se que o tamanho da cabeça das mulheres era um indicador da inferioridade intelectual, mas revelou-se difícil provar cientificamente esta afirmação. As análises partiram do estudo aos cérebros, tendo como objetivo provar a inferioridade feminina. Tal como referem Dias & Machado (2008) faziam-se comparações entre os dois sexos, chegando à conclusão de que as mulheres não faziam parte dos grandes génios existentes. Através da psicométrica conseguiram fundamentar dizendo que *“a inferioridade intelectual da mulher; as diferenças hormonais justificavam a instabilidade emocional feminina e a agressividade masculina; a programação biológica e comportamental da maternidade, sustentada na crença dos instintos, (...)”* (Dias & Machado, op. cit.: 572). Esses estudos, que apenas serviram para mostrar a instabilidade emocional feminina e a

agressividade masculina, relatavam que a mulher será mais afetiva do que o homem devido à sua capacidade para a maternidade. Cerdeira (2009: 83) menciona que *“a maternidade orienta naturalmente as mulheres para a família e os afazeres domésticos, o que permite libertar o homem para poder investir na esfera profissional.”*

Durkheim, que viveu entre 1858 e 1917, considerava que a condição de inferioridade das mulheres é necessária e que as suas funções são, fundamentalmente, afetivas e referentes à feminilidade, legando as funções intelectuais aos homens e afirmando a fragilidade das mulheres que, por isso mesmo, não podem exercer determinadas funções (Amâncio, op. cit.). Na análise que Amâncio (op. cit.) faz do pensamento de Durkheim ressalta que este pretende explicar que determinados acontecimentos na vida de ambos os sexos são encarados de maneiras diferentes, embora não se consigam explicar as razões para tal acontecer.

As questões relacionadas com as diferenças entre géneros também despertaram o interesse dos psicanalistas. Amâncio (op. cit.), citando Freud (1923/62), considera que o que definia as diferenças eram questões relacionadas com o desenvolvimento da sexualidade durante a infância e a puberdade. Freud baseia a sua teoria tendo em conta o complexo de Édipo e o complexo de Electra, ou seja a atração existente entre a criança e o progenitor do sexo oposto e a conseqüente incompatibilidade com o do mesmo sexo. Estas teorias sublinharam que *“(...) a criança pretende ser como o pai ou a mãe, identificando-se com os progenitores do seu sexo, e desse modo vai adoptar os seus comportamentos, atitudes e valores”* (Silva, Araújo, Luís, Rodrigues, Alves, Rosário, Cardona, Campiche & Tavares, 2005: 13).

Por seu lado, as teorias de aprendizagem social destacam, segundo os autores antes citados (Silva, et. al, op. cit.: 13) *“o papel do reforço e do castigo na adopção dos comportamentos “apropriados” ao género. Já as teorias cognitivistas consideram esta aprendizagem como um exemplo de como a criança entende e domina classificações, categorias, scripts e esquemas.”*

Ainda os mesmos autores (Silva, et. al, op. cit.) e Miranda (2008) destacam a *Gender Schema Theory* salientando que esta teoria se inscreve na senda das teorias cognitivas e que a mesma *“assume que as crianças aprendem a usar os esquemas de género para que as suas experiências tenham sentido e para que possam processar nova informação. Através deste processo, as crianças adquirem atributos comportamentais consistentes com as suas estruturas cognitivas, isto é, com a sua auto-percepção enquanto seres femininos*

ou masculinos.” (Miranda, op. cit.: 6). Esta autora identifica esta teoria como a mais completa e abrangente.

Entende-se que as crianças interiorizam o conceito de género não só através dos seus progenitores mas também através da observação de muitos e variados modelos, no âmbito da sua socialização ao longo de toda a vida.

Amâncio (op. cit.) destaca também Parsons (1956ab), que coloca a influência das diferenças de personalidade entre sexos na estrutura familiar e social, sendo essa influência impulsionadora das diferenças de personalidade. A personalidade dos seres é influenciada pelo meio em que está inserido, sendo esse comportamento condicionado pelo que é suposto ser o comportamento adequado. A estrutura familiar é feita segundo uma hierarquia, ou seja, o homem sustenta a família trabalhando no exterior, a mulher ficará com a tarefa de manter o bem-estar familiar. Tal estrutura é encarada como a ideal e que esta entretida influencia positivamente a personalidade e o equilíbrio entre sexos. Embora exista entretida o papel do homem é considerado de maior relevo, sendo a figura masculina a figura paterna o “*modelo de autoridade*”.

O mesmo autor (op. cit.) refere ainda Blumberg (1984) que enfatiza o facto de as mulheres terem tido um papel secundário na sociedade, embora existisse necessidade de utilizar as suas capacidades em determinadas ocasiões que marcaram a história, nomeadamente na segunda guerra mundial. As mulheres foram mobilizadas, uma vez que os homens tinham de assumir compromissos de guerra. Apesar das dificuldades, as mulheres apenas poderiam assumir cargos relacionados com a enfermagem, ensino, secretariado e outras funções mais domésticas subjacentes à sua condição de mulher. Estas profissões, nomeadamente a enfermagem, estão associadas, “*à feminilidade, que decorre da história da prestação de cuidados e da enfermagem como profissão, é apontada como a principal razão para a falta de reconhecimento social e para o baixo estatuto desta profissão, tanto por sociólogas como por teórico/as da enfermagem*” (Simões & Amâncio; 2004: 71).

A partir dos anos 70 do século XX as diferenças entre géneros deixaram de estar associadas apenas aos fatores biológicos mas também a fatores psicológicos. Tal como refere Amâncio, na obra que temos vindo a citar, tanto homens como mulheres têm as suas características, sendo os seus comportamentos influenciados pela sociedade. Ambos os indivíduos interiorizaram os comportamentos adequados, comportamentos socialmente aceitáveis.

Assim, as diferenças entre géneros não se restringem apenas à diferença sexual e “o género atravessa todas as instâncias do social, estendendo os seus significados tanto à família, como ao trabalho, ao estado ou às relações interpessoais” (Simões & Amâncio, op. cit.: 72).

Quando um indivíduo nasce já vem com a sua identidade definida, depois será moldado pelos intervenientes sociais. O comportamento aprendido explica assim as diferenças de género que segundo Amâncio (op. cit.) têm um papel determinante nas atitudes de ambos os sexos. Os seres limitam-se a reproduzir comportamentos de outros indivíduos do mesmo género. Tendo em conta que as diferenciações entre géneros são vistas como categorias sociais, o que importa será analisar as conceções feitas pela sociedade relativamente à diferenciação entre géneros.

Segundo Amâncio (2003), em Portugal, o interesse pelas questões relacionadas com a diferenciação de género é recente. Apenas a partir do 25 de Abril de 1974 começa a desenvolver-se algum trabalho, embora de forma lenta. Os anos 70 e 80 são vistos como os anos da mais significativa mudança social em Portugal, período marcado também por uma maior e mais evidente evolução feminina e pela “luta das mulheres pela sua emancipação e libertação” (Magalhães, 1998: 7).

Como se tem vindo a evidenciar, muitas das ideias que distinguem os homens das mulheres são baseadas em estereótipos, que se designam de género. Cardona, et al (op. cit.: 26), referem que “os estereótipos constituem conjuntos bem organizados de crenças acerca das características das pessoas que pertencem a um grupo particular.” São, portanto, ideias preconcebidas que estão muito enraizadas e que determinam as atitudes e os comportamentos que os homens e as mulheres devem ter.

Neto et. al (2000, p. 11), citados por Duarte (2013: 40) afirmam que os estereótipos de género “são frequentemente definidos como o conjunto de crenças estruturadas acerca dos comportamentos e características particulares do homem e da mulher” e correspondem a expectativas e crenças partilhadas sobre os comportamentos que se entendem apropriados para homens e mulheres em cada sociedade.

## **1.2 Igualdade de género**

A conquista feminina pela igualdade tem sido lenta mas gradual e alguns/algumas autores/autoras já consideram que a igualdade entre géneros está praticamente conseguida.

A busca incessante do direito à igualdade entre géneros tem revelado muitas conquistas e bastantes vitórias; contudo será importante referir que ainda há muito para ser feito. Nos estudos efetuados, por vezes, escamoteiam-se questões pertinentes relacionadas com a “suposta” igualdade entre géneros. Reforça-se a ideia de “suposta”, uma vez que alguns/algumas autores/autoras manifestam que ainda existem algumas diferenças nomeadamente ao nível de uma desigualdade qualitativa em que *“elas já são mais numerosas do que eles na escola, mas ensino misto e coeducação estão longe de ser conceitos sinónimos; no mundo profissional existem ainda disparidades salariais em muitos sectores de actividade, persistem os chamados tectos de vidro na ascensão profissional, as jovens mulheres recém licenciadas têm mais dificuldade de acesso ao emprego do que os seus colegas do sexo masculino e o desemprego afecta-as mais.”* (Cardona et. al., op. cit.: 7)

Serpa (op. cit.) alude a Tomé e Rambla (2001) para salientar que existem papéis sociais representados por homens e por mulheres que se comportam de acordo com determinadas regras sociais. As desigualdades continuam a existir em diversas situações, não apenas no que se refere a questões profissionais como também a questões domésticas. Cardona, et. al (op. cit.) referem que às mulheres continuam a ser associadas condições como cuidar da família, acrescentando trabalhar em simultâneo, sujeitando-as a uma sobrecarga física e até psicológica. As mulheres, apesar da emancipação e de investirem bastante na sua formação, ainda têm pouca presença, nomeadamente na vida pública. Existem alguns cargos que ainda são assumidos principalmente por homens.

Ao fim de muitas lutas pela igualdade, alguns/algumas autores/as, como Hérítier (1996) defendem que apesar de as desigualdades estarem a esbater-se não significa de todo que desapareçam. Trata-se de um facto, as mulheres cada vez mais assumem responsabilidades e tarefas masculinas, mas na opinião da referida autora *“há sempre mais longe, mais à frente, um «domínio reservado masculino», no clube muito selecto da política, da religião, das responsabilidades empresariais, etc”* (Hérítier, op. cit.: 27).

Na perspetiva da autora (1996), estas desigualdades são difíceis de esbater devido ao facto de estarem inculcadas na nossa sociedade, sendo transmitidas logo à nascença e apresentarem-se como valores transmitidos de forma explícita, que não sendo corretos correspondem ao que é socialmente aceitável.

Contudo, para a autora (op. cit.), a situação de igualdade “*idílica*” não será fácil de atingir, visto que seria necessário destruir socialmente algumas ideias que estão ligadas entre si tais como “*proibição do incesto, a repartição sexual das tarefas, uma forma reconhecida de união estável e, acrescento, a valência diferencial entre os sexos*” (Héritier, op. cit.: 28).

Héritier (2002) salienta que o cérebro das mulheres apresenta as mesmas características do cérebro dos homens. Ocupa o mesmo lugar, apresenta as mesmas formas, as mesmas circunvoluções e desempenha as mesmas funções. Porém, aponta a estatura física feminina como responsável pelo peso inferior do cérebro das mulheres. Esta justificação torna-se infrutífera, na medida em que as mulheres revelam as mesmas capacidades intelectuais masculinas. Héritier (2002) refere que todas estas tentativas feitas para inferiorizar as mulheres caem por terra quando se verifica que as performances são as mesmas.

Apesar de todas as tentativas para o impedir, as mulheres conquistaram uma posição bastante positiva na sociedade, sendo esse facto verificável através do aumento do emprego, níveis de formação e instrução. As mulheres ocupam cada vez mais lugares onde se tomam decisões importantes, nomeadamente cargos políticos. Desta forma, as mulheres desempenham funções que ao longo dos anos têm feito com que as taxas de emprego tenham vindo a aumentar. Contudo, Cerdeira (2009) argumenta que as disparidades salariais continuam a existir tendo em conta o quinto relatório anual sobre a igualdade entre homens e mulheres da Comissão Europeia. Citando a mesma autora, consideramos importante referir a situação vivida por Portugal, “*os dados do Eurostat, referentes ao ano de 2007, revelam que a percentagem de mulheres que trabalha a tempo parcial (16,9%) mais do que duplica a dos homens (8%), a taxa de desemprego feminina supera a masculina em três pontos percentuais (respectivamente, 6,6% e 9,6%), e o desemprego de longa duração, isto é, igual ou superior a 12 meses, ultrapassa o dos homens em 1,3 pontos percentuais*” (Cerdeira, op. cit.: 82).

Apesar de todas as evidentes conquistas feitas pelas mulheres, Beleza (2010) considera que as relações sociais de género são “*desiguais*” em detrimento do género feminino.

A incessante procura de direitos de igualdade entre homens e mulheres, apesar de lenta tem surtido os seus efeitos. Portugal não é exceção e a tentativa de integrar as

mulheres em contextos maioritariamente representados por homens fez com se comprovasse que as mulheres têm capacidades.

Silva (2002) questiona-se se realmente os estados cumprem o compromisso assumido na Conferência das Nações Unidas sobre a igualdade de género, datada de 1995, na qual os chefes de estado presentes se comprometeram a implementar uma estratégia de *“internalização da igualdade de género nas políticas públicas correntes”* (Silva, op. cit.: 35). A autora refere que as mulheres integram uma sociedade discriminatória face ao género feminino, salientando que *“se quiserem ser honrados com o compromisso assumido e dar-lhe cumprimento, os governos devem passar a incorporar nos seus processos de tomada de decisão política uma grelha de análise que diferencie necessidades, interesses, objectivos, recursos e resultados, segundo o género, de modo a respeitar o princípio da igualdade”* (Silva, op. cit.: 35). Reconhece, também, que as investigações realizadas revelam que as mulheres não estão totalmente de parte na vida pública, ocupando lugares na administração pública como secretárias, assessoras, chefes de gabinete e, maioritariamente a educação é representada por mulheres, principalmente no exercício da profissão no contexto da educação pré-escolar e da universidade.

Desempenham também funções relacionadas com a administração tais como, economia, finanças, assim como na investigação científica e na cultura.

Não podemos deixar de referir que Portugal representa um dos países mais avançados, no que se refere ao plano de direitos à igualdade. Atualmente, assistindo aos debates do parlamento, podemos aperceber-nos que tem existido uma evolução positiva, existindo algumas mulheres a ocupar cargos políticos. Estas mulheres fazem-se ouvir e de certa forma representam todas as mulheres. Tomam decisões, tomam a palavra fazendo-se ouvir, proferindo palavras assertivas, tornando-se respeitadas não apenas no seio das famílias, como no trabalho, e pela sociedade.

A afirmação que se segue resume um pouco a situação feminina atual. Todos deveriam compreender que, *“por igualdade de género dever-se-á entender como a igual valorização, independentemente das diferenças entre mulheres e homens, assim como os diferentes papéis que desempenham na sociedade (...)”* (Serpa, op. cit.: 17).

É, pois, importante que exista um maior equilíbrio entre valores femininos e masculinos para que possam, em conjunto, participar ativamente tanto na vida pública, no que diz respeito ao género feminino, como na privada no que diz respeito ao género masculino.

Para existir equilíbrio, e tendo em conta o que temos vindo a referir, o respeito pela igualdade deverá ter como base o respeito individual.

Ao longo do nosso texto, e apesar de hoje na situação laboral as mulheres terem acesso a profissões variadas e que antes eram apenas desempenhadas pelos homens, não devemos terminar este capítulo sem referir o papel das mulheres nas profissões da educação, referindo-nos em particular ao seu papel como profissionais da educação de infância.

Segundo Sarmiento (s.d), em Portugal, não se pode falar da profissão de educadora de infância antes dos anos cinquenta; embora no final do século XIX e, principalmente na primeira metade do século XX, se tenha verificado uma evolução no sentido de trabalhar com crianças fora do ambiente familiar. A profissão de educadora de infância surgiu exclusivamente como uma profissão no feminino: *“estamos a relatar a realidade social, na medida em que, até 1974, não era permitida a existência de homens-educadores de infância, sendo que na actualidade este grupo profissional é composto, numa percentagem acima dos 98%, por mulheres”* (Sarmiento, sd.: 99).

A profissão continua a ser maioritariamente feminina e são poucos os homens que em Portugal exercem a profissão de educador de infância. Nas afirmações de Sarmiento (s.d) quando a profissão é exercida por um homem, a escolha recai sobre os grupos de crianças mais velhas, ou dentro da profissão escolhem funções de carácter mais administrativo.

Porém, no entender de Pires (2007) esta profissão tem vindo a tomar cada vez mais significado e tem evoluído à medida que os estudos sobre a infância a valorizam, pois a par das conquistas femininas no que ao estatuto profissional e social se refere, outras conquistas, ao nível da psicologia, pedagogia, pediatria e saúde pública, vieram dar mais valor às crianças e ao seu posterior desenvolvimento, bem como à profissão docente.

## **2. Construção da identidade de gênero: um trabalho coletivo**

### **2.1 Família: filho diferente de filha?**

Considerando que a formação da identidade de gênero, enquanto uma pertença individual de cada sujeito que pertence a uma categoria, ocorre na mais tenra idade, será importante que esta problemática seja abordada em contexto familiar e de educação pré-escolar, pois aí se inicia o processo de aprendizagem social das crianças e, como dizem Cardona et. al. (op. cit.: 20) “ *o gênero é uma das primeiras categorias que a criança aprende, facto que exerce uma influência marcante na organização do seu mundo social e na forma como se avalia a si própria e como percebe as pessoas que a rodeiam.*”

Se a sociedade em geral e a escola contribuem para o desenvolvimento da identidade das crianças, a família também é grandemente responsável pela formação dessa identidade. Acredita-se que as crianças de tenra idade estarão mais facilmente expostas à moldagem de comportamentos. Freitas (2011) tece considerações relevantes que permitem perceber sucintamente a importância do contexto familiar na construção da identidade da criança, sendo a família considerada “*um ambiente em que os rapazes e raparigas crescem e se educam em comunidade de forma natural, com alguma tensão saudável, mas inócua*” (Freitas, op. cit.: 99).

É no contexto familiar que primeiramente as crianças são preparadas desde que nascem para serem seres sociais. A família é, assim, a primeira instituição que contribui para a formação das crianças, sendo considerado o contexto socializador mais eficaz (Bem & Wagner, 2006; Figueiredo, 2010). Constitui o primeiro e mais importante grupo social em que a criança está inserida, sendo no “*seio desta que se aprende a viver e a agir, interiorizando os valores e as normas sociais dominantes. Assim, a família deve ser o espaço educativo primordial*” (Cardoso, 2010: 13).

A formação da identidade passa pela compreensão de que gênero e sexo têm significados diferentes, embora sejam indissociáveis, Rodrigues (2003) subescreve Macdonald (1981) quando este diz que “*os papéis de gênero e identidades das crianças podem ser tão bem correlacionados com as variações dos estereótipos sexuais e dos modelos parentais, a implicação é que elas são grandemente um produto da cultura- que «gênero» é diferente de «sexo»*” (Rodrigues, op. cit.: 18). Considerando que, principalmente,

os pais serão o exemplo mais próximo das crianças, serão estes os mais suscetíveis de serem imitados pelos seus filhos. Neste sentido, os pais albergam assim uma enorme responsabilidade pela formação das crianças enquanto seres humanos e enquanto seres sociais.

Os pais têm um papel preponderante na educação dos filhos; porém, eles próprios são resultado do contexto social onde vivem e, nesse âmbito podem ser transportadores de estereótipos de género que podem transmitir aos seus filhos. A transmissão de estereótipos de género, por parte dos progenitores, não se reflete apenas aquando do nascimento dos filhos, mas ao longo da vida familiar em que os pais têm visivelmente tarefas diferentes das mães (Serpa, op. cit.).

Vieira (2006) refere que *“é com a família que o indivíduo passa mais tempo, com especial incidência nas primeiras etapas do desenvolvimento, e é em boa parte no espaço simbólico da interação familiar que ocorre, de forma lenta e muitas vezes pouco explícita, a transmissão de geração para geração dos estereótipos reguladores do comportamento, facto que é susceptível de afectar projectos de vida, percursos individuais e modos de relacionamento interpessoal”* (Vieira, op. cit.: 7). Porém, as famílias não podem ser recriminadas, tendo em conta que estão a seguir as diretrizes que também lhes foram transmitidas (Vieira, op. cit.).

Desde o nascimento que as crianças ficam sujeitas a determinadas características que as diferenciam. A título de exemplo, os nomes das crianças marcam logo à partida a diferença entre géneros; os objetos escolhidos, a cor e o tipo de roupas identificam a “olho nu”, muito facilmente, o sexo da criança. As famílias podem, assim, ser promotoras da desigualdade entre géneros.

Sabendo que os pais são, por excelência os principais e primeiros educadores das crianças, podem ser considerados os principais responsáveis pelos comportamentos dos seus filhos fazendo deles os adultos do futuro (Cardoso, op. cit.).

Torna-se importante salientar a opinião de Rodrigues (2003, op. cit.), quando a mesma destaca os papéis sociais das crianças. Esses papéis sociais emergem em simultâneo com a formação da identidade de género e, desde muito cedo, estabelecem a distinção entre os papéis masculinos e os femininos. Tendo em conta a investigação feita pela referida autora alguns meninos *“ocasionalmente, representam comportamentos tradicionalmente reconhecidos como femininos, tal como colocar um vestido, usar cosméticos ou representar*

*papéis de lidar e nutrir bebês. De uma forma similar, muitas meninas ocasionalmente assumem papéis masculinos - fingindo que são pais, enquanto brincam «às casinhas» - ou adotam temporariamente um conjunto de comportamentos masculinos, conduzindo-as à designação social de «maria-rapazes»*” (Rodrigues, op. cit.: 26). Apesar de existirem alguns exemplos contraditórios, a realidade é que o “*normal*” será a menina assumir o papel de mãe e o rapaz o papel de pai.

Vieira (op. cit.: 18) alude a Lytton e Romney (1991) para afirmar que, *“embora seja tida como ideia popular, a verdade é que a ciência tem mostrado que os pais e as mães - e as outras prestadoras de cuidados às crianças - continuam a tratar os rapazes e as raparigas de maneira diferente.”*

É importante ter em conta que as diferenças entre homens e mulheres começam antes mesmo do seu nascimento. As mães ainda durante a gravidez descrevem os movimentos dos bebês relacionando-os com o sexo do bebé. Se for menino os movimentos são mais vigorosos, fortes, se for menina as mães descrevem-nos como suaves, vivos mas pouco ativos. Esta situação prova que desde o ventre que as mães formulam estereótipos de gênero que irão caracterizar a criança (Vieira, op. cit.).

Após o nascimento a tendência dos pais é descrever as meninas como mais pequenas, mais frágeis, delicadas, bonitas, mais sossegadas. Os rapazes embora tenham uma estrutura física menos vulnerável têm menos maturidade e estão mais expostos a doenças (Vieira, op. cit.). Também após o nascimento, as crianças ocupam em casa um espaço (quarto) e os pais adquirem acessórios que fazem antever o sexo da criança. Vieira (op. cit.: 24) cita O'Brien e Huston (1985) quando estes convictamente referem que *“os brinquedos, as mobílias e os acessórios do quarto das crianças dão corpo a um espaço privilegiado para o desenvolvimento diferencial do género, nos primeiros anos de vida.”*

Também na adolescência se verificam essas diferenças; os pais são mais permissivos com os rapazes, por exemplo podem sair mais cedo à noite, do que com as raparigas, o que pode indicar que são mais superprotetores com as raparigas.

Os adultos têm mais tendência para incentivar um rapaz a atividades físicas, ao contrário das raparigas. Às meninas são associados, a título de exemplo, brinquedos como bonecas e aos rapazes brinquedos como martelos ou carros (Vieira, op. cit.; Freitas, op. cit.). O progenitor masculino tende, também, a ser mais afetuoso com as filhas, por

considerar que manifestações de afeto com alguém do mesmo sexo são inadequadas (Vieira, op. cit.).

Em contexto familiar também se atribuem diferentes tarefas aos rapazes e às raparigas, e Vieira (op. cit.: 31) refere que *“os filhos e as filhas tendem a ser tratados/as de maneira diferente pelas mães e pelos pais, as raparigas costumam envolver-se em actividades femininas e os rapazes em afazeres masculinos (Siegal, 1987), imitando os comportamentos modelados pela mãe e pelo pai, respetivamente.”*

Apesar da participação cada vez mais ativa das mulheres no mercado de trabalho, apesar das tarefas domésticas serem em alguns casos partilhadas, continuam a existir tarefas específicas para cada género. Podemos, então, opinar que muitas mulheres carregam nas costas o trabalho fora de casa e o trabalho dentro de casa (Perista & Silva, 2006).

Todas estas desigualdades são observadas pelos filhos que veem nos pais exemplos a seguir. No que se refere às tarefas domésticas o facto de *“a rapariga ser encorajada a imitar a mãe, nas suas responsabilidades domésticas, indo ao encontro das necessidades fundamentais dos diversos elementos da família (e.g., alimentação, higiene, protecção), a sua participação nos afazeres domésticos é mais frequentemente solicitada, com carácter diário, deixando-lhe pouco tempo livre. Aos rapazes são destinadas maioritariamente, como já afirmámos, tarefas de manutenção, como cortar a relva, ou pintar paredes, actividades estas realizadas, uma outra vez, e em colaboração com o pai”* (Vieira, op. cit.: 33).

A mesma autora (Vieira, op. cit.) salienta a existência de estudos que revelam que os pais mostram mais tendência para incutir diferenças de género nos filhos/filhas do que as mães, os pais tendem a fazer mais distinção do que as mães. Os pais, normalmente, preferem ver as meninas a trepar uma árvore e ser considerada *“maria rapaz”* do que o rapaz brincar com bonecas, tomando este comportamento como inadequado.

Os pais e as mães são, sem dúvida, os modelos mais suscetíveis de serem imitados. Os progenitores exercem uma forte influência sobre os seus filhos, influências que se irão refletir nas atitudes e comportamentos dos filhos. Corroborando a opinião de Baptista (2013: 26), *a “família surge, assim, como o principal ponto de inserção da criança, ou seja, é vista como o primeiro lugar no qual a criança aprende a viver e um meio para o desenvolvimento de características específicas que ajudam na construção do seu próprio eu.”*

Porém, a sociedade sofreu alterações principalmente nos séculos XIX e XX e essas alterações deveram-se a várias razões como: a industrialização, que levou ao afastamento do pai para trabalhar fora o que proporcionou à mulher tomar um pouco a “rédea” da organização doméstica; a urbanização, existindo migração para áreas urbanas que proporcionavam mais emprego e qualidade de vida; a emancipação feminina e a consequente mulher ativa com uma atividade remunerada; o controlo da natalidade devido ao surgimento de métodos contraceptivos; o desaparecimento de vários tabus relacionados com a sexualidade; a mudança de atitudes face aos filhos e as obrigações por parte dos pais; a legalização do divórcio, a redução da nupcialidade; e a emigração. Estas são razões apontadas por Figueiredo (2010) para a inversão do conceito tão fechado de família tradicional.

Almeida & Monteiro (2012) apresentam, nesse sentido, as tipologias familiares, hoje mais usuais: Tradicional - pai, mãe e filhos vivem todos juntos; alargada - outros familiares (avós, tios, primos) vivem com a família nuclear (pais e filhos); separada - pai e mãe não vivem juntos na mesma casa mas não estão divorciados; divorciada - pai e mãe não vivem na mesma casa e deixaram de ser casados; monoparentais - os filhos vivem só com um dos pais; união de facto - o pai e a mãe vive com um novo companheiro mas não estão casados; em reestruturação - o pai ou a mãe voltou a casar com outra pessoa (designada de “madrasta” ou “padrasto”); reconstruída - o pai ou a mãe teve filhos desse novo casamento.

Como salienta Rocha (2009: 61), que subescreve as palavras de Vieira (op. cit.), é fundamental *“não ignorar a composição familiar nuclear como factor essencial para se compreender a aquisição de papéis de género por parte da criança (...)”* e tal diversidade tipológica pode representar novos desafios na educação para a igualdade de género, pois como diz Vieira (op. cit.: 186), citando Golombok & Fivush (1994) *“é cada vez menos comum a ideia de que a família é produto de um casamento heterossexual, dando origem a um núcleo familiar, onde coabitam o pai biológico, a mãe biológica e os seus 2 a 3 filhos, sendo que o primeiro trabalha fora de casa para sustentar o lar e a segunda fica em casa a cuidar da prole.”*

As famílias tradicionais são consideradas por Rocha (op. cit.), que cita Vieira (op. cit.), o tipo de família ideal para promover a igualdade entre géneros, tendo em conta que a criança tem à sua disposição um modelo masculino representado pelo pai e um modelo feminino representado pela mãe. Contudo, depois do casamento as atitudes relacionadas com o género poderão ficar mais acentuadas evidenciando as diferenças entre as tarefas

masculinas e as tarefas femininas. O casamento, a coabitação e o posterior nascimento dos filhos poderá levar a alterações de comportamentos que poderão influenciar negativamente a promoção de igualdade entre géneros. O contexto familiar em que cada um é responsável por tarefas diferenciadas faz com que os filhos adotem as mesmas tarefas dos pais e as filhas as tarefas destinadas às mães (Vieira, op. cit.).

## **2.2 Jardim de infância-família: uma parceria essencial**

A educação pré-escolar é considerada, tal como vem definido na Lei-Quadro (Lei n.º 5/97), a primeira etapa da educação básica. As palavras de Silva, *et al.* (2005) são bastante elucidativas quando referem que a educação pré-escolar tem vindo a conquistar e a revelar a sua importância no desenvolvimento das crianças, embora o seu reconhecimento tenha vindo a ser lento e gradual.

Sem carácter de obrigatoriedade destina-se a crianças entre os três e os seis anos de idade ou momento de ingresso no 1.º ciclo do ensino básico e para a sua efetivação é necessária *“a existência de uma rede nacional de educação pré-escolar integrando a rede pública e rede privada (lucrativa e de rede social”*, articulada entre o Ministério da Educação e o Ministério da Solidariedade e da Segurança social, *“garantindo que ela tenha fins não apenas mas, também, sociais de apoio à família.”* (Lei n.º 147/97: 14).

A Lei-Quadro enumera os objetivos da educação pré-escolar, que contemplam diferentes áreas, tais como o desenvolvimento pessoal e social, o desenvolvimento intelectual, humano e expressivo e, como dizem Portugal & Laevers (2010), o desenvolvimento pessoal e social da criança é o ponto de partida para a aprendizagem da criança, logo para a *“sua emancipação”*, e aprendizagem do que a rodeia.

Na mesma Lei institui-se, também, o direito à educação pré-escolar para todas as crianças, não importando o seu estatuto social, a sua religião, a sua etnia ou o seu género, sendo através da promoção do desenvolvimento pessoal e social e da igualdade de oportunidades que a criança se irá construir como cidadã consciente (Silva et. al., op. cit.).

No ano em que é publicada a Lei-Quadro da educação pré-escolar, o Ministério da Educação publica concomitantemente as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (Despacho n.º 5220/97), surgindo estas pela necessidade de apresentar à

sociedade a justificação dos contributos da educação pré-escolar para o desenvolvimento integral da criança. As OCEPE representam, assim, um apoio aos/às educadores/as de infância que, em conjunto com as famílias e comunidade, constroem os projetos educativos das instituições (ME, 1997).

A legislação referida (incluindo as OCEPE) salienta a importância que é dada às crianças e às suas características, tornando-se muito importante proporcionar às mesmas, tal como refere Marchão (2012: 36), *“experiências positivas para o seu desenvolvimento global, respeitando as suas características individuais através de múltiplas linguagens e estimulando a sua curiosidade e pensamento crítico”*, e criando oportunidades de continuidade educativa, nomeadamente pela articulação com o 1.º ciclo do ensino básico.

Marchão (2012), analisando as OCEPE, enuncia as principais atitudes que devem ser desenvolvidas pelos educadores nas suas práticas: *“observar; planear; agir; avaliar; comunicar e articular.”* (36: 2012). A mesma autora (2010; 2012), bem como Portugal & Laevers, (op. cit.: 9) salientam que é fundamental *“observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e capacidades, dificuldades e interesses, recolher informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, com vista à adequação do processo educativo; planear de acordo com o que o educador sabe do grupo e de cada criança, implicando reflexões sobre intenções educativas e as formas de as concretizar/adequar ao grupo ou a cada criança, procurando criar situações de desafio, ainda que acautelando situações de excessiva exigência e envolvendo as crianças no próprio planeamento; agir, concretizando na ação as intenções educativas; avaliar o processo e os efeitos, envolvendo as crianças e legitimando o planeamento futuro a realizar; comunicar e articular com colegas, auxiliares, pais, agentes da comunidade, apostando no trabalho em equipa e promovendo a continuidade educativa e transição para a escolaridade obrigatória”* Portugal & Laevers (op. cit.: 9).

As OCEPE não são consideradas um programa e apresentam um carácter flexível, ajustando-se às necessidades das crianças, tendo em conta que *“adoptam uma perspectiva mais centrada em indicações para o educador do que na previsão de aprendizagens a realizar pelas crianças. Diferenciam-se também de algumas concepções de currículo, por serem mais gerais e abrangentes, isto é, por incluírem a possibilidade de fundamentar diversas opções educativas e, portanto, vários currículos”* (ME; 1997:13).

Tendo em conta que o/a educador/a de infância tem um papel preponderante na gestão das OCEPE e do próprio currículo, Marchão (2012) coloca nos/as educadores/as a

responsabilidade de nunca separarem o desenvolvimento e a aprendizagem, dado que são conceitos associados e que andam 'sempre de mãos dadas'. Nesse sentido, é pertinente que os/as educadores/as de infância devam gerir as suas práticas respeitando a individualidade de cada criança, partindo sempre do que esta já sabe.

As OCEPE consideram importante educar as crianças tendo por base atividades lúdicas que se integram em três grandes áreas: área de formação pessoal e social, área das expressões e comunicação e área do conhecimento do mundo. Marchão (2012: 38), referindo Gaspar (1998) e Vasconcelos & Assis (2008), salienta que *“as Orientações Curriculares [se situam] no âmbito de uma matriz socioconstrutiva, em que se procura as diferentes áreas de conteúdo contextualizando-as e, entendendo que é só através das interações com os outros, que a identidade da criança se pode construir.”*

Concomitantemente, Bento (2011) refere que as OCEPE apresentam diretrizes que deverão servir de apoio às práticas educativas, nomeadamente: organização do ambiente educativo, áreas de conteúdo, continuidade educativa e intencionalidade educativa. As OCEPE dão especial importância à organização do ambiente educativo e às áreas de conteúdo, uma vez que é num ambiente de qualidade e através das áreas de conteúdo que se proporcionam às crianças experiências de aprendizagem com um sentido significativo, global e transversal.

Marchão (2010: 51) considera que as áreas de conteúdo (formação pessoal e social, área do conhecimento do mundo e área de expressão e comunicação) devem ser *“...mais do que áreas de actividades que devem partir do nível de desenvolvimento da criança, da sua actividade espontânea e lúdica, permitindo que a criança se relacione, pense, compreenda, criando, explorando e transformando-se através de acções e oportunidades cada vez mais complexas.”* Ainda na senda das ideias da mesma autora (2010; 2012), a ação do/a educador/a deve responder à formação equilibrada da criança e permitir que a criança construa a sua *“agência”*, construindo e revelando competências de cidadania democrática.

Tal como já referimos, um dos objetivos da Educação Pré-escolar visa promover o desenvolvimento pessoal e social da criança *“com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania”* (ME; 1997: 15), visando a inserção das crianças em grupos sociais diversos e favorecendo a igualdade de oportunidades de todas as crianças, através de pedagogias inclusivas.

Como vimos anteriormente, a família também tem um papel fundamental na educação das crianças, sendo os pais os primeiros educadores das crianças e, assim, serão ao longo das suas vidas sendo os principais responsáveis pela educação e desenvolvimento dos filhos (Figueiredo, 2010; Cardoso, 2010). Manter uma boa relação entre o jardim de infância e a família torna-se, por isso, imprescindível para o bom desenvolvimento das crianças.

Seguindo esta linha de pensamento será importante frisar que *“a família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas”* (ME; 1997: 43).

Atualmente as crianças passam grande parte do seu tempo no jardim de infância, representando este a continuidade familiar no que à educação, ao bem-estar, à socialização, e à aprendizagem das crianças se refere (Figueiredo, op. cit.; Cardoso, op. cit.). Assim, o desejável será que os pais participem ativamente na resposta educativa que escolheram para a educação dos seus filhos. Será importante o contributo dos pais na elaboração do projeto educativo da instituição assim como os pais poderão *“participar em situações educativas planeadas pelo educador para o grupo, vindo contar uma história, falar da sua profissão, colaborar em visitas e passeios, etc...”* (ME; 1997: 45).

Alguns autores salientam a importância da relação entre a escola e família referindo que estas duas *“emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social. A escola constitui-se um contexto no qual as crianças investem o seu tempo, envolvem-se em atividades diferenciadas ligadas às tarefas formais (pesquisa, leitura dirigida, por ex.) e aos espaços informais de aprendizagem (hora do recreio, excursões, atividades de lazer)”* (Polónia & Dessen; 2005: 304).

Tal como já referimos, as crianças interiorizam muito cedo alguns estereótipos que estão associados ao seu género sendo os pais e educadores os principais exemplos. Considera-se importante que para educar uma criança, mesmo que não seja fácil, os/as educadores/as deverão ser claros/as no que diz respeito às suas ideologias, sendo essa atitude *“fundamental para estabelecer uma relação de confiança, mesmo que as ideias não sejam as mesmas veiculadas pelas famílias”* (Cardona et al.; op. cit.: 94). A família poderá e deverá então contar com a colaboração do jardim de infância para educar as crianças (Polónia & Dessen, op. cit.), e o jardim de infância não pode deixar de lado a relação e a colaboração da família.

Para estabelecer esta relação de confiança será fundamental, tal como referido nas OCEPE, envolver os pais no desenvolvimento curricular e nas propostas feitas ao longo do ano letivo. *“Antecipando ou respondendo à preocupação destas em acompanhar o trabalho realizado no jardim-de-infância, é fundamental ouvir e envolver os encarregados de educação-de ambos os sexos nesse trabalho”* (Cardona *et al.*; op. cit.: 94).

O incentivo aos pais para participarem nos assuntos relacionados com a escola faz com que a educação seja mais proveitosa; em conjunto poderão, tal como já referido, responder melhor às necessidades das crianças.

Estudos feitos por alguns autores (Carvalho, 2004) revelam que existe uma maior predisposição por parte das mães para participarem nos assuntos escolares. Na maior parte das vezes, são as mães que se deslocam à escola para participarem em reuniões, e outras atividades propostas pela escola. O desejável será fazer com que os pais participem ativamente na educação dos filhos, não legando essa tarefa única e exclusivamente à mulher.

Contudo, questões de natureza cultural e social associadas ao papel da mulher na educação das crianças, levam a que seja a mulher ainda a maior responsável por estabelecer a relação com o jardim de infância/escola. No entanto, quando a mulher se dedicava única e exclusivamente à família essa situação poderia até justificar-se; porém, com a emancipação feminina não faz sentido sobrecarregar a mulher com tarefas que são subjacentes ao casal.

Dado que a relação entre o jardim de infância e a família é determinante para favorecer o processo educacional das crianças. Assim sendo, todos os pais e mães têm direito a colaborar e a contribuir para o desenvolvimento dos filhos em conjunto com a instituição educativa. Dos Santos (2009) cita Lopes (2007) quando este opina que sendo a família e a educação pré-escolar os dois contextos que proporcionam educação às crianças será importante que exista uma boa relação, e é por isso que Figueiredo (2010: 31) afirma que *“É necessário que a escola abra o seu espaço, tomando iniciativas de integração, promovendo encontros, aceitando sugestões, ou seja, criando oportunidades para que esse envolvimento e parceria sejam concretizados.”*

Concordando com o supracitado, não significa que os pais não possam tomar a iniciativa e não possam fazer propostas aos/às docentes.

### **2.3- Práticas educativas em contexto pré-escolar relacionadas com questões de género**

Com o intuito de aprofundar conhecimentos sobre as questões relacionadas com o género, considera-se fundamental estudar mais pormenorizadamente as práticas implementadas pelos/as educadores/as de infância no sentido de perceber o tipo de trabalho realizado para promover a igualdade entre cidadãos. Alguns autores afirmam que os manuais assim como recursos multimédia disponíveis em Portugal “*continuam a veicular conceções estereotipadas de homem/mulher e representações de um mundo desfasadas da realidade social*” (Cardona et. al., op. cit.: 49).

Sendo um espaço onde se aprende brincando, onde as crianças desenvolvem e fazem aprendizagens muito significativas, a educação pré-escolar contribui para o sucesso educativo e também contribui para a igualdade de oportunidades para todas as crianças no acesso à escola. Sendo assim “*a educação pré-escolar um contexto favorável para que a criança tome consciência de si e do outro, assume a centralidade de uma educação para os valores (...)*” (Cardona et .al., op. cit.: 50).

Consensualmente, Cardona, et. al. (op. cit.), Bento (2011); Marchão & Bento (2013); Duarte (2013), entre outros/as, concordam que a educação pré-escolar e as/os educadoras/educadores de infância devem organizar e desenvolver as suas práticas pedagógicas no sentido de tornarem as crianças cidadãs(ãos), com autonomia para serem livres e solidários, contribuindo para a construção de uma sociedade democrática que privilegie a igualdade de oportunidades entre géneros. Também neste sentido, a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), subscreve este entendimento e, em 2010, editou o Guião de Educação, Género e Cidadania (Cardona, et. al., op. cit.) que se pode assumir como um guia orientador da organização de práticas educativas com maior consciência face à construção da identidade de género e da igualdade entre géneros.

Este Guião inclui uma fundamentação teórica da educação para a cidadania e das questões de género e igualdade de género, bem como fundamenta a necessidade de no jardim de infância se desenvolverem práticas educativas que ajudem a criança a construir uma consciência e ação solidárias, alicerçada em valores de igualdade entre os géneros. Inclui também um conjunto de atividades que, de forma adaptada a cada grupo, os/as educadores/as podem utilizar no âmbito do currículo organizado. O Guião oferece ainda um

conjunto de instrumentos e de bibliografia que podem ajudar os/as profissionais a consolidarem os seus conhecimentos e consciências sobre esta temática.

A prática educativa para a igualdade de género é uma prática expressiva de valores e de normas socioculturais que importa desenvolver no âmbito do desenvolvimento pessoal e social, grande objetivo da educação pré-escolar, através de um ambiente educativo em que o tempo, o espaço, os objetos, as situações e as decisões sejam partilhadas e tomadas entre direitos e deveres e em clima de aceitação das diferenças, aceitando as diferenças entre géneros numa atitude de equidade (Marchão & Bento, op. cit.).

As mesmas autoras (op. cit.) referem a necessidade das educadoras de infância pensarem detalhadamente o ambiente educativo, de forma a organizarem o tempo, o espaço e o grupo de crianças para experienciarem práticas educativas incentivadoras de uma participação igualitária entre os géneros. A criança precisa de participar ativamente em grupos diversificados onde possa manifestar a sua curiosidade e onde, em termos da sua socialização, possa viver interações dialógicas e lúdicas que promovam a aceitação entre os papéis e comportamentos de géneros de uma forma igualitária.

Na vivência lúdica e simbólica da criança, muitas vezes, ela demonstra através do jogo a apropriação de papéis estereotipados e o/a educador/a pode aproveitar esses momentos para desconstruir tais estereótipos e, como dizem Cardona et. al, é importante estimular a “(...) *interacção de grupo de modo a manter as crianças mentalmente activas naquilo que deve ser aprendido*” (Cardona et al., op. cit.: 75). Assim, a educação para a igualdade de género, embora mais circunstanciada à dimensão pessoal e social dos currículos, deve ser assumida com um sentido transversal.

A par de atividades orientadas e planeadas que objetivem a construção da igualdade de género, devem surgir no contexto do jardim de infância situações lúdicas e de jogo que devem ser devidamente orientadas e avaliadas pelos/as profissionais de modo a contribuírem, num ambiente participativo e reflexivo, para desmontar ideias estereotipadas manifestadas pelas crianças.

Como salientam Marchão & Bento (op. cit.: 583) “*pensar num currículo é ter em conta as conceções da criança, o que se quer fazer aprender e, sobretudo, pensar as oportunidades para a criança experienciar, pensar, intervir, observar e tomar decisões. No fundo, é criar-lhe oportunidades para aprender a ser, tendo o/a educador/a consciência de que a criança é um ser competente (Marchão, 2011; 2012)*”.

Porém, como antes já salientámos, a intervenção educativa em contexto pré-escolar não pode acontecer de forma isolada da intervenção da família e do contexto onde se integra o jardim de infância e as crianças.

## **PARTE II – ESTUDO DE CAMPO**

## 1. Opções metodológicas

### 1.1 Os pontos de partida e o “mapeamento metodológico do estudo de campo”

Decorrente de preocupações educativas e pedagógicas de ordem profissional e de preocupações de natureza pessoal e social, bem como do conhecimento científico e pedagógico que foi sendo construído ao longo da frequência do Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco, nasceu a preocupação sobre a educação das crianças numa perspetiva da sua identidade de género e, especialmente na ação educativo-pedagógica que pais e educadoras/educadores de infância desenvolvem, de forma a contribuírem para a construção da identidade de género e da igualdade entre géneros em contexto de educação pré-escolar. Quais são as conceções dos adultos (pais e educadoras/educadores de infância) sobre a identidade e igualdade de género? Quais são as conceções das crianças sobre a identidade e a igualdade de género? Que práticas educativo-pedagógicas são desenvolvidas em contexto de educação pré-escolar para ajudar as crianças a construir a sua identidade de género e a igualdade entre os géneros? Será esta dimensão uma das preocupações das/dos profissionais de educação de infância e dos pais?

Foi no âmago destas questões que emergiu o interesse pela problemática em estudo e que se desenhou a partir da necessidade da construção do *conhecimento e da compreensão sobre a realidade educativo-pedagógica da educação pré-escolar e do contributo que pais e educadoras/educadores de infância podem dar para que as crianças construam a sua identidade de género assente em valores de igualdade entre os géneros, masculino e feminino.*

Com o intuito de construir tal conhecimento e tal compreensão e, em especial de organizar o estudo, quer em termos teóricos quer em termos do estudo de campo, procedeu-se à identificação de questões orientadoras fundamentais, pois “*a formulação adequada de questões (...) deixa antever não só o conteúdo que se vai investigar, mas também o “estilo” de investigação em causa*” (Máximo-Esteves, 2008: 80). Apresentam-se assim as questões orientadoras:

- 1- O que se entende hoje por género e por igualdade entre géneros?

2- Quais as concepções sobre género, vigentes entre os pais, os/as educadores/as e as crianças em idade pré-escolar?

3- Será que as(os) encarregados(as) de educação, na educação das crianças, agem de forma a promover a igualdade entre géneros?

4- Serão as práticas pedagógicas das educadoras promotoras da igualdade entre géneros?

5- No jardim de infância serão as brincadeiras e as atitudes diferenciadas em função do género?

Tendo em conta Arnal et. al (1992), citados por Almeida & Freire (2008: 21), “o investigador é orientado por determinados objetivos operacionais. Estes vão depender da natureza dos fenómenos e das variáveis em presença, bem como da presença de maior ou menor controlo em que a investigação vai ocorrer.” Assim, ainda na fase inicial do *design* da investigação que se desenvolveu, procedeu-se à definição dos seguintes objetivos:

#### **Objetivos gerais**

#### **Objetivos específicos**

Conhecer e compreender as concepções de género dos adultos (educadores/educadoras de infância e encarregados de educação) que intervêm na educação das crianças em idade pré-escolar.

Identificar as concepções de género (educadores/educadoras de infância e encarregados de educação) que intervêm na educação das crianças em idade pré-escolar.

Conhecer e compreender o modo como as concepções sobre o género influenciam os adultos na educação das crianças em idade pré-escolar.

Identificar práticas educativas (dos encarregados de educação e dos/das educadores/as de infância) que promovam a igualdade entre os géneros.

Conhecer as concepções de género das crianças em idade pré-escolar.

Identificar as concepções de género das crianças. Saber se as brincadeiras e as atitudes desenvolvidas pelas crianças, no contexto do jardim de infância, são escolhidas em função do género das crianças.

Relacionar as suas concepções com as concepções dos adultos.

Identificar se as concepções são baseadas em estereótipos sociais de género.

Tomadas as decisões, pontos de partida, para a investigação ora apresentada, sucedeu-se a decisão sobre o método mais adequado e coerente a utilizar. Dado que se pretendia compreender *a realidade educativo-pedagógica da educação pré-escolar e do contributo que pais e educadores/educadoras de infância podem dar para que as crianças construam a sua identidade de género assente em valores de igualdade entre os géneros, masculino e feminino*, assumimos o interesse descritivo e interpretativo dos dados a recolher, pelo que inserimos o estudo num quadro de natureza qualitativa. “*A investigação qualitativa é uma forma de estudo da sociedade que se centra no modo como as pessoas interpretam e dão sentido às suas experiências e ao mundo em que elas vivem*” (Vilelas, 2009: 105).

Ainda nas palavras de Vilelas (op. cit.: 107) os estudos qualitativos são dirigidos para a descoberta, para a identificação e descrição aprofundada bem como para a interpretação e explicação dos objetos e contextos em estudo e o “*material básico da investigação qualitativa é a palavra que se expressa o falar quotidiano, tanto a nível das relações quanto ao nível dos discursos.*”

Também Bogdan & Biklen (1994) salientam que na abordagem qualitativa o objetivo é compreender os sujeitos e os contextos onde se inserem, bem como identificar os critérios que estes utilizam para julgar esses mesmos contextos e a forma como o fazem.

A opinião destes autores (op. cit.), bem como a opinião de Tuckman (2005), são a base da caracterização que Marchão (2012) apresenta sobre a investigação de natureza qualitativa: o contexto e a situação natural são a fonte dos dados; a principal preocupação é a de descrever; a questão principal da investigação é todo o processo; os dados são analisados indutivamente, como se fossem um puzzle, e pretende-se responder aos porquês e ao quê dos acontecimentos e das situação do contexto.

Tal abordagem implica uma maior envolvência do investigador que, no entanto, deve abster-se de fazer juízos de valor e evidenciar esforços para compreender diversos pontos de vista. Esta dimensão ética foi uma preocupação ao longo do estudo, que se tornou cada vez mais forte à medida que nos fomos envolvendo no estudo. O facto de exercermos a profissão de educadora de infância e de conhecermos e estarmos integradas no contexto que seleccionámos para o estudo colocou-nos a máxima responsabilidade ética bem como o respeito por todos os que no estudo vieram a intervir e, tal como enunciam Bogdan & Biklen (op. cit.: 75), foi necessário ter em atenção as seguintes normas éticas:

*“1. Os sujeitos aderem voluntariamente aos projectos de investigação, cientes da natureza do estudo e dos perigos e obrigações nele envolvidos. 2. Os sujeitos não são expostos a riscos superiores aos ganhos que possam advir.”*

## **1.2 Tipo do estudo quanto aos procedimentos técnicos – estudo de caso**

Ao equacionar-se o desenvolvimento de uma investigação deve considerar-se um determinado número de procedimentos fundamentais e indispensáveis ao processo de investigação, que deverá iniciar-se com a determinação de um problema a investigar e com posterior definição de um plano/desenho que oriente a investigação, sem que seja desatendido o sentido da continuidade de decisões e dos passos da investigação científica (Almeida & Freire, 2008).

Assim, na escolha dos procedimentos técnicos necessários à operacionalização do estudo, considerámos a opinião de Sousa (2005: 137, 138), quando este afirma que *“O estudo de um caso visa essencialmente a compreensão do comportamento de um sujeito, de um dado acontecimento, ou de um grupo de sujeitos ou de uma instituição, considerados como entidade única, diferente de qualquer outra, numa dada situação contextual específica, que é o seu ambiente natural.”*

Um estudo de caso apresenta-se como um modelo de análise intensiva de uma situação ou um caso específico, sendo flexível no recurso a técnicas *“permite a recolha de informação diversificada a respeito da situação em análise, viabilizando o seu conhecimento e caracterização”* (Pardal & Lopes, 2011: 33).

O estudo de caso, eleito como formato/procedimento, tem como vantagens, de acordo com Sousa (op. cit.): permitir a concentração da atenção do investigador num dado contexto, fenómeno, situação ou sujeitos; permite a utilização cruzada de diversos instrumentos de avaliação sobre o caso ou situação; permite identificar os diversos processos em curso, e assim melhor compreender os fenómenos. Tais vantagens alimentam a expressão de Vilelas (2009: 145): *“O peculiar destes estudos é serem estudos aprofundados e exaustivos de um ou muito poucos objectos de investigação, o que permite obter um vasto e pormenorizado conhecimento dos mesmos, quase impossível de obter mediante os outros estudos alternativos.”*

Porém, os mesmos autores Sousa (op. cit.) e Vilelas (op. cit.) também identificam a maior desvantagem dos estudos de caso – a quase impossibilidade de generalizar os resultados e as conclusões obtidas. Esta desvantagem, poderá, contudo, ser atenuada se compararmos as conclusões obtidas num estudo de caso com outros semelhantes.

Pesadas as vantagens e desvantagens apresentadas, à semelhança de Marchão (2012), consideramos a opinião de Carmo & Ferreira (1998) quando esta considera o estudo de caso como uma abordagem empírica que estuda um fenómeno no seu contexto real “*através do qual nos situamos no campo do problema a estudar, descrevendo-o, compreendendo-o e encarando-o num sentido holístico*” (Marchão, 2012: 153).

Neste sentido, considerando o tema definido e as questões de investigação equacionadas, bem como os objetivos pretendidos, ponderou-se a escolha de um estudo de caso, a desenvolver numa instituição de educação de infância situada na cidade de Ponte de Sôr, distrito de Portalegre.

Esta instituição caracteriza-se por ser uma Instituição de Solidariedade Social (IPSS) que se dedica, entre outros, à educação pré-escolar e onde diariamente exercem funções as educadoras de infância que se pré disponibilizaram para participar no estudo, simultaneamente com os/as encarregados/as de educação e as crianças que também se constituíram como participantes. Digamos, tendo por referência Almeida & Freire (2008), que estes constituem o grupo de sujeitos do contexto em estudo através dos quais recolhemos dados que nos irão permitir descrever e interpretar a *realidade educativo-pedagógica da educação pré-escolar e o contributo que os pais e os/as educadores/educadoras de infância dão para que as crianças construam a sua identidade de género assente em valores de igualdade entre os géneros, masculino e feminino*, nesta instituição educativa.

Assim, os sujeitos do contexto que tornam possível este estudo de caso são: seis<sup>1</sup> educadoras de infância, vinte e uma crianças em idade pré-escolar (escolhidas por conveniência, baseada no conhecimento que se tinha do grupo e que se baseava em relações de confiança) e os/as respetivos/as encarregados/as de educação.

---

<sup>1</sup> Inicialmente eram sete educadoras de infância, mas uma delas nunca nos devolveu o questionário distribuído.

### **1.3 Instrumentos de recolha de dados usados no “estudo de caso” e procedimentos de tratamento e análise de dados**

Considerando o paradigma conceptual da abordagem qualitativa, o formato estudo de caso, os sujeitos do caso, bem como os objetivos da investigação, ponderou-se a utilização de diferentes instrumentos de recolha de dados, tendo em consideração as palavras de Vilelas (op. cit.): neste formato pode recorrer-se a uma multiplicidade de fontes e de instrumentos de recolha de dados, o que constitui, também, uma das suas vantagens.

Dos instrumentos de recolha de dados possíveis de utilizar, seleccionámos o inquérito por questionário e o inquérito por entrevista, que passamos a justificar.

O questionário é um instrumento de recolha de dados *“suscetível de ser administrado a uma amostra lata do universo, mesmo quando remetido pelo correio, é barato; garante, em princípio, o anonimato, condição necessária para autenticidade das respostas; por fim, não precisa de ser respondido de imediato, permitido ao inquirido a recolha da hora mais adequada para o efeito”* (Pardal & Lopes, 2011: 74).

Não sendo uma amostra muita lata, no estudo de caso desenvolvido, este instrumento foi considerado por motivos de gestão de tempo do investigador, por garantir o anonimato e, porque, cada um dos sujeitos lhe respondeu quando encontrou a disponibilidade necessária.

Os questionários que se construíram destinaram-se às educadoras de infância (Anexo 4) e aos/às encarregados/as de educação (Anexo 5) das crianças do grupo de crianças selecionado para o estudo. Com esses dois questionários objetivámos conhecer as opiniões e conceções sobre a identidade e igualdade de género, bem como perceber a opinião dos inquiridos sobre a intervenção educativa e pedagógica junto das crianças, de forma a permitir que estas construam uma identidade de género baseada na igualdade entre géneros.

Bento (2011: 48), citando Máximo-Esteves (2008,) define a entrevista como um *“acto de conversação intencional e orientado, que implica uma relação pessoal, durante a qual os participantes desempenham papéis fixos: o entrevistador pergunta e o entrevistado responde.”* Neste estudo optámos por realizar uma entrevista semiestruturada às crianças do grupo selecionado, dado que estas entrevistas são *“consideradas o formato mais adequado para entrevistar crianças”* (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2008: 23).

As entrevistas às crianças devem ser elaboradas com algum cuidado, de modo a facilitar e a promover uma interação mais rica. As crianças devem ser entrevistadas num contexto do seu quotidiano (no caso foram realizadas na instituição educativa), uma vez que se trata de um ambiente familiar, pois o local onde se realizam as entrevistas pode influenciar a forma como as crianças respondem. “[O] ambiente escolar poderá reverter a favor do processo de entrevista, dado que a provável tendência da criança para estabelecer associações entre o processo de entrevista e o processo de avaliação (fomentada pelo contexto escolar) poderá torná-la mais atenta às questões” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2008:20).

Na elaboração do guião (Anexo 6) tivemos em atenção o objetivo que nos movia: identificar as conceções de género das crianças; a existência de estereótipos presentes no quotidiano das crianças, tomando a entrevista um caráter informal, complementada por situações observadas no quotidiano das crianças. Na senda das recomendações das autoras que temos vindo a referir (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2008: 23; Máximo-Esteves, 2008; Bento, 2011) e também de Duarte (2013), o guião e a condução da entrevista gerou-se a partir de uma pequena narrativa que criámos<sup>2</sup>. No entender das autoras, a narrativa ajuda a manter a atenção das crianças e leva-as a melhor compreender os objetivos da entrevista. Máximo-Esteves (op. cit., p. 101) defende que “a atenção pode ser mantida mais tempo quando existe um referente material que as concentre”, como é o caso do uso da narrativa.

Foi utilizada, ao longo da entrevista, uma linguagem fluente e acessível, para que as crianças compreendessem de forma clara o que lhes era perguntado. Usaram-se questões curtas e claras e fomentaram-se momentos de partilha e interação (Bento, op. cit.). Ainda para a concretização da entrevista tiveram-se em atenção alguns procedimentos e conceções: “desempenho do/a entrevistado/a, o papel agencial da criança, a relevância do contexto como factor de potenciação de respostas fecundas, integrar as crianças em grupos de pares, recolher objetos de apoio, formular questões hipotéticas, formular questões na terceira pessoa, recorrer ao formato conversacional da entrevista informal, e atender ao momento mais apropriado” (Bento, op. cit. 49-50).

---

<sup>2</sup> “ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

Em todas as entrevistas foi utilizado um gravador<sup>3</sup> para facilitar o registo das concepções das crianças e, no papel de entrevistador, tomou-se como princípio o enunciado por Scott (2000), citado por Oliveira-Formosinho & Araújo (op. cit.: 21), *“ser flexível, uma vez que as crianças tendem a pedir maior orientação do que os adultos, especialmente quando não estão seguras relativamente ao conteúdo das questões.”*

Além destes instrumentos utilizámos ainda uma ficha de autoavaliação adaptada do Guião Educação, Género e Cidadania Pré-escolar (Cardona, et. al, op. cit.) (Anexo 3), que foi preenchida pela educadora responsável pelo grupo de crianças entrevistadas e que disponibilizou algumas informações necessárias à caracterização do grupo.

Considerou-se a análise de conteúdo como a forma mais adequada ao tratamento dos dados obtidos através das questões abertas dos questionários e das questões das entrevistas às crianças, na medida em que a análise de conteúdo representa *“um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”* (Bardin, 2008: 40), com o intuito de realizar inferências de conhecimentos no que se refere às condições de produção e eventual receção dessas mensagens.

As questões fechadas dos questionários foram tratadas através do programa Excel, dado que pretendíamos quantificar com procedimentos simples os dados de natureza quantitativa.

Ao longo do estudo, garantimos o direito ao anonimato e à confidencialidade da identidade dos sujeitos, considerando-os no quadro da ética e da deontologia dos procedimentos da investigação desenvolvida. Concomitantemente, movemo-nos pela imparcialidade e objetividade, considerando por via dos procedimentos éticos, a necessidade de obter autorizações para aplicação dos instrumentos de recolha de dados, quer às educadoras de infância (autorização concedida pela diretora da instituição), quer às crianças, neste caso obtendo autorizações dos/as seus/suas encarregados/as de educação.

---

<sup>3</sup> Os/As encarregados/as de educação autorizaram a entrevista e a sua gravação.

## **2. Análise dos dados recolhidos**

### **2.1 Breve identificação do contexto do estudo de caso**

A instituição educativa, contexto deste estudo de caso, iniciou provisoriamente a sua atividade em 1978, nessa fase por via de uma Junta de Freguesia da cidade da Ponte de Sôr, vindo em 1980 a ser tutelada por uma instituição social sem fins lucrativos, assumindo desse modo o estatuto de IPSS. Nesse âmbito não só auferiu apoio por parte da Segurança Social de Portalegre como também recorre a fundos próprios para a sua sustentabilidade. A instituição funciona em edifício próprio, rodeado de um espaço exterior arborizado bastante agradável. Nesse espaço de recreio, as crianças podem usufruir de equipamento adequado a atividades exteriores.

A Instituição é composta por treze salas de atividades, das quais, sete têm a valência de creche; três a valência de jardim de infância; e uma a valência de ATL. Existem ainda uma sala destinada ao banco de solidariedade; dez instalações sanitárias para crianças e duas para adultos; uma sala de convívio; uma cozinha; um refeitório; duas copas de leite para apoio aos berçários; uma portaria; uma lavandaria; 3 dispensas; uma sala polivalente (onde funciona também a sala de ATL); uma sala de reuniões; uma sala de costura; uma biblioteca e um gabinete de coordenação.

Esta Instituição conta com um corpo docente constituído por oito<sup>4</sup> Educadoras de Infância, sendo uma delas, a Diretora Técnica.

As crianças podem permanecer na instituição desde as 7.00 horas até às 19.00 horas, sendo-lhe disponibilizadas refeições e atividades integradas na componente de apoio à família (atividades que funcionam para lá do horário letivo assegurado pelas educadoras de infância).

### **2.2 Análise e interpretação das conceções dos pais**

---

<sup>4</sup> Uma das educadoras é a própria investigadora, pelo que se exclui do estudo.

As/Os encarregadas/os de educação do grupo de crianças entrevistado responderam às questões colocadas no questionário, sendo possível conhecer algumas das suas conceções no que à identidade de género diz respeito.

Começámos por identificar a quase unanimidade de responsabilidade feminina no desenvolvimento do papel de encarregada/o de educação. Apenas existe um pai que assume o papel de encarregado de educação,

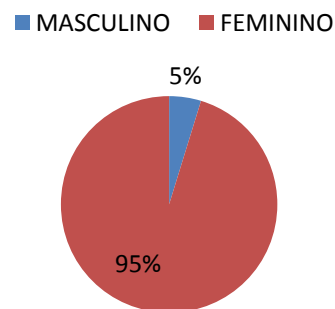


Gráfico 1: Género dos Encarregados de Educação

A tendência verificada permite assumir que as responsabilidades educativas recaem, por norma, sobre o género feminino. Assim, *“é à mãe que compete representar a família na instituição educativa, facto que se associa à responsabilidade da mulher na educação das crianças”* (Bento, op. cit.: 54).

As encarregadas de educação e o encarregado de educação das crianças entrevistadas têm idades compreendidas entre os vinte e dois e os quarenta e três anos de idade. O encarregado de educação do género masculino tem trinta e quatro anos, fazendo parte do intervalo que mais representa as idades das encarregadas de educação. Como se pode verificar existe apenas uma encarregada de educação cuja idade se situa entre os vinte e os vinte cinco anos de idade.

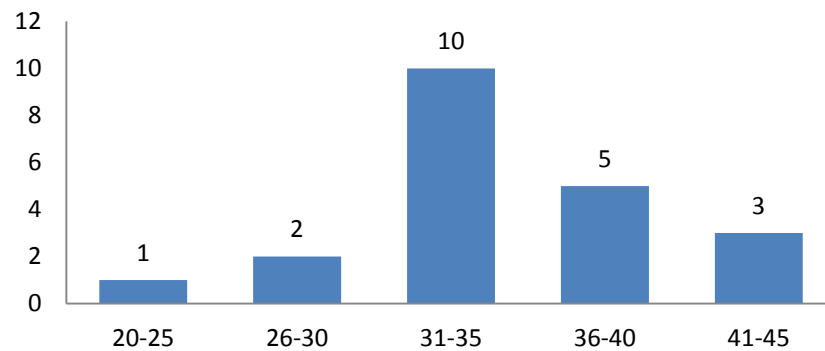


Gráfico 2: Idade das encarregadas de educação e do encarregado de educação

A maior parte possui o 12.<sup>o</sup> ano de escolaridade; o encarregado de educação possui o 8.<sup>o</sup> ano de escolaridade. Existem cinco encarregadas de educação que possuem o 9.<sup>o</sup> ano de escolaridade e três que possuem uma licenciatura.

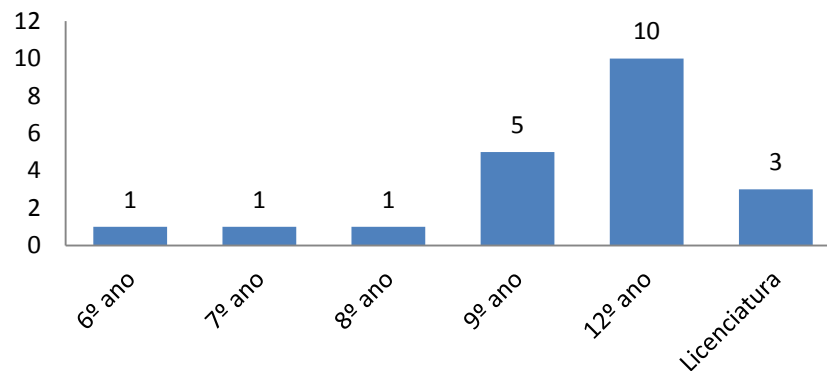


Gráfico 3: Escolaridade do Encarregados de Educação

O desemprego afeta muitas das encarregadas de educação o que pode contribuir para o facto de serem as representantes educativas dos filhos, uma vez que também terão mais disponibilidade. O representante masculino é Fiel de armazém. Estes dados subscrevem a ideia de que apesar da evolução a nível profissional, as mulheres continuam a representar em maior número os desempregados; os estudos feitos revelam que *“taxas de actividade, de emprego, de desemprego, ganhos - continuam assimétricas, prejudicando as mulheres”* (Rêgo, 2008: 41).

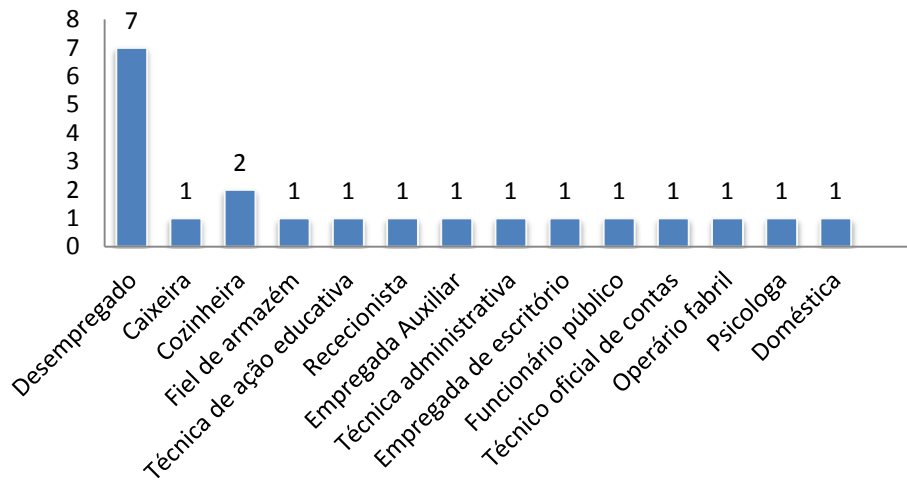


Gráfico 4: Profissões

A maioria das encarregadas de educação (81%) apresenta uma conceção de género de acordo com a adotada no contexto de estudo e alicerçada em moldes sociais. Porém, o encarregado de educação, à semelhança das restantes encarregadas de educação, expressam uma conceção de género ligada ao sexo e a um entendimento mais na base da biologia humana. Este grupo corresponde a 19% das/o inquiridas/o.

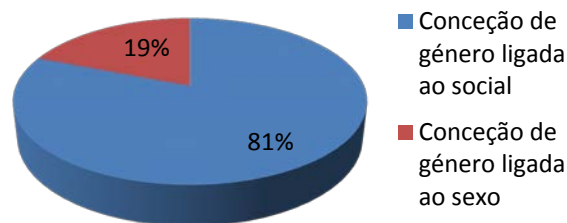


Gráfico 5: Significado de conceito de género

Muitas vezes, como já expressámos, a definição de género é confundida com a definição de sexo. Neste grupo de inquiridas/inquirido também este facto se registou. Estes dois conceitos embora estejam relacionados distinguem-se, como evidenciámos no enquadramento teórico e como dizem Cardona et al. (op. cit.), Bento (op. cit.) e Duarte (2013).

À questão “Educaria um filho de forma diferente de uma filha?” a maior parte das encarregadas de educação, incluindo o encarregado de educação, responderam que não.

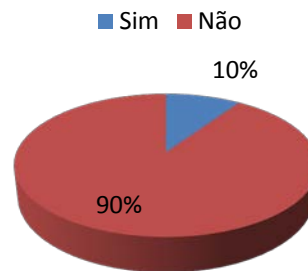


Gráfico 6: Educaria um filho diferente de uma filha?

A resposta dada por uma das encarregadas de educação, correspondente aos 10 %, com resposta “*sim*” foi assim justificada: “(...) *todos sabemos que se formos mulheres temos de lutar muito mais, e para isso devemos de ser instruídas para isso.*” A resposta dada por esta encarregada de educação é expressiva das dificuldades que se apresentam socialmente às mulheres, pelo que a inquirida entende que uma menina/filha deverá ser educada de forma a estar preparada para enfrentar as dificuldades que estão subjacentes à sua condição feminina. Esta justificação insere-se no âmbito das discussões ao redor das questões de gênero em que surgem “ *argumentos de extrema relevância, ainda que nem sempre facilmente conciliáveis entre si. Este facto tem tornado ainda mais profícuo o debate e contribui indubitavelmente para a compreensão da natureza socialmente construída do gênero, a qual legitimou todo um sistema de relações sociais - de dominação e subordinação - pautadas ao longo da história, por desigualdades de poder tanto ao nível material como simbólico*” (Cardona et al, op. cit.: 12).

Como Cardona et al (op. cit.) afirmam, as desigualdades continuam a existir em diversas situações, não apenas a nível doméstico como também a nível profissional e às mulheres continuam a ser associadas condições como cuidar da família e simultaneamente trabalhar, sujeitando-as a uma sobrecarga física e até psicológica. As mulheres, apesar da crescente emancipação e de investirem bastante na sua formação, ainda têm pouca presença, nomeadamente na vida pública. Existem alguns cargos que ainda são assumidos

principalmente por homens. Assim, esta encarregada de educação ainda vê as oportunidades femininas muito aquém das oportunidades masculinas.

Na perspetiva das encarregadas de educação os pais e educadores/as e professores/as são os/as principais modelos sociais. O encarregado de educação masculino aponta os pais (pai e mãe) como principais e únicos modelos sociais. Os pais são, assim, identificados como modelos sociais por excelência, e como salienta Vieira (2006: 7), sendo com a *“família que o individuo passa mais tempo, com especial incidência nas primeiras etapas do desenvolvimento, e é em boa parte no espaço simbólico da interação familiar que ocorre, o que de certa forma lenta e poucas vezes pouco explicita, a transmissão de geração para geração dos estereótipos reguladores do comportamento, facto que é susceptível de afectar projetos de vida, percursos individuais e modos de relacionamento interpessoal.”*

Também algumas das encarregadas de educação entendem que, para além dos pais e das/os profissionais de educação, outros modelos sociais contribuem para a educação da criança e que, nesse sentido, a influenciam. Assim, os avós, irmãos e comunidade também são apontados como modelos que influenciam as crianças.

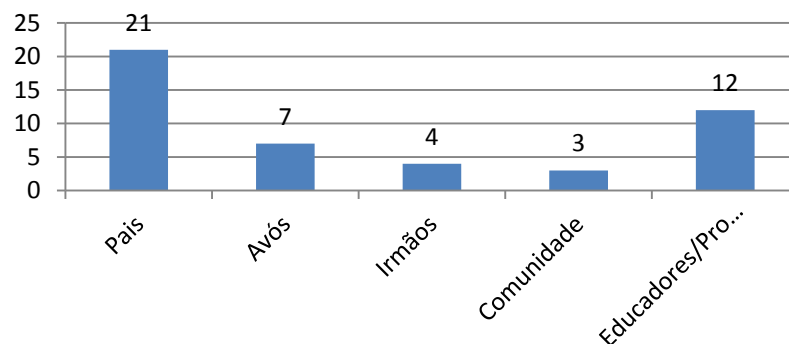


Gráfico 7: Principais modelos sociais indicados pelas/o inquiridas/o

Nas respostas ao questionário, encontramos alguns estereótipos relativamente à condição feminina e à condição masculina na sociedade, sugeridas pela concordância ou discordância que as/o inquiridas/o assinalam e que se plasmam no gráfico seguinte.

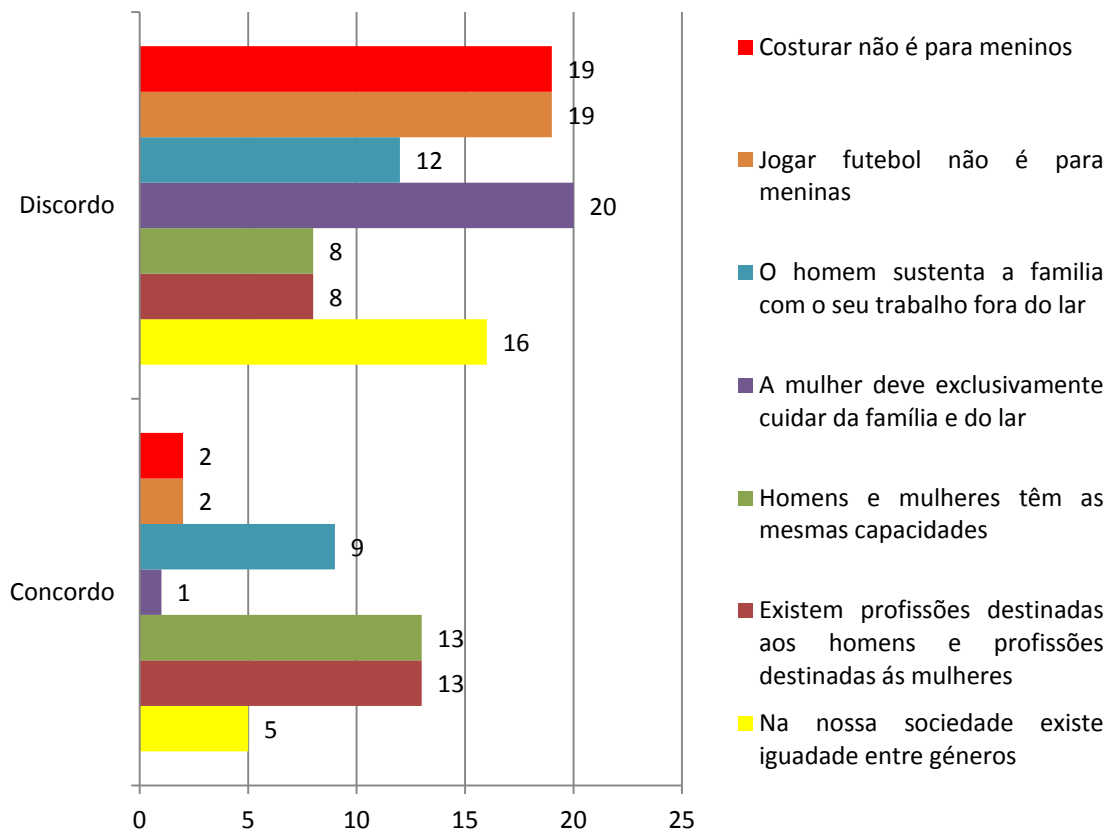


Gráfico 8: Concordância ou discordância sobre afirmações que na sociedade se podem colocar face à igualdade de género

Como se verifica no gráfico, sobre a afirmação “*Na nossa sociedade existe igualdade de género*” registaram-se cinco respostas “*Concordo*” e 16 respostas “*Discordo*”, ou seja, pelas respostas constatamos que o grupo considera que na sociedade atual ainda não existe igualdade entre os géneros.

Para a afirmação “*Existem profissões destinadas aos homens e às mulheres*” e “*Homens e mulheres têm as mesmas capacidades*”, registaram-se, para cada uma, 13 respostas “*Concordo*” e oito respostas “*Discordo*”. De facto, os estereótipos de género relacionados com as profissões ainda são acentuados neste grupo, o que pode constituir uma preocupação educativa a que o jardim de infância também deve estar atento, ajudando as crianças a refletir sobre os géneros e as profissões e a construírem uma atitude de equidade numa afirmação clara de cidadania.

Relativamente à afirmação “*A mulher deve exclusivamente cuidar da família e do lar*”, de forma quase unanime, foi assinalada a resposta “*Discordo*” (20 respostas) e apenas uma resposta foi concordante, o que expressa que hoje em dia está aceite a participação da

mulher no trabalho. A afirmação “O homem sustenta a família com o seu trabalho fora de casa” obteve nove respostas “Concordo” e 12 respostas “Discordo”.

Relativamente às afirmações feitas “Jogar futebol não é para meninas” e “Costurar não é para meninos”, cada uma delas obteve duas respostas “Concordo” e dezanove respostas “Discordo”. Tais respostas demonstram a aceitação de que quer meninas quer meninos podem jogar futebol ou costurar. Nestas questões as respostas indicam uma posição não estereotipada, mas sublinhamos que o grupo inquirido apenas incluía um encarregado de educação, sendo os restantes elementos do género feminino/encarregadas de educação.

Considerando as tarefas que são necessárias a um bom funcionamento doméstico, questionámos as encarregadas de educação e o encarregado de educação sobre quem, em contexto familiar, as exerce. O gráfico seguinte ilustra esse exercício e reflete as respostas dadas, demonstrando que é o género feminino, que nos seus contextos familiares, assume a responsabilidade pela execução de tais tarefas:

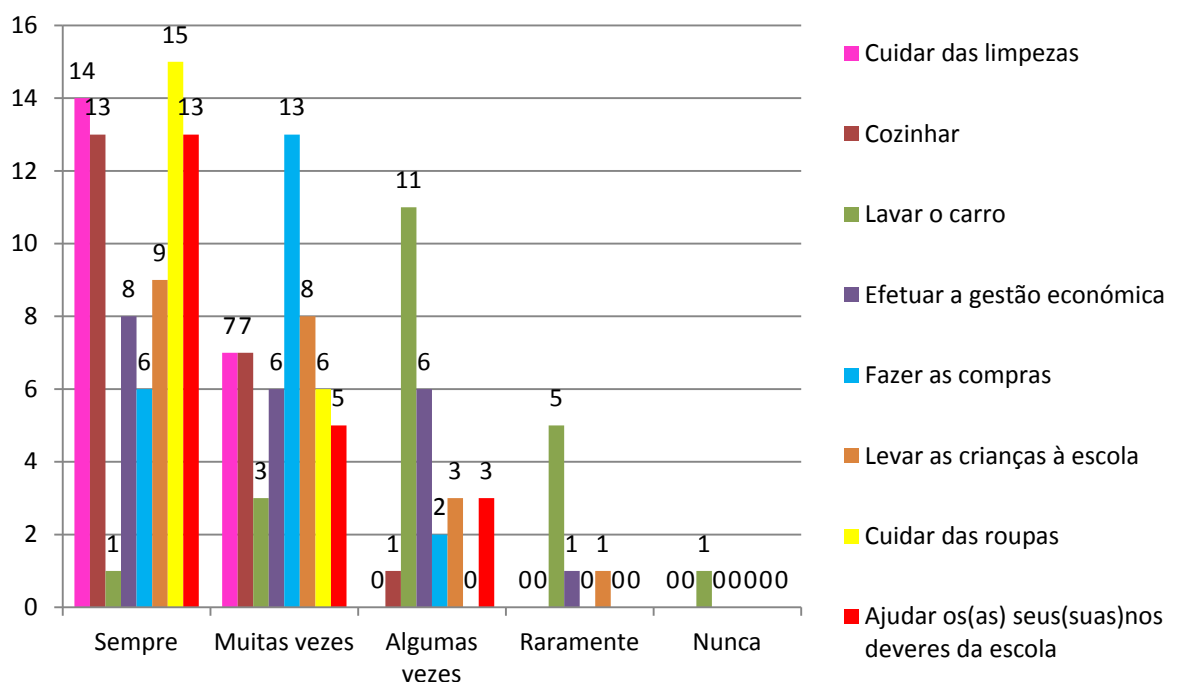


Gráfico 9: Exercício das tarefas no seio familiar pelo género feminino

Relativamente à tarefa “Cuidar das limpezas” a hipótese “sempre” é a que concentra um maior número de respostas, demonstrando que a maioria das mulheres inquiridas é que cuida das limpezas em casa. O encarregado de educação inquirido respondeu que faz

“*muitas vezes*” as limpezas em casa. No gráfico podemos perceber que as respostas que não se concentram na hipótese “*sempre*” se situam na hipótese “*muitas vezes*”. Nesta tarefa, cuidar das limpezas, são as mulheres que mais a executam, colocando-as de forma clara como as que maiores responsabilidades têm no contexto do quotidiano doméstico.

Na tarefa “*cozinhar*” verifica-se uma situação semelhante à anterior, com uma concentração de respostas na hipótese “*sempre*” e na hipótese “*muitas vezes*”. A maior parte das mulheres inquiridas é quem cozinha “*sempre*”, embora sete revelem que cozinham “*muitas vezes*”. O encarregado de educação inclui-se no grupo que respondeu “*muitas vezes*”.

Na tarefa “*lavar o carro*”, é perceptível que a maior parte das encarregadas de educação, assim como o encarregado de educação, afirmam lavar o carro “*algumas vezes*”, o que pode querer significar que não é uma tarefa socialmente associada ao género feminino ou que não se inclui nas tarefas da sua responsabilidade. Apesar de, na sua maioria responderem “*algumas vezes*”, existem três que o fazem “*muitas vezes*” e uma que o faz “*sempre*”. Cinco responderam que raramente o fazem e uma confirmou que “*lavar o carro*” nunca faz parte das suas tarefas.

Relativamente à tarefa “*fazer a gestão económica*” podemos inferir que existe algum equilíbrio entre as três primeiras hipóteses, ou seja, oito encarregadas de educação dizem que são “*sempre*” responsáveis pela gestão económica do lar. As restantes inquiridas dividem-se entre “*muitas vezes*” e “*algumas vezes*”, sendo que o encarregado de educação inquirido faz “*muitas vezes*” a gestão económica em sua casa. Uma das inquiridas revela que “*raramente*” faz a gestão económica de casa. Podemos, no âmbito destes dados, inferir que a gestão económica do contexto doméstico será partilhada ou então é assumida ou pela mulher ou pelo homem.

Através do gráfico podemos ainda verificar que “*fazer as compras*” compete “*muitas vezes*” ou “*sempre*” ao género feminino. A maior parte das inquiridas estão responsáveis por fazer as compras para casa; o encarregado de educação também faz “*muitas vezes*” as compras. Existe uma encarregada de educação que indica que “*raramente*” faz as compras. Estes dados também refletem que as compras para a casa estão mais associadas ao género feminino.

A maior parte das encarregadas de educação “sempre” “levam as crianças à escola”, incluindo-se o encarregado de educação nessa situação. Oito encarregadas de educação manifestam que são elas que levam “muitas vezes” os filhos (as) à escola.

O gráfico não deixa dúvidas sobre quem recai a tarefa “cuidar das roupas”; 15 encarregadas de educação respondem que são “sempre” elas a cuidar da roupa e seis respondem que fazem essa tarefa “muitas vezes”. O encarregado de educação faz parte da barra que nos diz que cuida “muitas vezes”.

A maior parte das encarregadas de educação responderam que são responsáveis “sempre” por “ajudar os/as filhos/as com os deveres da escola”; três manifestam que o fazem “algumas vezes”. O encarregado de educação inclui o número de respostas maioritário (13) que diz respeito à hipótese “sempre”.

Como se pode constatar, as tarefas domésticas, neste grupo de inquiridas/o, recaem de forma alargada sobre a responsabilidade de execução da mulher, demonstrando que é a ela que cabe a organização e funcionamento do contexto doméstico. Quanto à tarefa “gestão económica” é aquela que ou é assumida pela mulher ou pelo homem ou é partilhada, o que talvez se possa relacionar com a situação de desemprego de sete das encarregadas de educação ou com a situação de emprego das restantes, que permite um contributo partilhado no que ao orçamento disponível do casal diz respeito. Se entendermos que a família (neste caso pai e mãe) é um modelo que influi nas conceções e papéis de género estes dados podem significar que as crianças já estejam a associar as tarefas domésticas sobretudo ao género feminino, considerando que as atitudes e papéis dos pais e das mães são suscetíveis de serem imitados. “Na família, o ambiente social tende a ser estruturado, de maneira distinta, para cada um dos sexos (Beal, 2004), facto que condiciona a assunção de responsabilidades, ao nível dos trabalhos domésticos” (Vieira, op. cit.: 30).

No questionário estava incluída uma questão que objetivava perceber se, aquando do nascimento do/a filho/a, havia, por parte do/a respondente, alguma preferência quanto ao sexo do/a descendente.

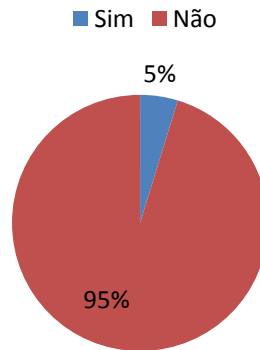


Gráfico 10: Preferência por um género ou outro, aquando do nascimento do/a descendente

Apenas uma encarregada de educação manifestou que tinha preferência por um género em relação ao outro. A referida dava preferência ao género feminino (o que veio a acontecer), justificando a preferência: *“qualquer mãe tem preferência por menina, ou não, no meu caso sim. A maneira de vestir, os tótos, as molas, as bijuterias, coisa que os meninos não têm. A companhia da menina é diferente da do rapaz.”*

Tendo uma filha ou tendo um filho, deveriam depois responder à questão que se colocava de seguida e que incluía um conjunto de hipóteses permitidas ou não permitidas face ao género do/a descendente. Vejam-se os gráficos seguintes (n.º 11 e n.º 12).

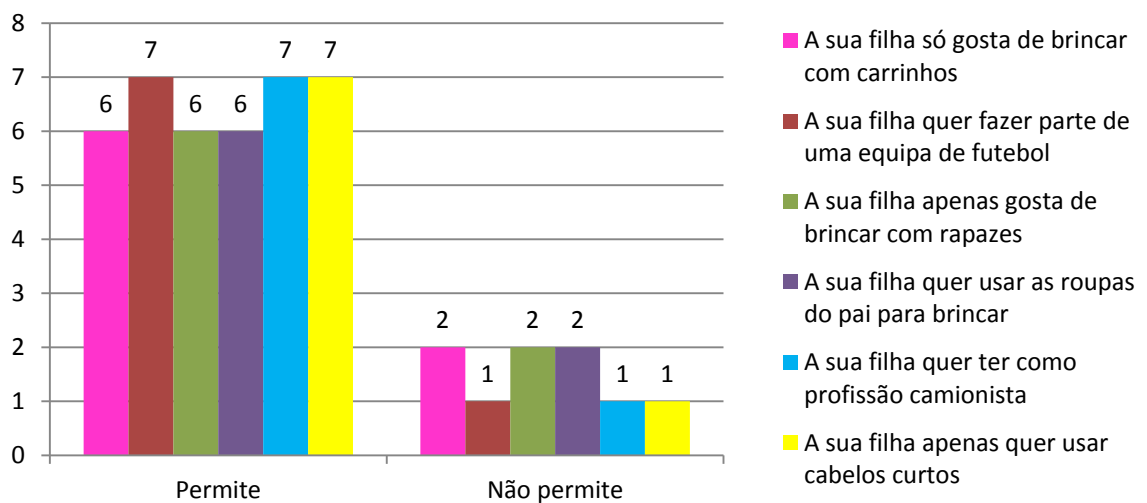


Gráfico 11: Hipóteses referentes às filhas

Para melhor analisar esta questão foi pertinente separar por géneros as respostas dadas. Todas as encarregadas respondem em função das suas descendentes/género feminino. O encarregado de educação responde por um descendente/género masculino, pelo que a sua resposta se inclui nos dados do gráfico n.º 12.

A maioria das encarregadas de educação respondeu que permite que as suas filhas brinquem com carrinhos, que joguem futebol, que brinquem apenas com rapazes, que usem as roupas do pai para brincar, que queiram ser camionistas e que usem cabelos curtos. As mães revelam-se permissivas quanto a todas as possibilidades propostas. Vieira (op. cit.) revela que em estudos feitos a tendência é para que os pais considerem as meninas como mais frágeis, associando as raparigas a atividades mais graciosas. Jogar futebol associava-se privilegiadamente à condição masculina, sendo que as meninas não teriam capacidades físicas para tamanho esforço (Vieira, op. cit.). No entanto, as respostas dadas por estas encarregadas de educação fogem a esta tendência. Não sabemos, se fossem encarregados de educação/homens se a tendência das respostas iria no mesmo sentido.

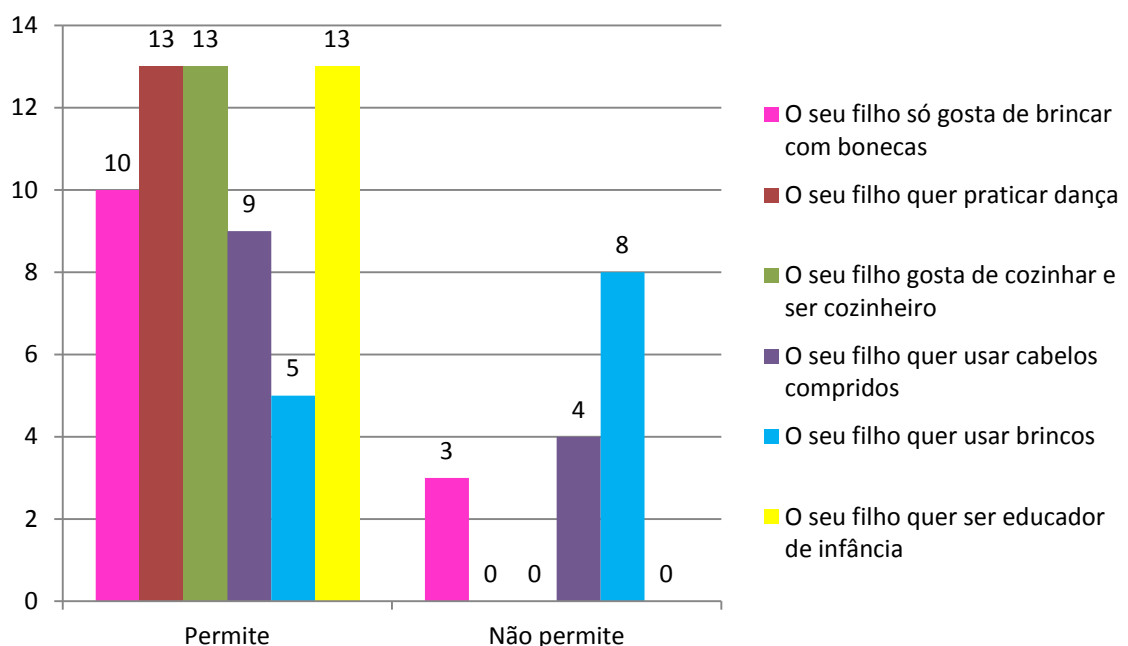


Gráfico 12: Hipóteses referentes aos filhos

No que diz respeito às encarregadas de educação e encarregado de educação que responderam tendo em conta um menino, revelaram-se permissivas com unanimidade

relativamente ao filho poder praticar dança, poder ser cozinheiro e cozinhar e também poder exercer a profissão de Educador de Infância.

A afirmação que se relaciona com a permissão para usar brincos foi assumida (*permitida*) por cinco encarregadas de educação; a maioria afirma que *não permite*. Nove *permitem* o uso do cabelo comprido e quatro *não permitem*. Pensamos que estas respostas se relacionam com o que se entende socialmente associado e adequado às meninas e aos meninos.

Esta preocupação poderá fazer com que os pais e as mães exerçam sobre os/as seus/suas filhos/as influências intrínsecas que não lhes permitam fazer escolhas próprias. Os pais exercem pressão “*podendo modelar a estrutura das suas prioridades, quer em termos de desenvolvimento pessoal, quer ao nível das relações sociais*” (Vieira, op. cit.: 43).

A afirmação que se relaciona com a permissão para brincar com bonecas colheu *permissão* por parte da maioria, embora se registassem quatro respostas *não permite* (incluindo a resposta do encarregado de educação). A todas as restantes hipóteses o encarregado de educação respondeu “*permite*”.

As atitudes familiares face a determinadas hipóteses revela-nos que ainda existem alguns estereótipos que podem impedir a igualdade de géneros. Estas influências dos pais e mães podem alimentar a atitudes dos/as descendentes ao longo da vida, pelo que a função educativa do jardim de infância (e das instituições de ensino seguintes) se torna necessária.

Que tipo de brinquedos oferece ao/à seu/sua filho/a? Foi a questão seguinte e cujas respostas se apresentam nos gráficos seguintes (n.º 13 e n.º 14).

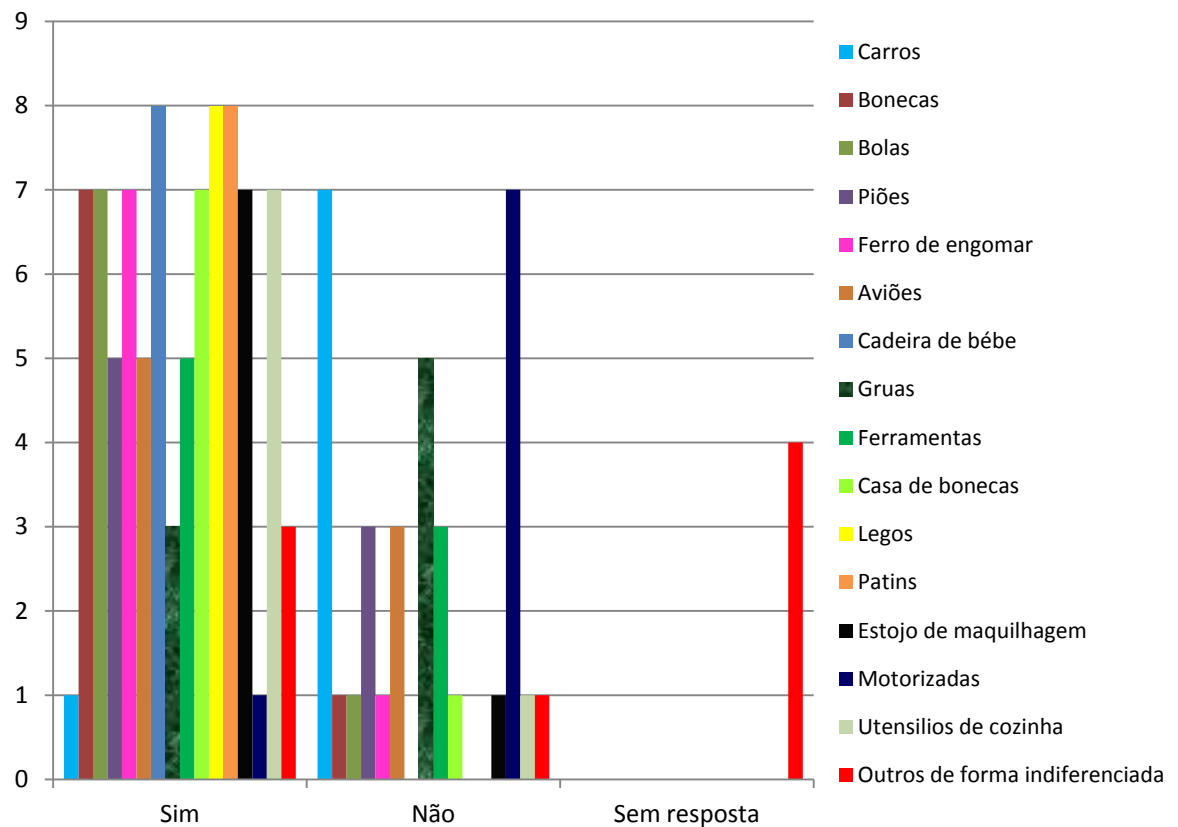


Gráfico 13: Brinquedos para as filhas

As encarregadas de educação, na sua maioria, ofereceriam brinquedos que pensam apenas adequar-se às meninas. As hipóteses “*carros*”; “*gruas*” e “*motorizadas*” não fazem parte dos brinquedos que a maior parte das mães ofereceria às suas filhas. Estes resultados enquadram-se na linha de resultados também verificados em outros estudos que temos vindo a referir.

As encarregadas de educação ofereceriam patins, legos e cadeira de bebé, bonecas, bolas, ferros de engomar, utensílios de cozinha, estojo de maquilhagem e casa de bonecas. Piões, aviões e ferramentas foram apontados por um número menor de encarregadas de educação.

O gráfico seguinte considera as hipóteses para meninos.

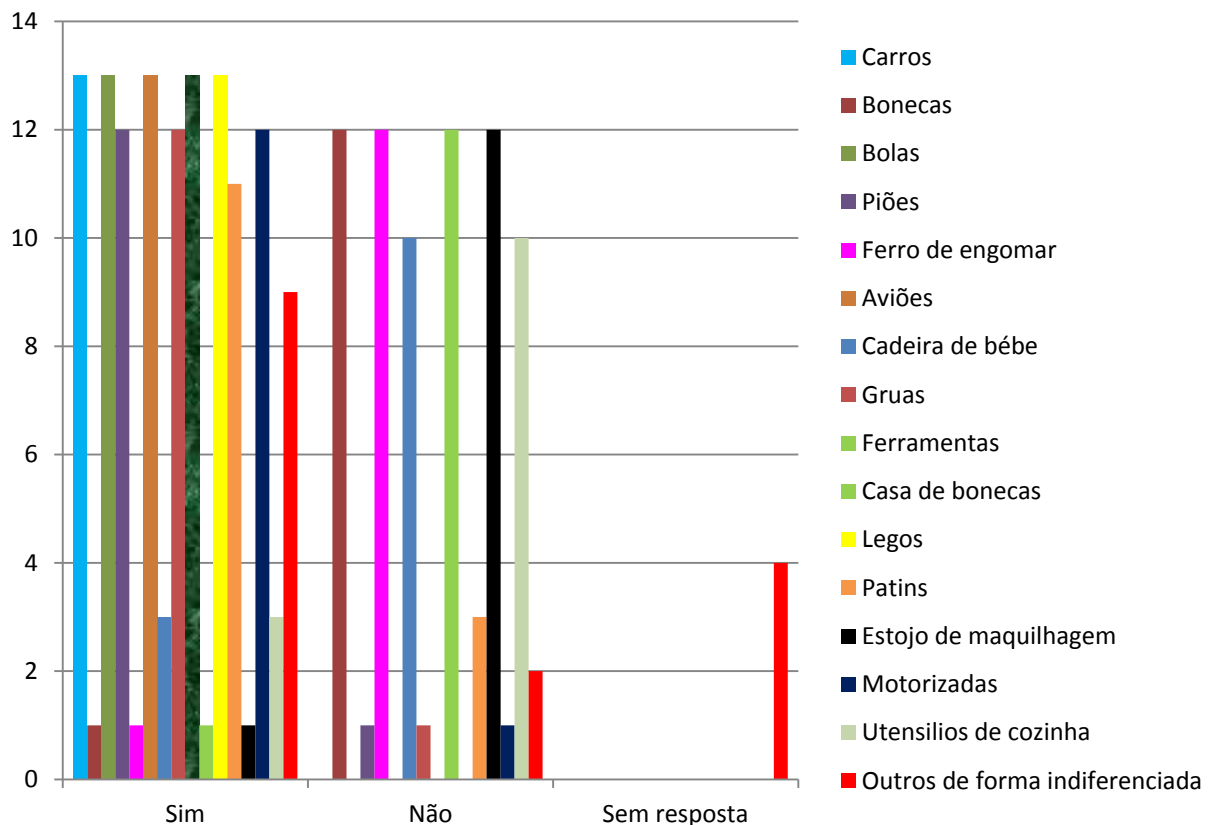


Gráfico 14: Brinquedos para filhos

Os Encarregados de Educação inquiridos relativamente aos presentes que ofereceriam aos seus meninos não tiveram dúvidas e como se pode verificar no gráfico: carros, bolas, aviões, ferramentas, legos, obtiveram 13 respostas cada, relativamente às motorizadas, piões, gruas, obtiveram 12 incidências.

O Encarregado de Educação do género masculino não ofereceria ferros de engomar, aviões, casa de bonecas, estojo de maquilhagem, utensílios de cozinha nem bonecas. Esta situação revela que, a escolha dos brinquedos para os rapazes são mais seletivas ou seja, *“muitas famílias aceitam que as filhas subam às árvores e joguem futebol, porém, ficariam muito incomodadas, se os seus rapazes brincassem com bonecas.”* (Vieira, op. cit.:27).

Comparativamente ao gráfico que se refere às filhas as Encarregadas de Educação e o encarregado de educação são menos flexíveis, ou seja diferenciam claramente os brinquedos dos meninos relativamente às meninas. Esta situação deve-se, talvez, ao facto de tentarem evitar *“interesses de género ‘trocados’* (Sigelman & Shaffer, 1995), os quais costumam ser altamente punidos pelos pares e pelas pessoas adultas em geral, a probabilidade de estes receberem brinquedos típicos de raparigas é bastante reduzida. As

*preferências de género ‘troçadas’, a este nível, que são expressas pelas raparigas tendem a ser, de um modo genérico, mais toleradas.” (Vieira, op. cit.: 27).*

Apesar da posição que estes Encarregados de Educação assumem relativamente aos brinquedos que ofereceriam aos seus/suas filhos/filhas, manifestam a importância em educar os/as seus/suas filhos/filhas em igualdade de género.

Será importante referir que *“o tipo de brinquedos oferecidos às crianças constitui, sem dúvida, um dos meios, através dos quais, se torna possível promover diferenças a longo prazo, entre rapazes e raparigas” (Vieira, op. cit.: 26).*

Ao finalizar as respostas ao questionário, sugeriu-se às encarregadas e ao encarregado de educação que dessem a sua opinião sobre a importância da educação pautada por valores suscetíveis da igualdade entre os géneros. Todas as respostas assinalaram *“sim”*.

Este dado é bastante elucidativo, revelando unanimidade relativamente à necessidade de meninos e meninas deverem ser educados para uma experiência de vida que considere e promova a igualdade de género. Bento (2011) considera o seio familiar como o contexto, por excelência, para promover a igualdade entre géneros; porém, face a alguns dos resultados que apresentamos, surgem-nos algumas dúvidas face ao papel e à intervenção que a família deve desenvolver a esse nível, pois muitas das suas respostas são impregnadas de alguns estereótipos de género.

É na mais tenra idade que as crianças fazem as aprendizagens mais significativas. A maior parte das vezes, essas aprendizagens acompanham-nas para a vida toda. As crianças *“aprendem a diferenciar os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres e aí se enraíza a diferenciação que, muitas vezes, está na base de futuras desigualdades” (Duarte, 2013: 42).*

## **2.2 Análise e interpretação dos dados recolhidos através dos questionários às educadoras de infância**

Os questionários foram distribuídos a sete educadoras de infância, sendo devolvidos seis. As docentes, seis educadoras de infância, que responderam ao questionário são licenciadas em Educação de Infância, à exceção da Diretora Técnica que tem como habilitação académica um curso de bacharelato em Educação de Infância.

Inquiridas sobre a sua faixa etária, obtiveram-se os seguintes dados:

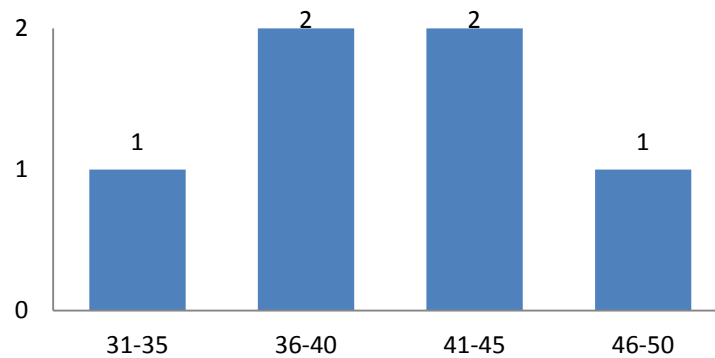


Gráfico 15: Idades das Educadoras

As educadoras de infância prestam serviço nesta instituição há vários anos. Os seus anos de serviço são apresentados no gráfico seguinte:

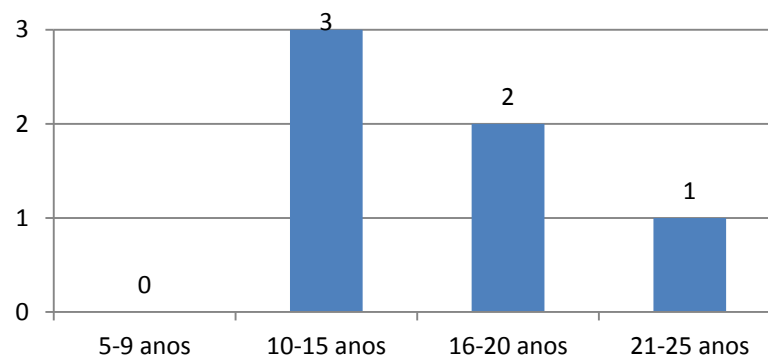


Gráfico 16: Tempo de serviço das docentes

Uma educadora, que designámos por A, conta com 24 anos de tempo de serviço, acumulando o cargo de diretora técnica da instituição em questão. As educadoras, que designámos por B, D e E, fazem parte da barra cujo espaço se situa entre os 10-15 anos de serviço. A barra que representa as educadoras que têm entre 16-20 anos corresponde às educadoras que designámos por C e F. Têm todas um vínculo de efetividade com a instituição e, à exceção da diretora técnica, todas desempenham apenas funções educativo-pedagógicas.

No questionário pedimos às educadoras que definissem o que entendem sobre o termo gênero. As respostas deixam bem claro que existem muitas dúvidas sobre o significado deste termo. Na realidade nenhuma das inquiridas o conseguiu definir de forma clara e consentânea com a literatura tida em conta neste estudo.

Cinco das educadoras associam o termo gênero ao sexo, tendo-os como sinónimos. Esta definição contraria o significado que, com base na literatura pesquisada, atribuímos ao termo; a associação das educadoras vai no sentido da biologia humana ao invés da associação social que hoje sustenta e justifica o termo. Verifica-se, assim, por parte destas educadoras, algum desconhecimento do que hoje se entende por gênero, podendo ser inferido que as mesmas não têm mantido uma postura de atualização científica e pedagógica no que a estas questões diz respeito.

A Educadora A não respondeu à questão; as Educadoras B, C, D, E e F definem, como referimos, este conceito como sendo sinónimo de sexo. Vejam-se, por exemplo, as seguintes respostas.

Educadora E: “*Gênero: divide-se em dois sexos: o feminino e o masculino.*”

Educadora F: “*O gênero está com o sexo feminino ou masculino.*”

As respostas dadas revelam que as educadoras distinguem o masculino do feminino, embora o façam de forma associada ao gênero. Nas suas respostas cingem-se apenas às características biológicas subjacentes ao ser humano, usando o termo como distinção entre “*os indivíduos com base na sua pertença a uma das categorias biológicas: sexo feminino e sexo masculino*” (Cardona *et al*, op. cit.:12).

Questionámos as educadoras sobre se a sua própria educação teve por base a igualdade entre géneros. Considerámos para a resposta as seguintes categorias: *concordo totalmente, concordo parcialmente, discordo parcialmente e discordo totalmente*. As suas respostas distribuíram-se conforme os dados do gráfico seguinte:

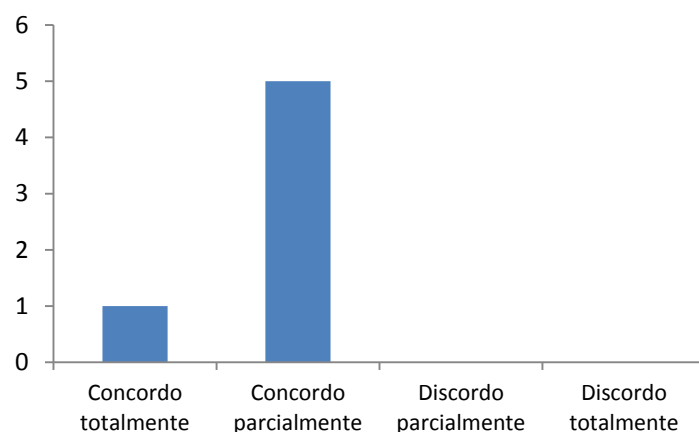


Gráfico 17: Educação das Educadoras baseada ou não em igualdade de géneros

As respostas, como se pode verificar, incidem quase unanimemente na segunda opção “*concorda parcialmente*”; apenas a Educadora C respondeu “*concordo totalmente*”. As educadoras consideram que tiveram uma ‘educação’ baseada na igualdade entre géneros, contudo o “*concordo parcialmente*” pode ser revelador da dificuldade em definir o termo género, associando ao sexo, como verificámos na resposta anterior.

Na altura em que se construiu o questionário não se considerou a hipótese de pedir às educadoras alguns exemplos ou justificações para a resposta dada. No entanto, consideramos, agora, a pertinência e a necessidade de o ter feito, dada a resposta que as educadoras nos deram para o termo sexo; podemos entender que, quando se situaram numa das categorias definidas, o tivessem feito de acordo com as ideias expressas e não pela asserção social que hoje se associa ao termo.

As respostas à questão seguinte (*Considera que vivemos num país em que existe igualdade de género?*) revelam pouco otimismo em relação à igualdade de género na sociedade portuguesa. Apenas as Educadoras C e F responderam afirmativamente.

As respostas dadas inscrevem-se no enquadramento teórico do estudo e revelam que existe consciência de que sempre existiram diferenças significativas entre géneros, sendo o género feminino considerado inferior ao género masculino, embora nos dias de hoje as mulheres sintam que são mais valorizadas e com direitos iguais ao género masculino. As opiniões das educadoras distribuíram-se conforme o gráfico:

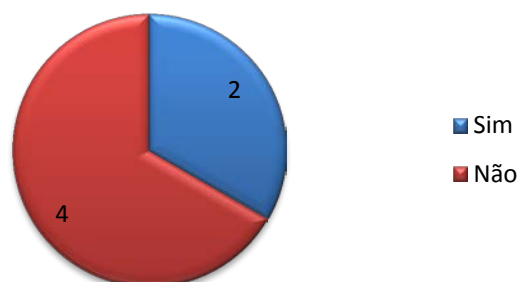


Gráfico 18: Igualdade de género na sociedade

Assumimos, na interpretação das duas respostas concordantes, que as duas educadoras consideram que na sociedade portuguesa, homens e mulheres são objeto de

direitos, deveres e oportunidades em igualdade de género. Apesar de, no nosso país se ter vindo a registar uma evolução positiva sobre esta matéria, é importante salientar que a presença feminina ainda se faz sentir pela ausência, nomeadamente em contextos políticos, no exercício de alguns cargos públicos, assim como a ausência masculina se faz sentir em contextos educativos e domésticos. Os estudos feitos, e como salientámos no quadro teórico, revelam que as mulheres têm uma participação cada vez mais ativa, e significativa em diferentes contextos, embora isso venha a acontecer de forma gradual e não se possa entender de forma generalizada a todos os contextos sociais e profissionais.

As restantes quatro educadoras consideram que vivemos numa sociedade em que não existe ainda igualdade de género, entendendo que *“por igualdade de género dever-se-á entender como a igual valorização, independentemente das diferenças entre mulheres e homens, assim como os diferentes papéis que desempenham na sociedade (...)”* (Serpa 2011: 17).

Quando questionadas se as mulheres deveriam ter os mesmos direitos dos homens, cinco educadoras afirmaram que sim; uma delas respondeu que não.

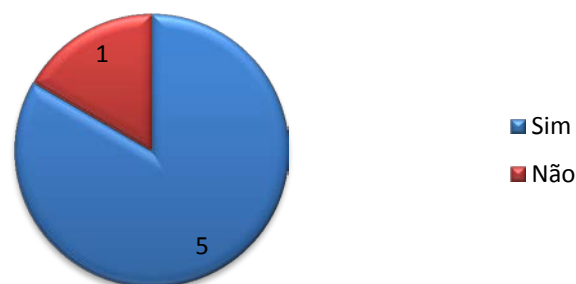


Gráfico 19: Direitos iguais entre homens e mulheres

Relativamente a esta questão, a maior parte das educadoras considera que as mulheres devem ter os mesmos direitos dos homens, apenas a Educadora F considera que não. Considerando que apenas existem características anatómicas que distinguem seres masculinos de seres femininos, não devem existir discriminações de um género face ao outro. No entanto, uma das respostas parece considerar que ainda devem existir diferenças entre os direitos de mulheres e de homens. Consideramos, neste sentido, a opinião de Brederode dos Santos (2000: 39), quando a autora salienta que *“em Portugal, as mulheres*

*continuam a estar sub-representadas, como sabemos, na vida política e nas estruturas de tomada de decisão económica. A trabalho igual ainda nem corresponde salário igual e homens e mulheres partilham de forma também muito desigual tarefas profissionais e familiares.”*

No que diz respeito à questão “*Considera que a profissão que desempenha é típica de um determinado género?*” as respostas tenderam para “sim”; no entanto duas das educadoras, Educadoras A e F, responderam que não.

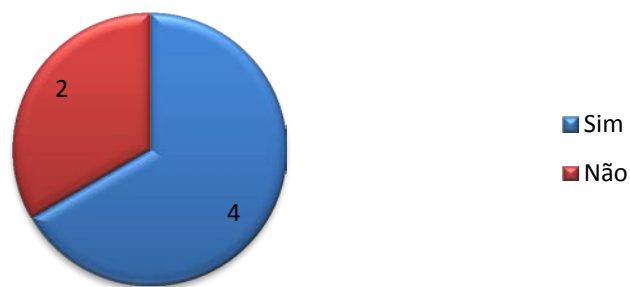


Gráfico 20: Profissão de Educador/a típica de um determinado género

Historicamente a profissão de educadora de infância foi e continua a estar associada à condição feminina, embora seja uma profissão que, hoje em dia, inclui alguns homens; a representatividade das mulheres continua a ser manifestamente significativa e o número de homens é estatisticamente insignificante - estudos feitos em 1999 revelam que apenas existiam 144 educadores de infância/homens num universo de 9469 educadoras de infância/mulheres. Seguindo esta linha de pensamento, as educadoras continuam a associar esta profissão ao género feminino. Nas respostas das educadoras encontramos justificações que associam a mulher à profissão de educadora de infância pela sua condição maternal, assumindo que as mulheres são mais sensíveis e melhor preparadas para os cuidados com as crianças. Tais justificações enquadram-se nos pressupostos que apresentámos no quadro teórico que evidenciavam estas mesmas características para associar a mulher às profissões ligadas à educação.

As educadoras justificaram a sua resposta afirmativa, associando a profissão de educadora maioritariamente ao feminino, relacionando-a com o instinto maternal associado ao género feminino. Referiram também que, historicamente, se trata de uma profissão associada às mulheres. Esta opinião é sustentada por vários autores/as, nomeadamente,

Louro (2000) que argumenta que as mulheres são as educadoras/cuidadoras ideais, às quais atribuem uma qualidade natural que está diretamente relacionada com a maternidade. Assim sendo, e tal como refere Vasconcelos (1997: 28), citando Grumet (1998), *“existe uma relação entre a experiência doméstica das mulheres que criam os filhos o projecto público de educarem os filhos de outras pessoas.”*

Às educadoras que responderam que a profissão de educadora de infância é associada ao género feminino, questionou-se de seguida se concordavam com a afirmação *“As profissões deverão corresponder a um género de pertença”*. As opiniões das educadoras dividiram-se entre *“concordo parcialmente”*, opinião partilhada pelas Educadoras A e E; *“Discordo parcialmente”*, resposta da Educadora B e *“Discordo totalmente”* hipótese assinalada pelas Educadoras C, D e F.

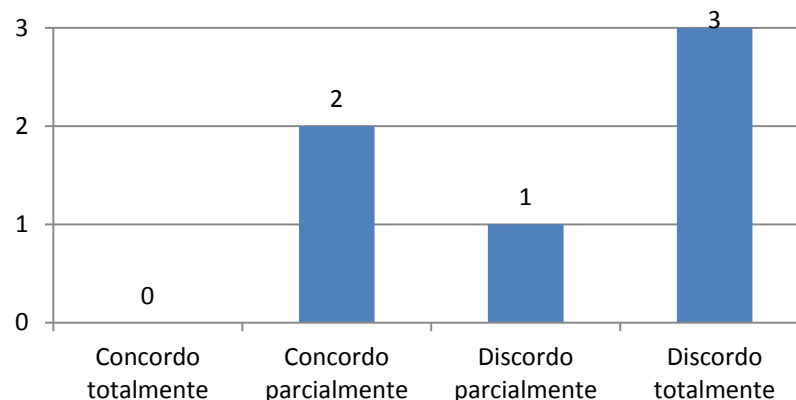


Gráfico 21: As Profissões deverão ser associadas a um género de pertença?

A Educadora A, apesar de ter respondido à questão anterior (discordo parcialmente), não justificou o porquê da sua escolha. As Educadoras D, E e F discordam totalmente da afirmação referindo que:

*“Os preconceitos são associados ao desempenho por parte das mulheres, de certas profissões supostamente masculinas”* (Educadora D);

*“Tanto o género masculino como o feminino consegue desempenhar as mesmas funções”* (Educadora F);

“A maioria das profissões podem adequar-se a cada pessoa consoante o seu género” (Educadora E).

A Educadora E ainda manifesta uma visão bastante conservadora relativamente à questão das profissões, embora “discorda parcialmente” da afirmação. A referida educadora assinala as capacidades físicas das mulheres que não lhes permitem desempenhar certas profissões tipicamente masculinas. Também refere que as condições de empregabilidade são bem mais restritas e que existem certas entidades em que “o próprio patrão não as contratava” (referindo-se às mulheres).

A Educadora C, apesar de apenas “concordar parcialmente” com a afirmação, manifesta claramente uma posição de igualdade, referindo que “o género feminino consegue ultrapassar certas profissões designadas do sexo masculino” (Educadora C).

Integradas numa sociedade tradicional, as respostas das educadoras não surpreendem uma vez que, apesar das evoluções sentidas, as mulheres foram e continuam a ser de forma menos marcada excluídas de determinados contextos. Rêgo (2008: 41), que define cidadania como um contexto onde os cidadãos deverão ter direito a participar, sem exceção, na vida pública, acrescenta que “a esfera pública é, ainda hoje, o lugar da predominância masculina. A demonstrá-lo estão, antes de mais, os indicadores de participação das mulheres e dos homens nos processos de decisão, na área por excelência da segregação ocupacional do nosso País. E também os indicadores do mercado de trabalho- taxas de actividade, de emprego, de desemprego, ganhos - continuam assimétricos, prejudicando as mulheres.”

O próximo grupo de questões relacionava-se com a prática pedagógica de cada educadora. Perante a afirmação “O seu grupo de crianças tem atitudes discriminatórias face ao género oposto”, as educadoras responderam quase unanimemente, “Concordo parcialmente”, tal como se pode averiguar no gráfico que se segue:

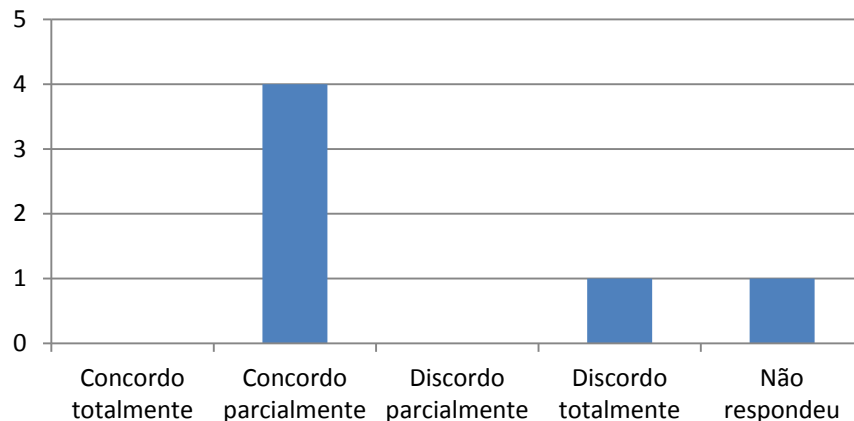


Gráfico 22: Atitudes discriminatórias das crianças face ao género oposto

A Educadora A não respondeu à questão. Apenas a Educadora B respondeu “*Discordo totalmente*”, as restantes educadoras responderam, “*Concordo parcialmente*”. As Educadoras que concordam parcialmente com esta afirmação transmitem-nos que as crianças se manifestam com atitudes discriminatórias face ao género oposto.

Como sabemos, as crianças, desde que nascem, ficam sujeitas às influências dos adultos que as rodeiam, nomeadamente pais e educadoras/educadores e, a fim de acautelar alguns comportamentos e atitudes estereotipados, cabe à educadora de infância intervir na “*forma como rapazinhos e rapariguinhas se auto-organizam tanto na sala de actividades como no recreio, como resolvem os seus conflitos, como assumem a liderança, etc.*” (Cardona *et al*, op. cit.: 74). Como já acentuámos os pais e o jardim de infância têm um papel fundamental no desenvolvimento social das crianças e é necessário estar consciente de que os primeiros modelos que as crianças imitam são, de facto, os que lhes estão mais próximos e imediatos, pelo que é necessário agir em função de uma cidadania plena, em que a igualdade de género seja assumida sem estereótipos.

A questão que se colocou de seguida esclarece-nos sobre se as educadoras inquiridas desenvolvem ou não práticas educativo-pedagógicas que promovem a igualdade de género. As seis educadoras responderam que as suas práticas são promotoras da igualdade entre géneros. Face à resposta afirmativa, foram as educadoras convidadas a dar exemplos de atividades e ou de estratégias que, nas suas opiniões, promovam a igualdade entre géneros. Vejam-se as suas respostas:

Educadoras	Atividades
A	“Cabeleireiro”; “Quinta”
B	“Jogar à bola”; “Garagem”; “Casinha”; “Pintura várias cores”
C	“Expressão dramática”; “Hora do conto”
D	“Cantinhos”; “Prendas para o pai e para a mãe”
E	“Jogos de futebol mistos”; “Casinha”
F	“Cantinhos”; “Cores das tintas para prendas ou trabalhos”

Quadro n.º 1: Exemplos de atividades e ou estratégias enunciadas pelas educadoras promover a igualdade de género

As respostas dadas não nos elucidam claramente relativamente à escolha das atividades que, na opinião das educadoras, poderão ser promotoras da igualdade entre géneros, pois apenas se referem a espaços da sala onde as crianças podem desenvolver atividades lúdicas ou expressivas, não dizendo as educadoras como aí promovem, de facto, a participação das crianças. Apenas a resposta “*Jogos de futebol mistos*” pode indicar que a atividade, usualmente mais associada ao género masculino, é desenvolvida com a participação de meninos e de meninas. Porém, podemos inferir para as outras respostas que as educadoras, ao enunciar tais atividades ou espaços, o fazem a pensar na possibilidade de meninos e meninas poderem estar, brincar e aprender juntos e assumir papéis de género facilitadores da igualdade. Também as respostas que mencionam as cores (duas educadoras), podem ser entendidas no sentido de todas as cores serem adequadas tanto ao género masculino como ao feminino, assim como as prendas para o dia do pai e dia da mãe poderem ter a mesma adequabilidade tanto para o pai como para a mãe.

Ainda sobre a referência aos espaços da sala (cantinhos) que é feita pelas educadoras, convém mencionar a necessidade de que o apetrechamento e os recursos desses espaços não manifestem ideias estereotipadas. As educadoras deverão ter o cuidado de proporcionar momentos agradáveis tanto para rapazes como para raparigas, fazendo com que os espaços e atividades sejam aprazíveis para todos de igual forma.

Encarando o tema género como transversal, as atividades propostas pelas educadoras de infância assumem fundamental importância na promoção da igualdade entre géneros. As crianças começam a compreender, mais ou menos, entre os “2 e os 7 anos aproximadamente, a imutabilidade do facto de serem do sexo masculino ou do feminino – isto é, à medida que vão consolidando a estabilidade do género – as crianças sentem-se motivadas a procurar informação sobre os comportamentos considerados adequados ao seu sexo, pela observação dos outros na família, na escola, na comunicação social, que funcionam como modelos” (Cardona et al, op. cit.: 25).

Todas a atividades propostas deverão facilitar a melhoria de relações recíprocas, tentando fazer com que as crianças adquiram competências “para comunicar, discutir, negociar, dar a vez, cooperar, exprimir preferências e razões que estão por trás das suas ações, aceitar compromissos e empatizar com os outros, desempenham um papel na interação social” (Formosinho et al., op. cit.: 12). As mesmas autoras (op. cit.), referindo Gottman (1983), elucidam que as atividades servem também para colmatar “skills” sociais, tornando as crianças capazes “ de estabelecer sincronia com os outros, criando um terreno comum, trocando informações e explorando semelhanças e diferenças, ao mesmo tempo que resolvem os conflitos que podem ocorrer durante os jogos” (Formosinho et al., op. cit.: 12).

A questão que se seguiu levou as educadoras a referir possíveis estereótipos de género que as crianças podem manifestar. A maioria das educadoras inquiridas referiu a observação de estereótipos de género entre as crianças. O gráfico seguinte esclarece a esse respeito.

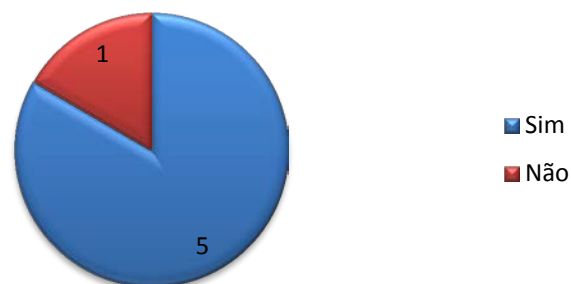


Gráfico 23: Observa estereótipos de género nas crianças

Apenas a Educadora B não observa estereótipos de género nas suas crianças e todas as outras (cinco) dizem observá-los.

Apesar das Educadoras C e F afirmarem que observam estereótipos de género contradizem-se na questão seguinte (*Em caso afirmativo, dê alguns exemplos dos estereótipos observados*), referindo que:

*“Muitas meninas preferem carros e meninos preferem o cantinho da casinha e as bonecas”* (Educadora F).

*“Os meninos também gostam da área “casa” onde passam a ferro ou imitam as mães a fazer o comer, a pôr a mesa e as meninas jogam à bola como os futebolistas”* (Educadora C).

As restantes educadoras deram exemplos tais como:

*“Meninos preferem futebol”; “As meninas brincar bonecas”* (Educadora C).

As Educadoras A e D referem a *“quinta”* (Educadora A e D) como local de eleição dos meninos, e o *“cabeleireiro”* para as meninas (Educadora A).

Quisemos saber a opinião das educadoras quanto às OCEPE, especificamente se estas contemplam a igualdade de género.

Todas as Educadoras consideram que as OCEPE contemplam a igualdade entre géneros. Quando confrontadas com a questão seguinte, em que as inquiridas deveriam enunciar em que áreas de conteúdo as OCEPE promovem a igualdade entre géneros, as Educadoras A, B, C, E e F respondem que em *“Todas”*; a Educadora D diz que apenas a Área do Conhecimento do Mundo contempla a igualdade entre géneros.

Quando analisadas as OCEPE, incluindo os objetivos da Educação Pré-escolar, encontramos a educação para a cidadania, o desenvolvimento pessoal e social e, em particular a igualdade de géneros, com um sentido transversal. Nelas, as questões de género estão claramente implícitas e são possíveis de serem trabalhadas em todas as áreas de conteúdo.

Perguntámos às educadoras de conheciam o *“Guião de educação género e cidadania pré-escolar?”*

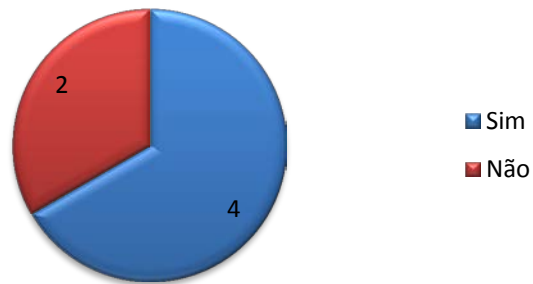


Gráfico 24: Conhece o guião de educação género e cidadania pré-escolar

As educadoras (duas) que dizem conhecer o Guião indicaram que o conheceram através da investigadora.

.Apesar de duas Educadoras saberem que este Guião existe não significa que o conheçam, ou que conheçam os seus princípios. Também não indicaram alguma forma de uso dos guiões na estruturação da sua prática educativo-pedagógica. Lembramos que os guiões editados pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género “*são instrumentos de apoio para profissionais de educação de todas as áreas curriculares, disciplinares e não disciplinares, e de todos os tipos e/ou modalidades de ensino*” (Cardona et al, op. cit.: VII) e que têm o intuito de facilitar a “*integração da dimensão de género nas práticas educativas formais e nas dinâmicas organizacionais das instituições educativas, com vista à eliminação gradual dos estereótipos sociais de género que predefinem o que é suposto ser e fazer um rapaz e uma rapariga*” (Cardona et al, op. cit.: VII).

Seguidamente as educadoras foram questionadas sobre as questões de género no seio familiar, ou seja se “*Consideram que as famílias, nomeadamente os pais, influenciam as crianças nas questões de igualdade de género?*”

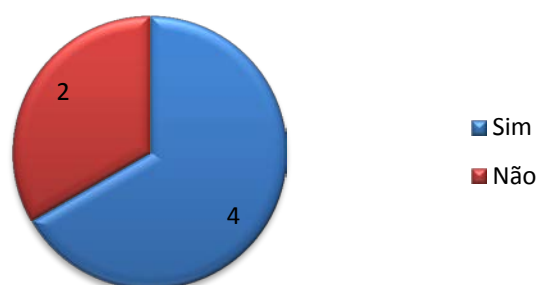


Gráfico 25: Influência das famílias nas questões de igualdade de género

O enquadramento teórico deste estudo e os/as autores/as que temos vindo a citar, não deixam dúvidas quanto à importância da família na construção social dos(as) seus/suas filhos(as). Assim sendo, não são surpreendentes as respostas afirmativas por parte das educadoras. A maior parte das educadoras partilham a opinião de Vieira (op. cit.: 18) de que são *“os pais e as mães os/as educadores/as por excelência dos filhos e das filhas, a educação que concebem para as suas crianças de tenra idade, para que se tornem, no futuro, homens ou mulheres bem sucedidos/as felizes é certamente influenciada por uma constelação dicotómica de crenças sobre o que é próprio e desejável de cada um dos sexos.”*

As quatro educadoras que responderam afirmativamente foram convidadas a expressar a sua opinião acerca das formas como a família pode influenciar as crianças no que respeita à igualdade de género.

A Educadora A, apesar de considerar que as famílias influenciam as crianças, não emitiu a sua opinião. A Educadora D, apesar de ter respondido *“sim”*, diz depois que, presentemente, as *“famílias são mais receptivas”*. A opinião desta educadora pode ser entendida à luz das palavras de Vieira (op. cit.: 18), uma vez que a referida autora indaga que apesar de se manter alguma tradição, os pais e mães presentemente já refletem sobre os assuntos, tentando proporcionar as mesmas oportunidades às filhas que proporcionam aos seus filhos, nomeadamente a educação. A autora acrescenta que são oportunidades que poderão *“truncar as oportunidades de sucesso na vida das gerações mais novas.”*

As Educadoras E e D referem que os pais não gostam de ver os *“meninos”* a brincar na *“casinha”* ou com *“bonecas”*. Estas respostas mostram que, na opinião das educadoras, alguns pais ainda detêm uma mentalidade conservadora e preconceituosa. É importante que os pais percebam que *“a possibilidade de lidar com determinados brinquedos, representam oportunidades indiscutivelmente importantes para o ensaio de comportamentos relevantes para o desenvolvimento do género”* (Vieira, op. cit.: 26).

Quando se perguntou às educadoras *“Qual dos pais tende a ser mais participativo nas atividades no Jardim de Infância?”*, as educadoras manifestaram-se maioritariamente na resposta *“mãe”*. A Educadora D manifestou que tanto participam os pais como as mães.

Considerando que a família é um dos principais meios de socialização da criança, é desejável que se aliem à escola num objetivo comum - contribuir para a construção de um

ser com cidadania saudável e baseada em valores de respeito e de igualdade. A parceria entre a Escola e a Família torna-se fundamental, tendo como linha de pensamento *“que a família e educação são indissociáveis, podemos reafirmar que a escola/jardim de infância é um espaço no qual se dá continuidade à educação adquirida no meio familiar (...)”* (Baptista, 2013: 31). A desejada interação *“é cada vez mais vista como um indicador de qualidade educativa, o que significa que os educadores são conscientes da importância da relação do jardim de infância com a família, sugerindo uma melhor qualidade no que respeite à prática pedagógica desenvolvida”* (Baptista, op. cit.: 32).

Pedi-se também às educadoras que enumerassem algumas atividades em que os pais/mães habitualmente mais participam. As Educadoras A, B, C e E referiram que os pais/mães participam em todas as atividades para as quais são solicitados/as. As restantes educadoras exemplificam: *“intercambio escola/família”, “dias festivos”, “reuniões”, “Festa de Natal, Dia Mundial da Criança, Festa de Final de Ano.”* À semelhança do estudo feito por Baptista (op. cit.) as famílias apenas participam quando solicitadas, embora e corroborando com o que nos diz Gaspar (2013) citada por Baptista (op. cit.: 69), *“(...) os pais desejam, mais do que os educadores, ter acesso regular a informação acerca das atividades realizadas no jardim de infância, enquanto os educadores pretendem que os pais participem mais ativamente nas atividades (...)”*

A opinião das educadoras revela que as mulheres continuam a deter, entre as suas tarefas, uma relação proeminente com a educação dos filhos, sendo as mais participativas nas atividades *‘pré-escolares’*. Os estudos feitos, nomeadamente por Baptista (op. cit.), também vão ao encontro da opinião destas educadoras. Contudo, o papel masculino tem vindo a ser mais ativo tanto nas tarefas domésticas como na educação dos filhos, não obstante que a evolução feminina tenha sido bem mais significativa, uma vez que o facto de trabalhar *“o mesmo número de horas fora de casa que o pai, a mãe continua a ser a figura parental que mais responsabilidade assume na satisfação das necessidades das crianças e que mais tempo retira à sua profissão para tratar dos assuntos familiares”* (Vieira, 2006: 65). O acompanhamento aos filhos/as deverá ser feito tanto pelos pais como pelas mães, porém, não existem dúvidas que esta área ainda está indiscutivelmente relacionada com tarefas femininas, o acompanhamento *“costuma ser uma tarefa mais frequentemente assumida pelas mães do que pelos pais (...)”* (Vieira, op. cit.: 69).

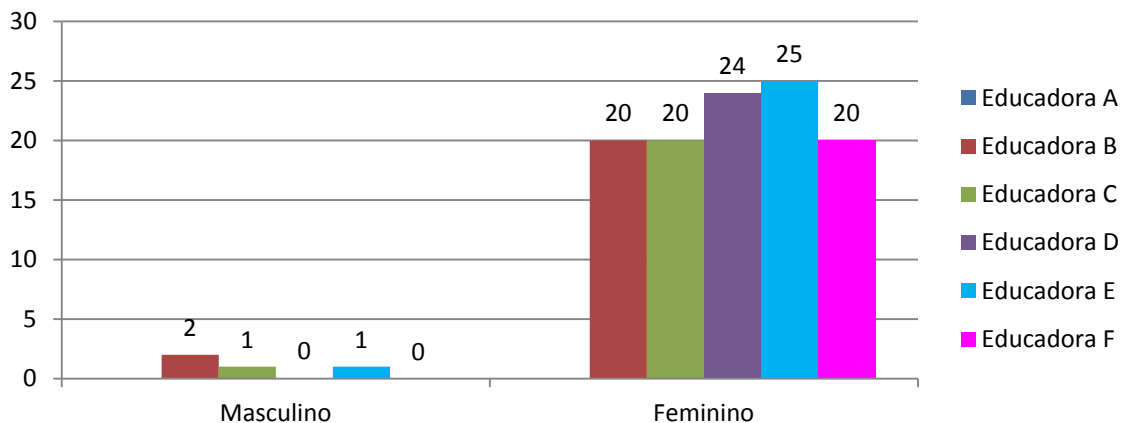


Gráfico 26: Incidência de encarregados de educação por género por sala

O gráfico anterior indica-nos o número de encarregados de educação no masculino e o número de encarregados de educação no feminino, em cada sala de cada uma das educadoras.

Os dados dizem respeito às salas de cinco das educadoras e são bastante explícitos quanto ao género mais representativo nas funções de encarregada/encarregado de educação. As mães representam, maioritariamente, os/as seus/suas filhos/as na qualidade de encarregadas de educação.

Em síntese podemos assinalar, nas conceções das educadoras de infância que responderam ao questionário, alguma falta de informação/formação sobre as questões de género e, conseqüentemente sobre as suas conceções sobre a promoção da igualdade de género. Assinalamos também a existência de alguns estereótipos, embora não assumidos de forma espontânea e clara, que podem não contribuir para uma verdadeira educação para a igualdade de género.

Inferimos que o tema em questão não faz parte das suas preocupações educativas, pelo menos de uma forma consciente e coerente, revelando desconhecimento sobre materiais e recursos (nomeadamente o Guião de educação género e cidadania pré-escolar).

Tais inferências levantam algumas preocupações educativas, nomeadamente porque *“todos os elementos que rodeiam as crianças estão constantemente a fornecer-lhes informação, ainda que de forma inconsciente, constituindo-se como modelos que assumem maior importância quando nos pais e educador/a”* (Bento, op. cit.: 68).

### **2.3 Análise das entrevistas feitas às crianças**

No âmbito desta investigação foram entrevistadas vinte e uma crianças em idade pré-escolar, com idades compreendidas entre os quatro e os seis anos de idade. Na sua maioria irão transitar para o 1.º ciclo do ensino básico no ano letivo seguinte e este foi um dos motivos que contribuiu para a escolha deste grupo. O grupo é acompanhado por uma equipa educativa constituída por uma educadora de infância (Educadora que designámos por E, também respondente ao questionário), uma auxiliar de ação educativa e uma empregada auxiliar.

As entrevistas foram realizadas na sala de atividades, contexto que considerámos propício para a realização das mesmas, tendo em conta os critérios para a escolha do local onde realizar uma entrevista com crianças que indicámos na metodologia utilizada neste estudo. As crianças mostraram-se recetivas à proposta que lhes foi feita e responderam prontamente a todas as questões que lhes foram colocadas. Importa referir que foram entrevistados treze meninos e oito meninas. Trata-se de um grupo heterogéneo, não só a nível de idades mas também a nível de competências. Quanto às idades podemos indicar que sete crianças têm quatro anos; doze crianças têm cinco anos; e duas crianças têm seis anos.

No grupo não existem crianças com Necessidades Educativas Especiais e a constituição do grupo, segundo a Educadora E, foi feita tendo em conta as idades e o género, de forma que *“as crianças mais novas ficassem sentadas perto das mais velhas e também meninos e meninas”* (Educadora E).

As crianças, na sala de atividades, dispõem de várias áreas que lhes proporcionam momentos de aprendizagens. Podem contar com as seguintes áreas: “Quinta (animais)”; “Computador”; “Garagem (carrinhos, tratores, motas)”; “Escrita”; “Matemática”; “Jogos (puzzles, loto, dominó, jogos de encaixe, enfiamentos, jogos de palavras, matemática)”; “Biblioteca (livros infantis)”; “Pintura/trabalhos manuais/ desenho (pinceis, tintas)”; Trabalhos expostos pela sala (parede/estendal); “Mapas de presenças, calendário, mapa do tempo” e “Casinha (fazer comida, pôr a mesa, lavar loiça, fazer a cama, tratar dos bebés)”. Esta organização pode proporcionar às crianças momentos de aprendizagens significativas e interações diversificadas. Segundo Oliveira-Formosinho, (2002<sup>a</sup>) citada por Mesquita-Pires (2007: 61) a/o educadora/educador *“organiza o espaço, o tempo, os materiais, os projectos*

*e as actividades, a observação, a planificação e avaliação, para possibilitar a construção de contextos de pesquisa e aprendizagem que facilitem e promovam uma interação-educativa.”* Na sala não existe um planeamento definido, sendo as escolhas das atividades feitas em grupo; não existe, porém, um quadro de planeamento onde se registem as escolhas feitas pelas crianças.

Segundo a Educadora E, e a observação que fizemos durante o tempo de permanência na sala, não existe um tempo pré-definido para as crianças irem para as áreas. Estas são escolhidas em função da regra: na área da “Quinta” podem estar simultaneamente quatro meninos/as; no “Computador” dois/duas meninos/as; na “Garagem” três meninos/as; na “Biblioteca” cinco meninos/as; nos “Jogos” sete meninos/as; na “Casinha” seis meninos/as; na “Pintura” dois/duas meninos/as; no Desenho/Escrita três meninos/as.

A Educadora E também nos observou que não existem diferenças entre as escolhas dos rapazes e das raparigas, embora as crianças se influenciem uma às outras na hora das escolhas. Também, dentro da sala de atividades, os rapazes revelam mais agressividade do que as raparigas, principalmente na disputa de brinquedos.

As crianças têm diariamente um recreio de 1.00 hora com atividades livres, sempre na companhia da educadora e da auxiliar de ação educativa.

Se dentro da sala as atividades são suscetíveis de serem escolhidas por ambos os géneros, o mesmo já não se verifica no exterior, uma vez que os rapazes preferem jogar futebol à exceção de uma rapariga que também os acompanha. As raparigas preferem atividades mas calmas, sendo os rapazes “(...) *mais turbulentos (...)*” (Educadora E).

Os pequenos grupos que surgem organizam-se de forma espontânea de forma indiferenciada sem que haja qualquer influência por parte dos adultos presentes na sala.

Depois desta breve caracterização do grupo, para a qual contribuiu a opinião da Educadora E, passamos de seguida a explicitar as concepções de género identificadas através das entrevistas que realizámos com as crianças.

As crianças responderam prontamente a todas as questões, embora algumas revelassem alguma timidez.

Como já referimos, o ponto de partida para cada entrevista foi a leitura de uma pequena narrativa, sendo depois colocadas as questões a cada criança.

Relativamente à primeira questão (*Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?*) as crianças não se mostraram embaraçadas em responder: 15 crianças indicaram que, sendo o bebé um menino, a roupa a escolher deverá ser azul (seis meninas e nove meninos); duas meninas também vestiriam o menino com a cor preta. Uma das meninas enumerou várias outras cores como por exemplo: verde, castanho e amarelo. Dois meninos escolheram a cor vermelha; um dos meninos a cor cinzenta e um menino a cor verde. Apenas uma menina não mencionou o cor-de-rosa como cor indicada para as meninas vestirem. Todos os meninos indicaram apenas o cor-de-rosa como cor indicada; contudo duas meninas ainda elegeram o vermelho como cor mais indicada para as meninas.

Como se constata, a tendência é para associarem a escolha de uma cor para a roupa, ao género. De forma clara, o grupo relaciona o “cor-de-rosa” com o género feminino e o “azul” com o género masculino. O estudo de Bento realizado em 2011 e o estudo de Duarte realizado em 2013 revelaram também esta associação, expressando que existe nesta questão um estereótipo social em que o cor-de-rosa é a cor do género feminino e o azul a cor do género masculino. Muitas das vezes, como revela Duarte (op. cit.: 42), este estereótipo é veiculado pelos pais e mães: “(...) *O mesmo acontece com o vestuário, nomeadamente, através das cores que são distintas de acordo com o sexo da criança, escolhendo a cor azul para os bebés do sexo masculino e o cor-de-rosa para os bebés do sexo feminino.*”

Questionámos depois as crianças sobre que peças de roupa deviam escolher, caso fosse um menino a nascer ou caso fosse uma menina. Dezasseis crianças (seis meninas e 10 meninos) partilham a opinião que se for uma menina pode usar uma saia “*pois as meninas é que vestem saias*” e se for um menino, dezoito crianças (sete meninas e 11 meninos) devem escolher calças, “*pois os meninos é que vestem calças*”.

Tal como a cor, as peças de vestuário associadas às meninas também são distintas das associadas aos meninos. Os meninos, segundo a opinião das crianças (meninas e meninos) entrevistadas apenas poderão usar “*calças*” ou “*calções*”. Esta associação, segundo Silva & Araújo (2005), citada por Duarte (op. cit.: 38), verificada nas crianças entre os 3 e os 6 anos de idade revela que as mesmas “*vão adquirindo comportamentos sexualmente tipificados, ou seja, comportamentos que estão em conformidade com as expectativas culturais sobre o que é apropriado os meninos e as meninas fazerem.*” Apenas, na opinião de duas meninas e dois meninos, as meninas poderão usar calças. Os calções também fazem parte das

opções tanto para as meninas como para os meninos (quatro meninas e dois meninos indicam os calções como opção para os meninos vestirem e um menino indica aponta os calções como hipótese para as meninas vestirem). Um dos meninos também aponta collants para as meninas e meias para os meninos.

Na questão seguinte, que se referia à partilha do quarto (*Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?*), dezoito crianças consideram que, se for menina pode partilhar o quarto com a Joana (oito meninas e 10 meninos); se for menino, na opinião de dezoito crianças (sete meninas e 11 meninos) deve partilhar o quarto com o Bernardo. Uma menina é ainda da opinião que, mesmo sendo menino, pode partilhar o quarto com a Joana; assim como três meninos consideram que mesmo sendo menino também pode partilhar o quarto com a Joana. Nesta questão, as crianças associam a partilha do quarto também ao género, estabelecendo que “*menina fica com menina*” e “*menino fica com menino*”. A associação feita pode revelar também que as crianças entrevistadas identificam as características de ambos os géneros, distinguindo-os através da forma como consideram a partilha do quarto.

Da narrativa constava que o pai e a mãe andavam muito cansados; nesse sentido questionaram-se as crianças sobre quem os poderia ajudar em algumas tarefas.

Tarefas	Que deve ser a menina (Joana) a fazer		Total	Que deve ser o menino (Bernardo) a fazer		Total
	Número de meninas que responderam que deve ser a Joana a fazer	Número de meninos que responderam que deve ser a Joana a fazer		Número de meninas que responderam que deve ser o Bernardo a fazer	Número de meninos que responderam que deve ser o Bernardo a fazer	
Lavar loiça;	6	11	17	3	7	10
Cozinhar;	5	9	14	1	4	5
Arrumar a roupa	6	10	16	4	6	10
Ir às compras	6	10	16	1	7	8
Lavar o carro	5	8	13	4	7	11
Reciclar	6	8	14	5	8	13
Aspirar	6	10	16	5	8	13

Quadro n.º 2: Tarefas que a menina e o menino podem fazer

As opiniões dividem-se um pouco, embora as crianças coloquem mais responsabilidades de tarefas nas meninas. Para a maior parte das crianças entrevistadas as meninas podem ser responsabilizadas por um maior tipo de tarefas do que os meninos. No que diz respeito às tarefas “*lavar a loiça*”, “*cozinhar*” e “*ir às compras*”, de forma expressiva são associadas à condição feminina. A tarefa da “*reciclagem*” é associada ao género masculino e ao feminino, com apenas uma resposta de diferença para o género feminino. “*Lavar o carro*” e “*aspirar*”, mesmo que associadas ao género masculino continuam a ser mais associadas ao género feminino, embora a diferença no número de respostas não seja tão significativa.

Podemos interpretar estes dados alicerçando as associações feitas pelas crianças ao que observam no quotidiano e salientar que as crianças precocemente “*aprendem a diferenciar os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres e aí se enraíza a diferenciação que muitas vezes, está na base de futuras desigualdades. Esta aprendizagem dos papéis sociais e profissionais de ambos os sexos, que por vezes é discriminatória, começa a ser feita na vida familiar*” (Duarte, op. cit.: 42). Também, sobre estes resultados, e à luz das

palavras de Silva, et. al (2005), é necessário considerar que, muitas vezes, esta aprendizagem de papéis sociais e profissionais associada ao género é demasiado rígida e discriminatória, e é iniciada no contexto familiar e perpetuada no contexto do jardim de infância. Torna-se, por isso, importante sensibilizar as/os profissionais deste contexto para que as/os mesmos possam ter uma atitude não estereotipada e não discriminativa relativamente aos papéis que se atribuem socialmente às mulheres e aos homens.

*Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola?* A esta pergunta a maior parte dos meninos (cinco) responderam que deveriam ser os dois (pai e mãe) a levá-los à escola, resposta partilhada com duas meninas. Algumas crianças dividiram-se entre o “pai” (três meninas e três meninos) e a “mãe” (duas meninas e quatro meninos). Quando confrontados com o “*porquê*” de ser o pai, as crianças manifestaram-se afirmando que a mãe teria de ficar em casa a cuidar do bebé. Naturalmente, os que estão habituados a que seja a mãe a transportá-los diariamente à escola afirmaram que deveria ser a mãe a cumprir essa tarefa. Nestas respostas também as crianças associam a figura feminina à condição de “*cuidadora*”, demonstrando já a tendência que socialmente se tem atribuído à mulher sobre a educação e cuidados dos/as filhos/as.

Colocámos às crianças a necessidade de ajudar a Joana (personagem da narrativa) a escolher a prática de um desporto, sugerindo várias hipóteses. As sugestões das crianças revelaram ser estereotipadas, de forma vincada, associando o tipo de desporto a um género. Assim, na opinião da maior parte das crianças a Joana não deveria escolher ‘*futebol*’ (oito meninas e 10 meninos), ‘*basquetebol*’ (oito meninas e oito meninos), ‘*voleibol*’ (seis meninas e oito meninos) ou ‘*andebol*’ (sete meninas e oito meninos) por estes desportos não serem praticados por meninas, associando-os ao género masculino. A ‘*ginástica*’, assim como a ‘*dança*’ e a ‘*natação*’ foram os desportos mais escolhidos para a Joana poder escolher, associando-os desta forma ao género feminino. Para sermos mais explícitos, 13 meninos escolheram a ‘*ginástica*’ e a ‘*dança*’ e 10 meninos a ‘*natação*’ como sugestão de possíveis desportos praticáveis pela Joana. No que se refere às meninas estas elegeriam a ‘*dança*’ (oito meninas) como o desporto de eleição, seguindo-se a ‘*ginástica*’ (sete meninas) e a ‘*natação*’ (seis meninas).

De forma clara as crianças mostraram estereótipos de género associados aos desportos que cada género poderá praticar. Na perspetiva da maioria das crianças entrevistadas, futebol não é desporto para ser praticado por meninas e a maioria das crianças referiu que a Joana poderia praticar ginástica, natação e, sem dúvida alguma, que poderia praticar dança.

As incidências na dança são unânimes, sendo uma atividade associada às meninas, ao género feminino.

Os estereótipos de género, no que ao desporto se refere, estão muito salientes nas conceções deste grupo de crianças. Tal como as profissões, muitos desportos são associados à condição delicada feminina e outros associados à robustez do género masculino. Estas associações, resultado de falsas ideias sem prova científica, atribuem limitações físicas ao género feminino, sendo necessário desmontá-las através de práticas educativas que permitam “(...) a todas as pessoas a plena participação e o acesso a uma gama completa de actividades, permitindo-lhes assim realizar todo o seu potencial. O exercício da igualdade elimina as práticas discriminatórias que representam um obstáculo à plena participação de raparigas e rapazes” (CIG, 2009: 13).

Continuámos a colocar às crianças a necessidade de indicarem, de entre várias hipóteses colocadas, a que melhor se adequava à personagem da narrativa, o Bernardo, quando a sua professora o convidou para fazer parte do grupo de dança da escola. Tentámos que as crianças respondessem sobre se o Bernardo devia ou não aceitar esse convite e porquê.

Onze crianças (quatro meninas e sete meninos) expressaram que o Bernardo não devia aceitar o convite da professora, logo não aceitar fazer parte do grupo de dança da escola. A justificação dada pelas crianças assentou em cinco variáveis principais: “*porque os meninos não gostam de danças*” (uma menina), “*porque é menino*” (duas meninas e dois meninos), ou “*porque as danças são para meninas*” (um menino), “*porque gosta mais de jogar à bola*” (um menino), “*porque tem de tomar conta do mano*” (um menino).

Dez crianças consideraram que sim, que o Bernardo deveria aceitar fazer parte do grupo de dança da Escola. Nem todas as crianças justificaram este “sim”, mas algumas delas informaram: “*aceitar é bem educado*” (uma menina), “*poderão aproveitar para brincar com os amigos*” (dois meninos), “*porque é divertido*” (uma menina e um menino).

Nas respostas das crianças é evidente a ideia de que a dança é mais para meninas do que para meninos<sup>5</sup>, o que é revelador de que as crianças transportam facilmente estereótipos de género socialmente inculcados e que é necessário as instituições educativas assumirem oportunidades efetivas de práticas artísticas ou desportivas que não dividam

---

<sup>5</sup> Considerando estas respostas, interessa dizer que, o grupo de crianças em questão, integra o grupo de dança da instituição educativa. Mesmo fazendo parte de um grupo de dança, a maior parte das crianças considera que esta é uma atividade subjacente à condição feminina.

meninos e meninas, sensibilizando-os “*para a igualdade nas actividades desportivas (...)*” (CIG, 2009: 21) e culturais.

Às crianças foi depois colocado o seguinte dilema: *A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser educador de infância ou ser costureiro. Que profissão achas que o Bernardo deve escolher? E a Joana, achas que ela pode ser camionista?*

A maior parte das crianças, representando 11 respostas (cinco meninas e seis meninos), responderam que o Bernardo deveria escolher a profissão de costureiro e 10 crianças (três meninas e sete meninos) responderam que o Bernardo podia ser educador de infância. Apesar de socialmente estas profissões poderem ser associadas mais ao género feminino do que ao género masculino (veiculando um estereótipo), as respostas das crianças demonstram que a sua idade pode ser fundamental para que, através de uma ação educativa igualitária e não discriminativa, se desmontem estereótipos. As crianças, quando confrontadas com duas profissões socialmente mais associadas ao género feminino, ao contrário das situações anteriores em que umas eram mais associadas ao feminino e outras ao masculino, revelaram-se com um sentido e atitude menos estereotipada. Como nos é dito por Cardona, et. al (op. cit.) apesar de conhecer um estereótipo a criança manifesta flexibilidade cognitiva e “*o simples conhecimento dos estereótipos não motiva necessariamente as crianças a exibirem comportamentos consonantes com eles, como concluíram Key Bussey e Albert Bandura (1999)*” (Cardona et. al, op.cit: 30).

Quanto à escolha da Joana (ser camionista), treze crianças (cinco meninas e oito meninos) entendem que não é uma escolha acertada e oito crianças (três meninas e cinco meninos) aceitam que a Joana possa fazer essa escolha.

Ainda referindo a mesma obra (Cardona et. al, op. cit.) salientamos que as crianças mais pequenas utilizam os estereótipos de forma flexível, dado que o seu entendimento de género é abrangente e nele se incluem diferentes atividades e papéis.

À semelhança de outros estudos que temos vindo a citar (Rodrigues, 2003; Bento, 2011; Duarte, 2013) as crianças apresentam conceções estereotipadas de género que se traduzem em associações que culturalmente e socialmente são veiculadas – cores associadas a géneros; vestuário associado a géneros; responsabilidades/tarefas associadas a géneros; práticas desportivas associadas a géneros; profissões associadas a géneros.

Os estereótipos que foram manifestados pelas crianças são a prova de que as crianças desde muito pequenas recebem e incorporam as influências sociais e parentais que as rodeiam. É, por isso, importante considerar as ideias que as crianças vão cimentando sobre as atitudes que cada género deve adotar, revelando-se a necessidade de uma intervenção educativa solidária e igualitária de forma a rentabilizar a flexibilidade cognitiva das crianças mais novas num sentido positivo de consideração e de relação entre os géneros.

Considera-se importante referir que os estereótipos de género são mais evidentes nas crianças mais velhas, pois a maturidade revela maior preconceito e mais certeza nas respostas. As crianças reproduzem o que lhes é transmitido e, neste sentido, as crianças *“lidam com o meio envolvente da forma como veem os outros agirem e das expectativas que lhes são colocadas relativamente aos seus comportamentos”* (Bento, op. cit.: 73).

Na perspetiva de entrevistadora, ficámos com a noção de que as crianças estavam interessadas em responder assertivamente. No final da entrevista, a maior parte das crianças tinha a preocupação de perguntar se tinham respondido bem. Posteriormente, em conversa com a Educadora E, esta revelou que uma das meninas que é considerada *“Maria Rapaz”*, quando em casa a mãe lhe perguntou como tinha corrido a entrevista, a mesma disse que tinha respondido *“tudo certo”*. Quando esta criança foi questionada relativamente à primeira questão da entrevista, respondeu que as meninas deveriam usar *“saia”* e os meninos *“calças”*, embora ela não use saia porque não gosta. Queremos com isto salientar que esta criança tem consciência do que é um comportamento socialmente desejado, manifestando-o através da resposta que ela pensava que a entrevistadora esperava ouvir.

### **PARTE III – CONCLUSÕES FINAIS**

## **Conclusões e recomendações**

Ao longo dos tempos, e nos diversos estados e contextos sociais, temos vindo a assistir a modos diferentes de entender a posição social de homens e de mulheres, associando-lhes diferentes papéis sociais e profissionais, impregnados de estereótipos que consideram, geralmente, a desigualdade entre os géneros. Em Portugal, e de acordo com a literatura consultada, tem-se vindo a evoluir neste âmbito, embora nos dias de hoje não se possa afirmar de forma plena que mulheres e homens são vistos em igualdade de papéis e de oportunidades.

Na condução desta dissertação assumimos a necessidade de intervir precocemente na educação das crianças de modo a contribuir de forma positiva para a construção da identidade de género e que essa construção reverta na assunção de papéis de género positivos e não discriminatórios da igualdade entre o género masculino e o género feminino.

Assim, ao longo do enquadramento teórico tentámos alicerçar esta ideia fundamental, começando por enquadrar e discutir as questões de género, tentando considerar a condição feminina e a condição masculina ao longo dos tempos. Percebeu-se, nesse sentido que, ao longo dos tempos, mulheres e homens têm sido encarados socialmente de modo diferente por via da assunção de diferenças físicas e psicológicas da mulher que a levaram a ser encarada como um ser mais frágil e, sobretudo, vocacionada para a submissão ao género masculino, às tarefas domésticas e à educação dos filhos. Como muitas dessas assunções derivam de “mentalidades culturais e sociais” e não científicas, muitas sociedades têm permitido e têm sabido aliviar essas “supostas diferenças” e têm construído uma situação mais igualitária entre homens e mulheres. No entanto, esse caminho não tem sido fácil e ainda está longe de ter sido plenamente conseguido, ainda que hoje, mulheres e homens tenham oportunidades mais iguais.

A identidade de género, resultado de expectativas sociais sobre o que os homens e mulheres podem e devem fazer, começa a construir-se desde cedo e a criança, numa relação e interação com a realidade e os sujeitos que a rodeiam, começa a situar-se face aos comportamentos e papéis que dela são esperados, conforme seja menina ou menino. Fá-lo no imediato das suas interações com a família, com o pai e com a mãe e, mais tarde com os/as profissionais dos contextos de educação pré-escolar e, quase sempre, sob um conjunto de estereótipos que a influenciam precocemente. Porém, se as famílias e o jardim

de infância tiverem uma mentalidade e intervenção proactiva convergem positivamente na educação da criança mais nova, pois em virtude da suas estruturas cognitivas ainda em estruturação, com maior facilidade constrói e reconstrói os seus papéis e forma de ver o mundo que a rodeia. Importa, nesse sentido agir de forma consciente na educação da criança.

Na condução do estudo desenvolvido numa instituição particular de solidariedade social com valência de jardim de infância, na cidade de Ponte de Sôr, foi importante desocultar as concepções dos/das encarregados/as de educação, das educadoras de infância e das crianças que interagem quotidianamente. Essa desocultação, levantou algumas conclusões que, na linha de outros estudos citados, mostram e evidenciam que a educação para a igualdade de género, embora tida como importante, é muitas vezes resultado de práticas educativas pouco conscientes e impregnadas de estereótipos.

Foram notórias posições estereotipadas por parte das encarregadas de educação (e de um encarregado de educação) e das educadoras de infância que, por sua vez, se refletem nas concepções das crianças também elas consideradas e entrevistadas neste estudo. Porém, os resultados não se encontram longe de outros estudos recentes com os quais os fomos comparando e que associam a concepção e os papéis de género:

- à escolha do nome do menino ou da menina,
- à organização do espaço que acolhe a criança;
- às cores do vestuário;
- às peças do próprio vestuário e a alguns acessórios (brincos, ganchos...);
- à escolha dos brinquedos;
- às práticas desportivas;
- à escolha das profissões;
- às tarefas domésticas;
- e, por vezes, até aos locais que mulheres e homens devem frequentar.

Apesar de opiniões alicerçadas em estereótipos, as encarregadas de educação e o encarregado de educação que se disponibilizaram a participar neste estudo, mostraram também que entendem a importância da igualdade de género e que, face a algumas escolhas dos/as filhos/as, as entenderiam, ainda que essas se desviassem um pouco das atitudes ou situações sociais e profissionais que, ainda hoje, são mais associadas a um género ou a outro.

As educadoras de infância mostraram que a educação para a igualdade de gênero não é um dos objetivos fundamentais da sua prática educativa, embora manifestassem que estão atentas, no dia-a-dia às situações e papéis vividos pelas crianças. Algumas das suas opiniões também manifestaram a influência de estereótipos sociais e demonstraram que este tema não tem sido preocupação, nomeadamente ao nível do conhecimento de novos recursos educativo-pedagógicos ou da sua formação contínua.

As crianças entrevistadas também nos demonstraram já a influência que sobre elas tem sido exercida sobre as questões de igualdade de gênero e as suas conceções demonstraram a vontade de corresponder ao que é esperado para as meninas e para os meninos, ou seja demonstraram a influência de alguns estereótipos. Porém, ao longo da entrevista, e na relação que estabeleceram com a narrativa que utilizámos, mostraram disponibilidade cognitiva para alterar algumas ideias, em virtude de as suas estruturas cognitivas não estarem ainda totalmente estruturadas.

Face aos resultados que analisámos e expusemos nesta dissertação somos levadas a tecer algumas recomendações. A saber:

- As famílias e os jardins de infância devem, cada vez mais, trabalhar em conjunto e estruturar uma ação educativa concertada em valores que promovam uma educação sólida e consentânea com uma cidadania ativa assente no desenvolvimento pessoal e social, incluindo a igualdade entre o gênero feminino e o gênero masculino.
- As práticas educativas devem promover a participação ativa das crianças e assumir que estas têm direito à participação, à escuta e à tomada de decisão.
- Os/As educadores/as de infância devem estar atentos/as a novos recursos educativos que inovem as suas práticas e que, fundamentalmente, promovam uma educação coerente e socialmente justa e equilibrada.
- Os/As educadores/as de infância devem estar disponíveis para frequentar situações de formação contínua que as ajudem a organizar e estruturar práticas educativas verdadeiramente responsivas aos interesses e necessidades das crianças, nomeadamente as que correspondem ao seu desenvolvimento pessoal e social e à construção de competências que as tornem cidadãs.
- As instituições de formação inicial e contínua devem organizar e promover situações de formação que envolvam os/as profissionais na discussão da educação para a cidadania e do papel que o jardim de infância tem nesse

âmbito, especialmente atendendo à dimensão do género e da igualdade entre género.

- Os/as investigadoras do âmbito das ciências da educação ou das ciências sociais devem estar atentos/as a esta área tão estruturante das personalidades infantis e promover e divulgar mais estudos que ajudem a sociedade, as famílias e os/as profissionais de educação a terem uma atitude mais consentânea e menos estereotipada para a igualdade de género.

Para finalizar, que estas práticas educativas e formativas se alarguem para além da educação pré-escolar e que, numa perspetiva de continuidade educativa, acompanhem as crianças e os jovens ao longo do seu percurso de vida.

## **BIBLIOGRAFIA**

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, L. & FREIRE, T. (2008). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- ALMEIDA, N. & MONTEIRO, S. (2012). *Os meus pais já não vivem juntos: intervenção em grupo com crianças e jovens de pais divorciados*. Coisas de ler. Lisboa.
- AMÂNCIO, L. (2003). O género no discurso das ciências sociais. *Análise social*, vol. XXXVIII, Instituto superior de ciências do trabalho e da empresa. (687-714).
- AMÂNCIO, L. (2010). *Masculino e feminino: a construção social da diferença*. Porto: edições Afrontamento.
- BAPTISTA, M. (2013). Os pais e a família no jardim de infância: uma parceria na construção e desenvolvimento do currículo. Portalegre. Dissertação de mestrado apresentada à Escola Superior de Educação do instituto Politécnico de Portalegre.
- BARDIN, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BELEZA, T. (2010). *Direito das mulheres e da igualdade social: a construção jurídica das relações de género*. Edições Almedina. Coimbra
- BEM, L. & WAGNER, A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconómico. *Psicologia em estudo*, vol.11, nº1. Máringa. 63-71 Acedido a 28 de Dezembro de 2012 em <http://www.scielo>
- BENTO, A. (2011). *Promoção da igualdade de género em contexto de educação pré-escolar*. Portalegre. Dissertação de mestrado apresentada à Escola Superior de Educação do instituto Politécnico de Portalegre.
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- CARDONA, M.; NOGUEIRA, C; VIEIRA, C; UVA, M.; TAVARES, T. (2010). *Guião de educação género e cidadania - pré- escolar*. CIG. Lisboa
- CARDOSO, C. (2010). *Relação escola-família nas actividades de enriquecimento curricular*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Aveiro. Acedido a 26 de Dezembro de 2012 em <http://www.rcaap.pt/>.
- CARVALHO, M. E. (2004). Modos de educação, género e relações escola-família. *Cadernos de pesquisa*, v.34, n.º 121. (41-58).
- CERDEIRA, M. (2009). A perspetiva de género nas relações laborais portuguesas. *Sociologia, problemas e práticas*, n.º 60. Lisboa: Celta Editora. (81-103).

- COMISSÃO PARA A CIDADANIA E IGUALDADE DE GÉNERO (2000). Coeducar: para uma sociedade inclusiva. In Brederode dos Santos, M. (2000). *Actas do seminário internacional*. Cadernos Condição feminina. CIG. Lisboa
- COMISSÃO PARA A CIDADANIA E IGUALDADE DE GÉNERO (2009). Desporto na escola educando para a igualdade – Associação Portuguesa Mulheres e Desporto. Mudar as Atitudes, 16. CIG. Lisboa.
- DIAS, A. & MACHADO, C. (2008). Género e violência conjugal- uma relação cultural. *Análise psicológica*, 26, nº4, (XXVI). (571-586). Universidade do Minho. Acedido a 3 de Junho de 2012 em <http://hdl.handle.net/10400.12/77>.
- DOS SANTOS, J. P. (2009). *Família e escola: dois mundos, uma finalidade!* Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa- Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Lisboa. Acedido a 26 de Dezembro de 2012 em <http://www.rcaap.pt/>.
- DUARTE, J. (2013). *Promoção de igualdade de género na educação pré-escolar através do guião de educação pré-escolar através do guião de educação, género e cidadania*. Dissertação de mestrado apresentada à Escola Superior de Educação do instituto Politécnico de Portalegre.
- FIGUEIREDO, M. J. (2010). *A relação escola-família no pré-escolar: contributos para uma compreensão*. Dissertação de mestrado apresentada à universidade Fernando Pessoa. Porto
- FREITAS, A. (2011). *Entre o tabu e o sucesso: o caso da educação diferenciada por género*. Porto. Papiro Editora.
- GOMES, J. F. (1986, Abril). *A educação infantil em Portugal*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- HÉRITIER, F. (1996). *Masculino e feminino- o pensamento da diferença*. Instituto Piaget. Lisboa
- HÉRITIER, F. (2002). *Masculino e feminino/II- dissolver a hierarquia*. Instituto Piaget (vol.2). Lisboa
- HENRIQUES, F. (2008). Género, diversidade e cidadania. In Rêgo, M. C. (2008). *A paridade como estratégia para a democracia*. Lisboa. Edições Colibri.
- LOURO, G. (2000). *Currículo, género e sexualidade*. Porto. Porto editora.
- MAGALHÃES, M. J. (1998). *Movimento feminista e educação: Portugal, décadas de 70 e 80*. Oeiras. Celta Editora.

- MARCHÃO, A. & BENTO, A. (2013). *Promoção da igualdade de género – um estudo em contexto de educação pré-escolar*. Ebook do III Seminário de I&DT, organizado pelo C3i – Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre. Acedido janeiro de 2014 em [http://issuu.com/c3i-ipp/docs/comunicacoes\\_iii\\_seminario\\_idt\\_vol2](http://issuu.com/c3i-ipp/docs/comunicacoes_iii_seminario_idt_vol2). (572 - 586).
- MARCHÃO, A. (2010). *(Re)construir a prática pedagógica e criar oportunidades para pensar*. Aveiro. Tese de doutoramento em Ciências da Educação apresentada à Universidade de Aveiro.
- MARCHÃO, A. (2012). *No jardim de infância e na escola de 1.º ciclo do ensino básico: gerir o currículo e criar oportunidades para construir o pensamento crítico*. Lisboa. Edições Colibri.
- MARTELO, M. J. (2004). *A escola e a construção da identidade das raparigas: o exemplo dos manuais escolas*. Lisboa. CIG.
- MÁXIMO-ESTEVES, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- MESQUITA-PIRES (2007.) *Educador de Infância- Teoria e práticas*. Porto. Profedições.
- MILL, S. (Julho, 2006). *A sujeição das mulheres*. Coimbra. Edições Almedina.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1997a). *Legislação*. Lisboa. Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1997b). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa. Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica.
- MIRANDA, P. (2008). *A construção social das identidades de género nas crianças: um estudo intensivo em Viseu*. *IV Congresso Português de Sociologia- Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Universidade Nova de Lisboa- Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa. (1-12).
- NETO, A.; CID, M.; PEÇAS, A.; CHALETA, E. & FLOQUE, A. (2000) *Cadernos de Coeducação: Estereótipos de Género*. Lisboa. Comissão para a Igualdade de Género e Direitos das Mulheres.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J., & ARAÚJO, S. (2008). *Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção acerca da infância: algumas implicações metodológicas*. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *A Escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora. (pp. 13-29).

- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KATZ, L.; MCCLELLAN, D.; LINO, D. (2006). *Educação pré-escolar: a construção do social e da moralidade*. Lisboa. Texto Editores.
- PARDAL, L. & LOPES, E. (2011). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto. Areal Editores.
- PERISTA, H. & SILVA, A. (2006). *Guia para o mainstreaming de género na actividade profissional e na vida familiar*. Lisboa. CIG.
- PIRES, C. (2007). *Educador de infância- teoria e práticas*. Porto. Profedições.
- POLONIA, A. & DESSEN, M. (2005). Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola- relações familia- escola. *Psicologia escolar e educacional*, vol.9, n.º 2. Brasília. 203-312. Acedido a 28 de Dezembro de 2012 em <http://www.scielo>.
- PORTUGAL, G. & LEAVERS, F. (2010). *Avaliação em educação pré-escolar: sistema de acompanhamento das crianças*. Porto. Porto Editora.
- RABELO, A. (2010). Contribuições dos estudos de género às investigações que enfocam a masculinidade. *Ex Aequo*, n. º 21. (161-176).
- ROCHA, F. (2009). *Família e educadores de infância: representações de género*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Aveiro. Aveiro. Acedido a 26 de Dezembro de 2012 em <http://www.rcaap.pt/>
- RODRIGUES, P. (2003). *Questões de género na infância: marcas de identidade*. Lisboa. Instituto Piaget.
- SANTOS, M. & AMÂNCIO, L. (2010). A in(justiça) relativa da acção positiva - a influência do género na controvérsia sobre as quotas baseadas no sexo. *Análise psicológica*. (43-57).
- SARMENTO, T. & MARQUES, J. (2006). A participação das crianças nas práticas de relação das famílias com as escolas. *Interações*. N.º 2. (59-86). Acedido 2 de Janeiro de 2013 em <http://www.eses.pt/interações>
- SARMENTO, T. (sd). Correr o risco: ser homem numa profissão “naturalmente” feminina. *Actas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia*. Sociedades contemporâneas: Reflexividade e Acção. Atelier: género.

- SERPA, S. (2011). *Papéis de género no 1.º ciclo do ensino básico: promover a igualdade de oportunidades*. Angra do Heroísmo. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade dos Açores.
- SILVA, A., ARAÚJO, D., LUÍS, H., RODRIGUES, I., ALVES, M., CARDONA, M. J., CAMPICHE, J. & TAVARES, T. (2005). *A narrativa na promoção da igualdade de género. Contributos para a educação pré-escolar*. Santarém. CIG.
- SILVA, M. (2002). *A igualdade de género: caminhos e atalhos para uma sociedade inclusiva*. Cadernos Condição feminina. Lisboa. Edições CIG.
- SIMÕES, J. & AMÂNCIO, L. (2004). Género e enfermagem: estudo sobre a minoria masculina. *Sociologia: problemas e práticas*, nº44. Lisboa: Celta Editora. (71-81).
- SOUSA, A. (2005). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- VASCONCELOS, T. (1997) *Ao redor da mesa grande: a prática educativa de Ana*. Porto. Editora. Lisboa
- VIEIRA, C. (2006). Educação familiar. Estratégias para a promoção da igualdade de género. *Coleção mudar as atitudes* CIG, n. 15. Lisboa.
- VIEIRA, C. (2006). *É menino ou menina?- género e educação em contexto familiar*. Coimbra. Edições Almedina.
- VILELAS, J. (2009). *Investigação. O processo de construção do conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.

**ANEXOS**

## ANEXO 1- CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIOS



INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



**Mestrado em Educação e Proteção de crianças e Jovens em Risco**

**Docente Orientadora:** Professora Doutora Amélia de Jesus Marchão

**Discente:** Mónica Isabel Rico Nobre Prates

### **Consentimento- Entrevistas e questionários**

Exm.<sup>a</sup> Sra. Diretora Técnica de Estabelecimento Dora Ratinho Cabeça.

No âmbito do Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco da Escola Superior de Educação de Portalegre, enquanto discente encontro-me a realizar uma dissertação que se intitula “Género: práticas em contexto pré-escolar e familiar”.

Este trabalho tem como objetivo analisar questões que se relacionam com as relações entre géneros de crianças em contexto pré-escolar e familiar. Considerando que o pré-escolar e a família são as principais instituições responsáveis pela educação das crianças, justifica-se a pertinência do estudo nos contextos referidos.

Esta participação será voluntária, pelo que poderão responder à entrevista no momento que a responsável pela instituição decida ser o mais apropriado. Para garantir um maior rigor durante a análise dos dados recolhidos, é desejável proceder à gravação áudio da mesma. Tudo o que for mencionado será estritamente confidencial.

Concede-me autorização para realizar a investigação referida no Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor.

Comprometemo-nos a divulgar os resultados do estudo à Instituição envolvida.

Assinatura da Orientadora Científica

Assinatura do Discente

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura da Diretora Técnica de Estabelecimento

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

## ANEXO 2- AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA



INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

**Mestrado em Educação e Proteção de crianças e Jovens em Risco**



**Docente Orientadora:** Professora Doutora Amélia de Jesus Marchão

**Discente:** Mónica Isabel Rico Nobre Prates

**Assunto- Autorização para entrevista**

Caro/a Encarregado/a de Educação.

No âmbito do Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco da Escola Superior de Educação de Portalegre, enquanto discente encontro-me a realizar uma dissertação que se intitula “Género: práticas em contexto pré-escolar e familiar”. Para realizar a minha investigação conto com a Orientação Científica da Professora Doutora Amélia de Jesus Marchão.

Sou a Educadora Mónica Prates e para realizar a parte prática da minha dissertação, preciso entrevistar e observar o/a seu/sua filho/filha no contexto sala de atividades. Para garantir uma análise mais cuidada dos dados, peço permissão para utilizar um aparelho áudio a fim de gravar a entrevista. A informação recolhida terá carácter confidencial não sendo divulgados quaisquer dados que identifiquem o/a vosso/a filho/a.

Autoriza o/a seu/sua Educando/a a ser entrevistado/a?

<b>Sim</b>	<input type="checkbox"/>
<b>Não</b>	<input type="checkbox"/>

**Nome do/a educando/a:** \_\_\_\_\_

**Assinatura do encarregado de educação:** \_\_\_\_\_

**A aluna de mestrado**

\_\_\_\_\_

**Mónica Prates**

Ponte de Sor, \_\_\_\_ de Janeiro de 2013

## ANEXO 3- FICHA DE (AUTO)AVALIAÇÃO



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PORTALEGRE**



**Ano letivo: 2012/2013**

Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Docente Orientadora: Doutora Amélia de Jesus Marchão

Discente: Mónica Prates

Ficha de (auto)avaliação

No âmbito do Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco da Escola Superior de Educação de Portalegre, enquanto discente encontro-me a realizar uma dissertação que se intitula “Género: práticas em contexto pré-escolar e familiar”. Neste sentido serve a presente ficha de (auto)avaliação para obter mais informações sobre as questões que me proponho aprofundar. Através da ficha de (auto)avaliação pretendo obter informações relacionadas com questões de género vivenciadas pelas crianças em contexto pré-escolar. Agradeço desde já a sua colaboração comprometendo-me a manter o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

### 1- A Instituição

#### 1.1- Tipo de resposta social:

Rede pública

Rede Privada/IPSS

Rede privada com fins lucrativos

1.2- Nº de salas de Pré- Escolar existentes: \_\_\_\_\_

### 2- O grupo

#### 2.1- Nº de crianças do grupo:

Nº de rapazes - \_\_\_\_\_

Nº de raparigas - \_\_\_\_\_

**2.2- Idades das crianças do grupo:**

Nº de crianças com 3 anos: \_\_\_\_\_

Nº de crianças com 4 anos: \_\_\_\_\_

Nº de crianças com 5 anos: \_\_\_\_\_

Nº de crianças com mais de 5 anos: \_\_\_\_\_

**2.3- Existem crianças com NEE?**

Sim	Não

**2.4- Quais os critérios que estiveram subjacentes à organização do grupo?**

---

---

---

**3- Caracterização da sala de atividades**

**3.1-Planta da sala de atividades:**



3.5- Há diferenças nas escolhas feitas pelas raparigas e pelos rapazes?

Sim	Não

3.6- Quais?

---

---

---

3.7- Estas escolhas serão influenciadas dos/as colegas?

Sim	Não

4- RECREIO/FORA DA SALA:

4.1- Quanto tempo passam em média por dia no recreio?

---

4.2- Costumam estar com a Educadora?

Sim	Não

4.3- Costumam estar com a auxiliar?

Sim	Não

4.4- Habitualmente predominam:

Atividades livres	Atividades orientadas

**4.5- Há diferenças nas brincadeiras feitas pelas meninas e pelos meninos?**

Sim	Não

**4.6- Em caso afirmativo quais são as principais diferenças?**

---

---

## **5. ORGANIZAÇÃO PEQUENOS GRUPOS**

**5.1- Há pequenos grupos que habitualmente se organizam de forma espontânea dentro do grande grupo?**

Sim	Não

**5.2- Estes grupos são mistos, constituídos por rapazes e raparigas?**

Sim	Não

**5.3- A Educadora interfere na organização destes grupos?**

Sim	Não

**5.3.1- Em caso afirmativo como?**

---

---

## 6- DIFERENÇAS ENTRE RAPAZES E RAPARIGAS

Outras diferenças relativas aos comportamentos dos rapazes e das raparigas	
Dentro da sala:	
No recreio/fora da sala:	

**6.1- Pedir às crianças para desenharem e descreverem separadamente o que o pai e mãe fazem (dentro e fora de casa).**

**6.2- Com base nos desenhos questionar as crianças sobre as diferenças entre o que fazem os homens e as mulheres; e os meninos e as meninas.**

**Outras observações:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Data de preenchimento da ficha \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Observador/a \_\_\_\_\_

Obrigada pela colaboração

Cordialmente,  
\_\_\_\_\_

Ficha adaptada de: Cardona, M.; Nogueira, C.; Vieira, C.; Uva, M. & Tavares, T. (2010). *Guião de educação, género e cidadania. Educação pré- escolar*. Lisboa. Comissão para a cidadania e igualdade de género. (:92 e 93)

## ANEXO 4- QUESTIONÁRIO PARA OS EDUCADORES



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PORTALEGRE**



**Ano letivo: 2012/2013**

Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Docente Orientadora: Professora Doutora Amélia de Jesus Marchão

Discente: Mónica Prates

### **Questionário aos Educadores/ às Educadoras**

No âmbito do Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco pela Escola Superior de Educação de Portalegre, encontro-me a realizar uma dissertação que se intitula “Género: Práticas em contexto pré-escolar e familiar”. Neste sentido, serve o presente questionário para obter mais informações sobre as questões que me proponho aprofundar. O questionário servirá também para obter informações relacionadas com as suas práticas enquanto Educador(a) de Infância, tendo em conta questões relacionadas com o género. Agradeço desde já a sua colaboração comprometendo-me a manter o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

#### **1- Identificação:**

1.1- Género:

Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input type="checkbox"/>

1.2- Idade: \_\_\_\_\_

1.3- Habilitações Profissionais: \_\_\_\_\_

1.4- Habilitações Académicas: \_\_\_\_\_

1.5- Instituição onde desempenha funções: \_\_\_\_\_

1.6- Tempo de serviço: \_\_\_\_\_

## 2- Igualdade de género em contexto social

### 2.1- Como define género?

---

---

---

### 2.1- A minha educação teve por base a igualdade entre géneros:

Concordo totalmente	
Concordo parcialmente	
Discordo parcialmente	
Discordo totalmente	

### 2.2- Considera que vivemos num país em que onde existe igualdade de género?

Sim	
Não	

### 2.3- Considera que mulheres devem ter os mesmos direitos dos homens?

Sim	
Não	

## 3- Igualdade de género nas profissões

### 3.1- Considera que a profissão que desempenha é típica de um determinado género?

Sim	
Não	

3.2- Em caso afirmativo, qual o género e porquê?

---

---

---

3.3- “As profissões deverão corresponder a um género de pertença.”  
Assinale a sua opinião a respeito da afirmação anterior:

Concordo totalmente	
Concordo parcialmente	
Discordo parcialmente	
Discordo totalmente	

3.3.1- Indique as suas razões para o nível de escala que assinalou.

---

---

---

#### 4- Género na prática pedagógica

4.1- “O seu grupo de crianças tem atitudes discriminatórias face ao sexo oposto.”

Assinale a sua opinião a respeito da afirmação anterior:

Concordo totalmente	
Concordo parcialmente	
Discordo parcialmente	
Discordo totalmente	

4.2- Em seu entender práticas pedagógicas que desenvolve promovem a igualdade entre géneros?

Sim	
Não	

**4.2.1- Em caso afirmativo enumere algumas.**

---

---

---

**4.3- Observa no seu grupo de crianças alguns estereótipos de género tais como: as preferem cor de rosa, os meninos brincam com carros?**

Sim	
Não	

**4.3.1- Em caso afirmativo, dê alguns exemplos dos estereótipos observados.**

---

---

---

**4.4- Na sua opinião as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar contemplam a igualdade de género?**

Sim	
Não	

**4.4.1- Se respondeu afirmativamente, em que áreas de conteúdo?**

---

---

---

**5- Conhece o guião de educação género e cidadania pré- escolar?**

Sim	
-----	--

Não	
-----	--

5.1- Indique como teve conhecimento do referido guião.

---

---

---

**6- Género relação Jardim de Infância/família**

**6.1- Considera que as famílias, nomeadamente os pais, influenciam as crianças nas questões de igualdade de género?**

Sim	
Não	

**6.1.1- Se respondeu afirmativamente à questão anterior, diga de que forma?**

---

---

**6.2- Qual dos pais tende a ser mais participativo nas atividades do Jardim de Infância?**

Mãe	
Pai	

**6.2.1- Em que tipo de atividades participam?**

---

---

**6.3- Tendo em conta o seu grupo de crianças indique o número de encarregados de educação do género:**

Masculino	
Feminino	

Obrigada pela colaboração.

Cordialmente,

---

**ANEXO 5- QUESTIONÁRIO PARA OS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO**



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PORTALEGRE**



**Ano letivo: 2012/2013**

Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Docente Orientadora: Doutora Amélia de Jesus Marchão

Discente: Mónica Prates

**Questionário aos Encarregados de Educação**

No âmbito do Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco pela Escola Superior de Educação de Portalegre, enquanto discente encontro-me a realizar uma dissertação que se intitula “Género: Práticas em contexto pré-escolar e familiar”. Neste sentido serve o presente questionário para obter mais informações sobre as questões que me proponho aprofundar. O questionário servirá também para obter informações relacionadas com as suas práticas enquanto Encarregados de Educação/Pais tendo em conta questões relacionadas com o género. Agradeço desde já a sua colaboração comprometendo-me a manter o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

**Identificação do encarregado de educação**

Género: Feminino  Masculino

Idade: \_\_\_\_\_ Habilitações Literárias: \_\_\_\_\_ Profissão \_\_\_\_\_

Género do educando/a: Feminino  Masculino

Idade: \_\_\_\_\_

- De seguida assinale com um (X) a resposta que corresponder à sua opinião.

1- Sabe o que significa o conceito de género?

	Resposta
Sim	
Não	

2- Na sua opinião a sua profissão pode ser exercida pelo género oposto?

	Resposta
Sim	
Não	

3- Educa ou educaria um filho de forma diferente de uma filha?

	Resposta
Sim	
Não	

3.1- Se respondeu **Sim** à questão anterior diga de que maneira faz essa diferenciação?


4- Na sua opinião quem são os principais modelos sociais das crianças?


- 5- No que diz respeito à nossa sociedade emita a sua opinião sobre as afirmações que se seguem sobre igualdade entre géneros...

Questões	Respostas	
	Sim	Não
Na nossa sociedade existe igualdade entre género.		
Existem profissões destinadas aos homens e profissões destinadas às mulheres.		
Homens e mulheres têm as mesmas capacidades.		
A mulher deve exclusivamente cuidar da família e do lar.		
O homem sustenta a família com o seu trabalho fora de casa.		
Jogar futebol não é para meninas.		
Costurar não é para meninos.		

- 6- Seguem-se algumas questões relacionadas com as tarefas em contexto familiar, assinale a frequência das suas responsabilidades.

Questões	Respostas				
	Sempre	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca
Cuidar das limpezas.					
Cozinhar.					
Lavar o carro.					
Gestão económica.					
Faz as compras.					
Leva as crianças à escola.					
Cuida das roupas.					
Ajuda os seus filhos nos deveres da escola.					

7- Tinha preferência pelo sexo do seu/sua filho/a?

Sim	Não

7.1- Porquê?


8- Responda às questões seguintes de acordo com o género do seu filho(a)

a) Se tiver uma filha preencha o quadro seguinte, se tiver um filho passe ao quadro seguinte:

Hipóteses	Permite	Não permite
Se a sua filha só gostar de brincar com carrinhos?		
Se a sua filha quiser fazer parte de uma equipa de futebol?		
Se a sua filha apenas gostar de brincar com rapazes?		
Se a sua filha quiser usar as roupas do pai para brincar?		
Se a sua filha quiser ter como profissão camionista?		
Se a sua filha apenas quiser usar cabelos curtos?		

b) Se tiver um filho responda às questões do quadro seguinte:

Hipóteses	Permite	Não permite
Se o seu filho só gostar de brincar com bonecas?		
Se o seu filho quiser fazer dança?		
Se o seu filho gostar de cozinhar?		

Se o seu filho quiser usar cabelos compridos?		
Se o seu filho quiser usar brincos?		
Se o seu filho quiser ser Educador de Infância?		

9- Que tipo de brinquedos oferece ao seu/sua filha(a)?

Questões	Respostas	
	Sim	Não
Carros		
Bonecas		
Bolas		
Piões		
Ferro de engomar		
Aviões		
Cadeira para bebé		
Gruas		
Ferramentas		
Casa de bonecas		
Legos		
Patins		
Estojo de maquilhagem		
Motorizadas		
Utensílios de cozinha		
Bonecas		

10- Na sua opinião acha importante educá-lo/a tendo em conta a igualdade de géneros?

	Resposta
Sim	
Não	

Obrigada pela colaboração.

## ANEXO 6- GUIÃO DE ENTREVISTA PARA AS CRIANÇAS



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PORTALEGRE**



**Ano letivo: 2012/2013**

Mestrado em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Docente Orientadora: Professora Doutora Amélia de Jesus Marchão

Discente: Mónica Prates

### **Guião de entrevista para as crianças**

#### **Identificação da criança**

**Nome:** \_\_\_\_\_ **Idade** \_\_\_\_\_

**Género** \_\_\_\_\_

**Data da entrevista** \_\_\_\_\_

#### **SITUAÇÃO**

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

- 1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?
  - a) Se for menina?
  - b) Se for menino?
  
- 2- Que peças de roupa achas que devem escolher?

- a) Se for menina?
  - b) Se for menino?
- 3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?
- a) Se for menina?
  - b) Se for menino?
- 4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?
- 4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:
- a) Lavar a loiça.
  - b) Lavar o carro.
  - c) Cozinhar.
  - d) Reciclar.
  - e) Arrumar a roupa.
  - f) Aspirar.
  - g) Fazer as compras.
- 4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:
- h) Lavar a loiça.
  - i) Lavar o carro.
  - j) Cozinhar.
  - k) Reciclar.
  - l) Arrumar a roupa.
  - m) A aspirar.
  - n) Fazer as compras.
- 5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola?
- 5.1- Porquê?
- 6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:
- a) Futebol;
  - b) Basquetebol;
  - c) Voleibol;
  - d) Andebol;

- e) Ginástica;
- f) Dança;
- g) Natação;

7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.

- A) Achas que ele deve aceitar?
- B) Porquê?

8-A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?

- a) Qual achas que o Bernardo deve escolher?
- b) E a Joana, acha que ela pode ser camionista?

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

## ANEXO 7- ENTREVISTAS TRANSCRITAS

### Identificação da criança

**Nome:** A **Idade:** 5 anos **Género:** menina

**Data da entrevista** \_\_\_\_\_

### SITUAÇÃO

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

**1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**

a) **Se for menina?** “-Cor de Rosa”

b) **Se for menino?** “-Azul”

**2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**

a) **Se for menina?** “- Não gosto de saias nem de vestidos. Saias”.

b) **Se for menino?** “- Calças e calções.”

**3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**

a) **Se for menina?** “- Com a Joana.”

b) **Se for menino?** “- Com o Bernardo.”

**4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**

**4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Não.”
- b) **Lavar o carro.”** – Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Não.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **Aspirar.”**- Não.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.** “- Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **A aspirar.** “- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- O pai e a mãe.”**

**5.2- Porquê?** “-Porque são crescidos.”

**6. A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Não.”
- c) **Voleibol.** “- Não.”
- d) **Andebol.** “- Não.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”

- f) **Dança.** “ - Sim.”
- g) **Natação.** “- Sim.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar?** “-Sim.”
- b) **Porquê?** “- Porque é divertido.”

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

- a) **Qual achas que o Bernardo deve escolher?** “- Costureiro”
- b) **E a Joana, acha que ela pode ser camionista?** “- Sim.”

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### **Identificação da criança**

**Nome: B Idade 5 anos Género: menina**

**Data da entrevista**\_\_\_\_\_

### **SITUAÇÃO**

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

- 1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**
  - a) **Se for menina?** “-Cor de Rosa, roxo, vermelho e cor de rosa escuro.”
  - b) **Se for menino?** “-Preto, verde, castanho e amarelo.”
  
- 2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**
  - a) **Se for menina?** “- Roupa de bebé. Saia”.
  - b) **Se for menino?** “- Calções, calças.”
  
- 3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**
  - a) **Se for menina?** “- Com a Joana.”
  - b) **Se for menino?** “- Com o Bernardo.”

**4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**

**4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.”** – Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **Aspirar.”**- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.** “- Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **A aspirar.** “- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- Têm de ir sozinhos.”**

**5.1- Porquê?** “Porque o pai e a mãe vão ter muito trabalho com o bebé.”

**5.2-**

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Não.”
- c) **Voleibol.** “- Não.”
- d) **Andebol.** “- Não.”
- e) **Ginástica.** “- Não.”
- f) **Dança.** “ - Sim.”
- g) **Natação.** “- Sim.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

**a) Achas que ele deve aceitar? “-Não.” (Risos)**

**b) Porquê? “-Porque os meninos não gostam de danças” (risos)**

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

**a) Qual achas que o Bernardo deve escolher? “- Educador de Infância.”**

**b) E a Joana, acha que ela pode ser camionista? “- Não.”**

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### **Identificação da criança**

**Nome: C Idade 6 anos Género: menina**

**Data da entrevista**\_\_\_\_\_

### **SITUAÇÃO**

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

- 1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**
  - a) **Se for menina?** “-Cor de Rosa”
  - b) **Se for menino?** “-Azul”
- 2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**
  - a)**Se for menina?** “- Vestido”.
  - b)**Se for menino?** “- Calças..”
- 3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**
  - a) **Se for menina?** “- Com a Joana.”
  - b) **Se for menino?** “- Com o Bernardo.”
- 4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**
  - 4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Não.”
- b) **Lavar o carro.”** - Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **Aspirar.”**- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.** “- Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **A aspirar.** “- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- O pai.”**

**5.1- Porquê?** “-Porque a mãe tem de tomar conta do bebé.”

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Não.”
- c) **Voleibol.** “- Sim.”
- d) **Andebol.** “- Sim.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “- Sim.”
- g) **Natação.** “- Não.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar? “-Sim.”**
- b) **Porquê? “- Porque aceitar é bem educado.”**

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

- a) **Qual achas que o Bernardo deve escolher? “- Ser Educador.”**
- b) **E a Joana, acha que ela pode ser camionista? “- Sim.”**

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### **Identificação da criança**

**Nome: D Idade 4 anos Género: menino**

**Data da entrevista**\_\_\_\_\_

### **SITUAÇÃO**

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

- 1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**
  - a) **Se for menina?** “-Cor de Rosa”
  - b) **Se for menino?** “-Verde”
  
- 2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**
  - a) **Se for menina?** “- Saia ”.
  - b) **Se for menino?** “- Calças.”
  
- 3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**
  - a) **Se for menina?** “- Da Joana.”
  - b) **Se for menino?** “- Do Bernardo.”
  
- 4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**
  - 4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Não.”
- b) **Lavar o carro.**” – Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Pode.”
- f) **Aspirar.**”- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- As mães e os pais.”
- b) **Lavar o carro.** “- Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Não, só os pais e as mães.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **A aspirar.** “- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- A mãe e o pai.”**

**5.1- Porquê? “-Porque eles são grandes.”**

**6. A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Sim.”
- c) **Voleibol.** “- Sim.”
- d) **Andebol.** “- Não.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “- Sim.”
- g) **Natação.** “- Sim.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar?** “-Não.”
- b) **Porquê?** “- Porque ele é menino.”

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

- a) **Qual achas que o Bernardo deve escolher?** “- Costureiro”
- b) **E a Joana, acha que ela pode ser camionista?** “- Não.”

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### **Identificação da criança**

**Nome: E Idade: 5 anos Género: menina**

**Data da entrevista** \_\_\_\_\_

### **SITUAÇÃO**

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

- 1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**
  - a) **Se for menina?** “-Vermelho”
  - b) **Se for menino?** “-Preto”
  
- 2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**
  - a) **Se for menina?** “- Saia”.
  - b) **Se for menino?** “- Calças.”
  
- 3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**
  - a) **Se for menina?** “- Com a Joana.”
  - b) **Se for menino?** “- Com a Joana.”
  
- 4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**
  - 4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Não.”
- b) **Lavar o carro.**” – Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.” Risos
- d) **Reciclar.** “- Não.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **Aspirar.**”- Não.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Não.”
- b) **Lavar o carro.** “- Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Não.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **A aspirar.** “- Não.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.” (Risos)

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- A mãe.”**

**5.1 -Porquê? “-....**

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Não.”
- c) **Voleibol.** “- Não.”
- d) **Andebol.** “- Não.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “ - Sim.”
- g) **Natação.** “- Não.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

**a) Achas que ele deve aceitar? “-Sim.”**

**b) Porquê? “- Porque tem de dançar.”**

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

**a) Qual achas que o Bernardo deve escolher? “- Costureiro.”**

**b) E a Joana, achas que ela pode ser camionista? “- Sim.”**

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### **Identificação da criança**

**Nome: F Idade: 4 anos Género: menino**

**Data da entrevista**\_\_\_\_\_

### **SITUAÇÃO**

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

- 1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**
  - a) **Se for menina?** “-Cor de Rosa.”
  - b) **Se for menino?** “-Cinzento.”
  
- 2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**
  - a) **Se for menina?** “- Com boneco na camisola.”
  - b) **Se for menino?** “-Tou com sede” “- Calções.”
  
- 3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**
  - a) **Se for menina?** “- Do Bernardo.”
  - b) **Se for menino?** “- Da Joana.”
  
- 4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**

**4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.”** - Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **Aspirar.”**- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “ Qual joana, Sim.”
- b) **Lavar o carro.** “- Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **A aspirar.** “- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- A mãe.”**

**5.1- Porquê? “-Pode ser a mãe e o pai.”**

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Sim.”
- b) **Basquetebol.** “-Sim.”
- c) **Voleibol.** “- Sim.”
- d) **Andebol.** “- Sim.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “ - Sim.”
- g) **Natação.** “- Não.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) Achas que ele deve aceitar? “-Sim.” Não”**
- b) Porquê? “- Porque é divertido.” “Eu não sei”**

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

- a) Qual achas que o Bernardo deve escolher? “ Infancio” “- Educador de Infância”**
- b) E a Joana, acha que ela pode ser camionista? “- Não.”**

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### Identificação da criança

**Nome: G Idade: 5 anos Género: menino**

**Data da entrevista** \_\_\_\_\_

### SITUAÇÃO

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

- 1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**
  - a) **Se for menina?** “-Cor de Rosa.”
  - b) **Se for menino?** “-Vermelho.”
  
- 2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**
  - a) **Se for menina?** “- Saias.”
  - b) **Se for menino?** “- Calças.”
  
- 3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**
  - a) **Se for menina?** “- No da Joana.”
  - b) **Se for menino?** “- No do Bernardo.”
  
- 4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**
  - 4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**
    - a) **Lavar a loiça.** “- É a mãe.”

- b) **Lavar o carro.** “- Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Não chega ao ecoponto, não pode.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **Aspirar.** “- Não.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Não.”
- b) **Lavar o carro.** “- Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Não.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **A aspirar.** “- Não.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- A mãe.”**

**5.1- Porquê? “-Porque eles não podem conduzir o carro.”**

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Não.”
- c) **Voleibol.** “- Não.”
- d) **Andebol.** “- Não.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “- Sim.”
- g) **Natação.** “- Sim.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar?** “-Não.”
- b) **Porquê?** “- Porque gosta mais de jogar à bola.”

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

- a) **Qual achas que o Bernardo deve escolher?** “- Educador de Infância”
- b) **E a Joana, acha que ela pode ser camionista?** “- Não.”

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### **Identificação da criança**

**Nome: H Idade: 5 anos Género: menina**

**Data da entrevista** \_\_\_\_\_

### **SITUAÇÃO**

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

- 1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**
  - a) **Se for menina?** “-Cor de Rosa.”
  - b) **Se for menino?** “-Azul.”
  
- 2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**
  - a) **Se for menina?** “- Saia”.
  - b) **Se for menino?** “- Calções.”
  
- 3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**
  - a) **Se for menina?** “- No da Joana.”
  - b) **Se for menino?** “- No do Bernardo.”
  
- 4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**
  - 4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Não.”
- b) **Lavar o carro.”** - Pode.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Pode.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **Aspirar.”**- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.” (risos)

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Pode.”
- b) **Lavar o carro.** “- Pode.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Pode.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **A aspirar.** “- Pode.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- A mãe.”**

**5.1 Porquê? “-Porque sim.”**

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não, só os meninos.”
- b) **Basquetebol.** “-Não.”
- c) **Voleibol.** “- Não.”
- d) **Andebol.** “- Não.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “ - Sim.”
- g) **Natação.** “- Sim.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

**a) Achas que ele deve aceitar? “-Sim.”**

**b) Porquê? “- Porque sim.”**

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

**a) Qual achas que o Bernardo deve escolher? “- Costureiro.”**

**b) E a Joana, acha que ela pode ser camionista? “- Não.”**

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### **Identificação da criança**

**Nome: I Idade: 5 anos Género: menino**

**Data da entrevista**\_\_\_\_\_

### **SITUAÇÃO**

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

- 1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**
  - a) **Se for menina?** “-Cor de Rosa”
  - b) **Se for menino?** “-Azul”
  
- 2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**
  - a) **Se for menina?** “- Uma Saia”.
  - b) **Se for menino?** “- Umas Calças.”
  
- 3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**
  - a) **Se for menina?** “- No da Joana.”
  - b) **Se for menino?** “- No do Bernardo.”
  
- 4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**
  - 4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**
    - a) **Lavar a loiça.** “- Não.”

- b) **Lavar o carro.**” – Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **Aspirar.**”- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.** “- Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **A aspirar.** “- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- A mãe e o pai.”**

**5.1 Porquê? “-Porque eles não podem vir sozinhos e depois podem atropelar.”**

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Não.”
- c) **Voleibol.** “- Não.”
- d) **Andebol.** “- Não.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “ - Sim.”
- g) **Natação.** “- Sim.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar?** “-Sim.”
- b) **Porquê?** “- Porque para brincar com os amigos.”

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

- a) **Qual achas que o Bernardo deve escolher?** “- Costureiro”
- b) **E a Joana, acha que ela pode ser camionista?** “- Não.”

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### **Identificação da criança**

**Nome: J Idade: 5 anos Género: menino**

**Data da entrevista**\_\_\_\_\_

### **SITUAÇÃO**

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

- 1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**
  - a) **Se for menina?** “-Cor de Rosa”
  - b) **Se for menino?** “-Azul”
  
- 2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**
  - a) **Se for menina?** “Cor de rosas”“- “ Uma Saia.”
  - b) **Se for menino?** “- Umas Calças.”
  
- 3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**
  - a) **Se for menina?** “- Com o Bernardo.”
  - b) **Se for menino?** “- Com a Joana.”
  
- 4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**
  - 4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Não.”
- b) **Lavar o carro.”** -Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **Aspirar.”** - Não.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.** “- Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **A aspirar.** “- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- A Joana.”**

**5.1 Porquê? “-....”**

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Não.”
- c) **Voleibol.** “- Não.”
- d) **Andebol.** “- Não.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “- Sim.”
- g) **Natação.** “- Não.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

**a) Achas que ele deve aceitar? “-Sim.”**

**b) Porquê? “- Porque .”**

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

**a) Qual achas que o Bernardo deve escolher? “- Costureiro.”**

**b) E a Joana, achas que ela pode ser camionista? “- Sim.”**

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### **Identificação da criança**

**Nome: K Idade: 4 anos Género: menino**

**Data da entrevista** \_\_\_\_\_

### **SITUAÇÃO**

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

- 1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**
  - a) **Se for menina?** “-Cor de Rosa”
  - b) **Se for menino?** “-Azul”
  
- 2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**
  - a) **Se for menina?** “- Calções, saia.”
  - b) **Se for menino?** “- Sapatos, Calças.”
  
- 3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**
  - a) **Se for menina?** “- Da Joana.”
  - b) **Se for menino?** “- Do Bernardo.”
  
- 4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**
  - 4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**
    - a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”

- b) **Lavar o carro.** “- Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **Aspirar.** “- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.** “- Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **A aspirar.** “- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- A mãe e o pai.”**

**5.1 Porquê? “-Porque às vezes eles cheguem atrasados.”**

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Sim.”
- b) **Basquetebol.** “-Sim.”
- c) **Voleibol.** “- Sim.”
- d) **Andebol.** “- Sim.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “- Sim.”
- g) **Natação.** “- Sim.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar? “-Sim.”**

**b) Porquê?** “- Porque dançar, fazer ginástica e brincar.”

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

**a) Qual achas que o Bernardo deve escolher?** “- Costureiro.”

**b) E a Joana, acha que ela pode ser camionista?** “- Sim.”

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### **Identificação da criança**

**Nome: L Idade: 5 anos Género: menino**

**Data da entrevista**\_\_\_\_\_

### **SITUAÇÃO**

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

- 1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**
  - a) **Se for menina?** “-Cor de Rosa”
  - b) **Se for menino?** “-Vermelho”
  
- 2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**
  - a) **Se for menina?** “- Saias.”
  - b) **Se for menino?** –“ Calças.”
  
- 3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**
  - a) **Se for menina?** “- Da Joana.”
  - b) **Se for menino?** “- No do Bernardo.”
  
- 4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**
  - 4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.**” – Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **Aspirar.**”- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.** “- Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Também.”
- d) **Reciclar.** “- Também.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **A aspirar.** “- Não.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- O pai.”**

**5.1- Porquê?** “-Porque a mãe tá a tomar conta do bebé..”

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Não.”
- c) **Voleibol.** “- Não.”
- d) **Andebol.** “- Sim.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “ - Sim.”
- g) **Natação.** “- Também.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar?** “-Não.”
- b) **Porquê?** “- Porque ele tem de tomar conta do mano.”

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

- a) **Qual achas que o Bernardo deve escolher?** “- Educador de Infância.”
- b) **E a Joana, acha que ela pode ser camionista?** “- Sim.”

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### **Identificação da criança**

**Nome: M Idade: 5 anos Género: menino**

**Data da entrevista**\_\_\_\_\_

### **SITUAÇÃO**

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

**1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**

- a) **Se for menina?** “-Cor de Rosa”
- b) **Se for menino?** “-Azul”

**2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**

- a) **Se for menina?** “- Saias e às vezes calças.”
- b) **Se for menino?** “- Só calças.”

**3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**

- a) **Se for menina?** “- No das meninas, da Joana.”
- b) **Se for menino?** “- Bernardo.”

**4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**

**4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Mais ou menos. Sim.”
- b) **Lavar o carro.**” – Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Não, isso não.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Acho que podia ser sim.”
- f) **Aspirar.**”- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Acho que também pode.”
- b) **Lavar o carro.** “- Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Não.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **A aspirar.** “- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- O pai.”**

**5.1 Porquê? “-Porque a mãe vai estar ocupada a tomar conta do bebé.”**

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Não.”
- c) **Voleibol.** “- Não.”
- d) **Andebol.** “- Não.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “ - Sim.”
- g) **Natação.** “- Sim.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar?** “-Não.”
- b) **Porquê?** “- Porque é um rapaz.”

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

- a) **Qual achas que o Bernardo deve escolher?** “- Educador de Infância.”
- b) **E a Joana, acha que ela pode ser camionista?** “- Não.”

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### **Identificação da criança**

**Nome: N Idade: 5 anos Género: menino**

**Data da entrevista** \_\_\_\_\_

### **SITUAÇÃO**

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

**1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**

- a) **Se for menina?** “-Acho cor de Rosa.”
- b) **Se for menino?** “-Azul.”

**2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**

- a) **Se for menina?** “- Saia.”
- b) **Se for menino?** “- Calças.”

**3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**

- a) **Se for menina?** “- Com a Joana.”
- b) **Se for menino?** “- Com o Bernardo.”

**4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**

**4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.”** – Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Não.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **Aspirar.”**(...)”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.** “- Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Não.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **A aspirar.** “- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola?** “- Eu acho que é as mães.”

**5.1- Porquê? Mónica-** “porque é mãe que vem trazer a ti também.”

**Martim-** “- Sim.”

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Não.”
- c) **Voleibol.** “- Não.”
- d) **Andebol.** “-Não.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “- Sim.”
- g) **Natação.** “- Sim.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar?** “-Não.”
- b) **Porquê?** “- Porque é...eu acho ele não pode.”

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

- a) **Qual achas que o Bernardo deve escolher?** “-Eu acho deve ser Educador de infância.”
- b) **E a Joana, acha que ela pode ser camionista?** “- Eu acho não.”

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### **Identificação da criança**

**Nome: O Idade: 4 anos Género: menino**

**Data da entrevista** \_\_\_\_\_

### **SITUAÇÃO**

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

**1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**

- a) **Se for menina?** “- Cor de Rosa.”
- b) **Se for menino?** “-Azul.”

**2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**

- a) **Se for menina?** “- Saia.”
- b) **Se for menino?** “- Calças.”

**3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**

- a) **Se for menina?** “- No da Joana.”
- b) **Se for menino?** “- No do menino. No do Bernardo.”

**4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**

**4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Não.”

- b) **Lavar o carro.** “- Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Não.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **Aspirar.** “- Não.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.** “- Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Não.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **A aspirar.** “- Não.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “ Não sei. O pai.”**

**5.1- Porquê? “não respondeu...”**

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Sim.”
- c) **Voleibol.** “- Não.”
- d) **Andebol.** “-Não.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “ - Sim.”
- g) **Natação.** “- Sim.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar? “-Não.”**

**b) Porquê? “- Não sei, não sei.”**

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

**a) Qual achas que o Bernardo deve escolher? “-Costureira.”**

**b) E a Joana, acha que ela pode ser camionista? “- Não.”**

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### **Identificação da criança**

**Nome: P Idade: 5 anos Género: menino**

**Data da entrevista** \_\_\_\_\_

### **SITUAÇÃO**

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

**1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**

**a) Se for menina?** “-Rosa.”

**b) Se for menino?** “-Azul nas calças e a camisola de azul.”

**2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**

**a) Se for menina?** “- ás vezes usam saias e ás vezes collants.”

**b) Se for menino?** “- Usem meias e calças e ténis.”

**3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**

**a) Se for menina?** “- No da Joana.”

**b) Se for menino?** “- No do Bernardo.”

**4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**

**4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.”** – Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Não.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **Aspirar.”**- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.** “- Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Não.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **A aspirar.** “- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “o pai e a mãe.”**

**5.1- Porquê? “ porque o pai tem um carro.”**

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Não.”
- c) **Voleibol.** “- Não.”
- d) **Andebol.** “-Não.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “ - Sim.”
- g) **Natação.** “- Não.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar?** “-sim.”
- b) **Porquê?** “- Porque ele gosta sempre de dança.”

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

- a) **Qual achas que o Bernardo deve escolher?** “- Educador de infância.”
- b) **E a Joana, acha que ela pode ser camionista?** “- Sim.”

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### Identificação da criança

**Nome: Q Idade: 4 anos Género: menino**

**Data da entrevista**\_\_\_\_\_

### SITUAÇÃO

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

**1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**

- a) **Se for menina?** “- Cor de Rosa.”
- b) **Se for menino?** “-Azul.”

**2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**

- a) **Se for menina?** “- Vestidos.”
- b) **Se for menino?** “- Calças.”

**3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**

- a) **Se for menina?** “- Com a Joana.”
- b) **Se for menino?** “- Com o Bernardo.”

**4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**

**4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”

- b) **Lavar o carro.**” – Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **Aspirar.**”- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.** “- Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **A aspirar.** “- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “Os pais.”**

**5.1- Porquê? “Porque eles não podem ir sozinhos, senão os guardas prendem.”**

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Não.”
- c) **Voleibol.** “- Não.”
- d) **Andebol.** “-Não.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “ - Sim.”
- g) **Natação.** “- Sim.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar? “-Não.”**

**b) Porquê? “- Não sei...”**

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

**a) Qual achas que o Bernardo deve escolher? “-Costureiro.”**

**b) E a Joana, acha que ela pode ser camionista? “- Não.”**

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### Identificação da criança

**Nome: R Idade: 4 anos Género: menino**

**Data da entrevista** \_\_\_\_\_

### SITUAÇÃO

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

**1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**

- a) **Se for menina?** “- Cor de Rosa.”
- b) **Se for menino?** “-Azul.”

**2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**

- a) **Se for menina?** “- Sapatos, roupa, calças”
- b) **Se for menino?** “- Calções.”

**3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**

- a) **Se for menina?** “- Na cama. Da Joana.”
- b) **Se for menino?** “- No Bernardo.”

**4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**

**4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”

- b) **Lavar o carro.** –Com a torneira. Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **Aspirar.**”- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Sim.”
- b) **Lavar o carro.** “- Sim.”
- c) **Cozinhar.** “- Sim.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **A aspirar.** “- Sim.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola?** “- Eu acho que é as mães,

**5.1- Porquê?** “No carro, os pais e as mães.”

“ porque eles têm de ir à escola.”

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Não.”
- c) **Voleibol.** “- Sim.”
- d) **Andebol.** “-Sim.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “ - Sim.”
- g) **Natação.** “- Sim.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar?** “-Sim.”
- b) **Porquê?** “- Porque eles têm de ir à escola.”

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

- a) **Qual achas que o Bernardo deve escolher?** “-Costureiro.”
- b) **E a Joana, acha que ela pode ser camionista?** “- Não.”

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### Identificação da criança

**Nome: S Idade: 4 anos Género: menina**

**Data da entrevista**\_\_\_\_\_

### SITUAÇÃO

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

- 1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**
  - a) **Se for menina?** “Da minie, sapatos, cor de rosa”
  - b) **Se for menino?** “-Azul”
  
- 2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**
  - a) **Se for menina?** “- Tocas, e também calças e também blusas”.
  - b) **Se for menino?** “- Vestem roupa e calças.”
  
- 3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**
  - a) **Se for menina?** “- No quarto de meninas, na joana.”
  - b) **Se for menino?** “-No do menino, Bernardo.”
  
- 4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**
  - 4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**
    - a) **Lavar a loiça.** “- Não.”

- b) **Lavar o carro.** “- Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Não.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Não.”
- f) **Aspirar.** “- Não.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**Porque achas que o bernardo não pode fazer nada?**

Porque ele é mais muito pequeno

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Pode.”
- b) **Lavar o carro.** “- Pode.”
- c) **Cozinhar.** “- Pode.”
- d) **Reciclar.** “- Pode.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Pode.”
- f) **A aspirar.** “- Pode.”
- g) **Fazer as compras.** “- Pode.”

Porque achas que a joana pode fazer tudo? Porque ela é mais grande.

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- O pai.”**

**5.1- Porquê? “-Porque eles vão do carro.”**

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Pode.”
- b) **Basquetebol.** “-Pode.”
- c) **Voleibol.** “- Pode.”
- d) **Andebol.** “- Pode.”
- e) **Ginástica.** “- Pode.”
- f) **Dança.** “- Pode.”
- g) **Natação.** “- Pode.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar? “-Não.”**

**b) Porquê?** “- Porque ele é muito pequeno.”

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

**a) Qual achas que o Bernardo deve escolher?** “- Educador de infância”

**b) E a Joana, acha que ela pode ser camionista?** “- Pode.”

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.

### Identificação da criança

**Nome: T Idade: 6 anos Género: menina**

**Data da entrevista** \_\_\_\_\_

### SITUAÇÃO

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

**1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**

- a) **Se for menina?** “- Rosa”
- b) **Se for menino?** “-Azul”

**2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**

- a) **Se for menina?** “Camisolas, umas saias ou uns calções”.
- b) **Se for menino?** “- Umas calças azuis e uma camisola vermelha.” (Roupa que o Pedro estava a usar).

**3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**

- a) **Se for menina?** “- No do Bernardo.”
- b) **Se for menino?** “- No Bernardo.” Porque são meninos”.

**4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**

**4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Pode.”
- b) **Lavar o carro.**” – Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Pode.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Pode.”
- f) **Aspirar.**”- Não.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Se ela quiser pode.”
- b) **Lavar o carro.** “- Se não quiser não lava.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Não.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Pode.”
- f) **A aspirar.** “- Pode.”
- g) **Fazer as compras.** “- Pode.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- O pai e a mãe.”**

**5.1- Porquê? “-A mãe pode estar muito atrasada e o pai pode ir mais tarde.”**

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não.”
- b) **Basquetebol.** “-Não.”
- c) **Voleibol.** “- Não.” Porque são para meninos, mais grande que ela.”
- d) **Andebol.** “- Não.” “São para meninos mais altos que aqueles.
- e) **Ginástica.** “- Se ela for de algum grupo de dança, pode.” Às vezes também fazemos com a nossa professora.”
- f) **Dança.** “- Sim.”
- g) **Natação.** “- Sim.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar?** “-Não.”
- b) **Porquê?** “- Porque acho que são para meninas.”

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

- a) **Qual achas que o Bernardo deve escolher?** “- Educador de Infância, é como as professoras da escola do meu irmão.”
- b) **E a Joana, acha que ela pode ser camionista?** “- Não, só o pai. Achas que ela quando for crescida pode ser camionista. Não porque ela é uma senhora depois e já não é uma menina. As meninas não podem conduzir um camião porque só podem conduzir carros para ir para o trabalho. O meu avô vende pintos, os senhores telefonam depois tiram-lhes as penas e comem, e o avô quando vai à horta também tira as penas para almoçar. ”

### Identificação da criança

**Nome: U Idade: 5 anos Género: feminino**

**Data da entrevista**\_\_\_\_\_

### SITUAÇÃO

“ O Bernardo tem quatro anos e a Joana tem seis anos. Hoje os seus pais estiveram a conversar com eles para lhes dizer que vão ter um irmãozinho ou uma irmãzinha. Ficaram todos muito felizes pela chegada do novo membro da família. Os pais da Joana e do Bernardo pediram ajuda aos dois nos preparativos para quando o irmãozinho ou a irmãzinha nascer. Os irmãos ficaram muito entusiasmados e comprometeram-se a ajudar os pais nas tarefas e nas compras para o enxoval do bebé.”

- 1- Que cores de roupa é que os pais, o Bernardo e a Joana devem escolher para o bebé?**
  - a) **Se for menina?** “-Cor de Rosa”
  - b) **Se for menino?** “-Azul”
  
- 2- Que peças de roupa achas que devem escolher?**
  - a) **Se for menina?** “- Vestidos e saias”.
  - b) **Se for menino?** “- Calções e calças.”
  
- 3- Em que quarto poderá dormir o bebé, no da Joana ou no do Bernardo?**
  - a) **Se for menina?** “- No da Joana.” Porque é menina.”
  - b) **Se for menino?** “- No Bernardo.” Porque é menino.”
  
- 4- Como os pais andam muito cansados quem achas que poderá ajudar?**
  - 4.1-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que o Bernardo poderá fazer:**
    - a) **Lavar a loiça.** “- Não.” Porque ele ainda não é crescido.

- b) **Lavar o carro.** – Não.”
- c) **Cozinhar.** “- Não.”
- d) **Reciclar.** “- Não.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **Aspirar.**”- Não.”
- g) **Fazer as compras.** “- Não.”

**4.2-Tendo em conta as hipóteses diz quais as tarefas que a Joana poderá fazer:**

- a) **Lavar a loiça.** “- Não.”
- b) **Lavar o carro.** “- Também não.”
- c) **Cozinhar.** “- Também não.”
- d) **Reciclar.** “- Sim.”
- e) **Arrumar a roupa.** “- Sim.”
- f) **A aspirar.** “- Não.”
- g) **Fazer as compras.** “- Sim.”

**5- Quando o bebé nascer quem os deverá levar à escola? “- O pai.”**

**5.1- Porquê? “-Porque ele não tem filhos. Porque os filhos são filhos dele.”**

**6- A Joana não pratica nenhum desporto, das hipóteses que se seguem diz qual ou quais ela poderá escolher:**

- a) **Futebol.** “- Não, porque ela não é menino.”
- b) **Basquetebol.** “-Pode.”
- c) **Voleibol.** “- Sim.”
- d) **Andebol.** “- Não.”
- e) **Ginástica.** “- Sim.”
- f) **Dança.** “ - Também.”
- g) **Natação.** “- Sim.”

**7- A professora do Bernardo convidou-o para fazer parte do grupo de dança da escola.**

- a) **Achas que ele deve aceitar? “-Não.”**

**b) Porquê?** “- Porque ele não é menina.”

**8- A Joana quando for crescida quer ser camionista, mas o Bernardo ainda está indeciso entre ser Educador de Infância ou Costureiro?**

**a) Qual achas que o Bernardo deve escolher?** “- Costureiro.”

**b) E a Joana, acha que ela pode ser camionista?** “- Não, porque ela não tem carta de condução.”

Obrigado por teres ajudado a Joana e o Bernardo a fazerem as escolhas certas.